

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

GIANE RAMOS

**APRENDIZAGENS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS  
DA REDE PRIVADA DE PORTO ALEGRE: COM A PALAVRA, O PROFESSOR**

Porto Alegre  
2015

GIANE RAMOS

**APRENDIZAGENS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS  
DA REDE PRIVADA DE PORTO ALEGRE: COM A PALAVRA, O PROFESSOR**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa  
de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de  
Educação da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Inês Côrte Vitória  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marta Luz Sisson de Castro

Porto Alegre  
2015

## DADOS DE CATALOGAÇÃO

R175A Ramos, Giane

Aprendizagens musicais na educação infantil em escolas da rede privada de  
Porto alegre: com a palavra, o professor / Giane Ramos. – Porto Alegre, 2015.  
148 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio  
Grande do Sul

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Inês Côrte Vitória

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marta Luz Sisson de Castro

1. Educação Infantil. 2. Educação Musical. 3. Professores de Música. 4. Rede Privada de Porto Alegre

CDD370

Bibliotecária responsável: Cláudia de Jesus Oliveira – CRB 8/8482

GIANE RAMOS

**APRENDIZAGENS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS DA  
REDE PRIVADA DE  
PORTO ALEGRE: COM A PALAVRA, O PROFESSOR**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Inês Côrte Vitória (PUCRS)

---

Coorientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Marta Luz Sisson de Castro (PUCRS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres (Centro Universitário Metodista IPA)

---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho (Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS)

Porto Alegre  
2015

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Maria Inês e coorientadora Marta que foram me indicando os caminhos, sinalizando os desvios, orientando os retornos para que pudesse chegar aqui. A caminhada é cheia de atalhos, mas muitas vezes eles não são as melhores escolhas e vocês me ajudaram cada uma com seu jeito, a retomar o curso da jornada e a não desanimar.

À minha primeira professora, Irmã Carmen que, mesmo sem saber, despertou em mim a curiosidade e o encantamento de trabalhar com as crianças. Eu, ainda criança, descobri que cada um tem suas peculiaridades, mas que todos nós podemos aprender.

Aos compositores, cantores e músicos que me inspiraram e me presentearam, mesmo sem ter essa intenção, com a matéria prima para minhas aulas, pesquisas e estudos.

Aos amigos e colegas de estudos, por acreditarem em mim e me acompanharem, alguns de longe, outros de pertinho, nessa jornada exaustiva, mas recompensadora que é educar e refletir sobre a educação. Obrigada por entenderem quando eu não pude estar presente nas comemorações e por me fazerem largar tudo, em alguns momentos, para conversar, rir e sair do “confinamento”.

Aos meus entrevistados, que dedicaram um tempo de suas vidas corridas de professores para me contar de suas experiências, expectativas e conquistas com as crianças.

Em especial, agradeço à minha família: meu pai, Valdir, que, de onde quer que esteja, tenho certeza, vibra com minhas conquistas; minha mãe Gerça, que sempre mostrou a mim e minha irmã que o estudo seria importante para toda a vida; minha irmã Cleusa, executiva de sucesso que me inspira e incentiva; meu filho João Pedro, razão das minhas alegrias e parceiro de cinema e pizza, nas horas em que tudo o que eu precisava era espairer.

## **LISTA DE SIGLAS**

AI - Anos Iniciais

AF - Anos Finais

ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical

BNC - Base Nacional Comum Curricular

CNCO - Conservatório Brasileiro de Canto Orfeônico

CLJ - Curso de Liderança Juvenil

EI - Educação Infantil

EM - Ensino Médio

ECAD - Escritório Central de Arrecadação

IPA - Instituto Porto Alegre

MEC - Ministério da Educação e Cultura

ONDA - Objetivo Novo De Apostolado

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande do Sul

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SEMA - Superintendência de Educação Musical e Artística

## LISTA QUADROS

Quadro 1 - Dados de identificação dos entrevistados	45
Quadro 2 - Entrevistado " <i>Paul</i> "	48
Quadro 3 - Entrevistado " <i>Elis</i> "	56
Quadro 4 - Entrevistado " <i>Villa Lobos</i> "	70
Quadro 5 - Entrevistado " <i>Lobos</i> "	82
Quadro 6 - Entrevistado " <i>Doug</i> "	96
Quadro 7 - Trajetória profissional dos entrevistados	119
Quadro 8 - Características das crianças que chegam na escola	121
Quadro 9 - Aulas, materiais e espaços adequados para a prática pedagógico-musical	123
Quadro 10 - Práticas pedagógico-musicais dos professores	126
Quadro 11 - Feedback do trabalho dos professores entrevistados	129
Quadro 12 - Principais aspectos que precisam estar presentes nas aulas de Música	135
Quadro 13 - Categorização dos achados	134

## RESUMO

O presente estudo se propõe a pesquisar e refletir sobre as aprendizagens musicais na Educação Infantil como o objetivo primeiro dessa dissertação. Buscando saber como acontecem essas aprendizagens e qual é o cenário atual nas escolas da Rede Privada de Porto Alegre. Foram escolhidos cinco professores de Música, que estão trabalhando nessa etapa da educação básica, para que pudessem trazer as suas impressões sobre estes processos de aprendizagem. Assim, a partir de entrevistas semiestruturadas, foram coletados os dados para análise e conclusões. Cabe destacar que cada pessoa, ao desempenhar uma função na sociedade, uma profissão que escolheu ou que lhe surgiu como opção, traz consigo sua história, suas crenças, suas concepções acerca da educação e, por isso, os dados coletados são relevantes no sentido de se dar voz aqueles que estão diretamente implicados nos processos de ensino e de aprendizagem. As crianças, por sua vez, são descritas por estes profissionais, que tem a certeza da importância de seu trabalho para a formação do indivíduo.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação Infantil. Educação Musical. Professores de Música. Rede Privada de Porto Alegre.

## ABSTRACT

This study aims to research and reflect on musical learning in Early Childhood Education as the primary objective of this dissertation. Seeking to know how these learnings happen and what is the current situation in the schools Private Network from Porto Alegre, five Music teachers were chosen, who are working at this stage of basic education, so that they could bring their impressions about these learning processes. Hence from semi-structured interviews, data were collected for analysis and conclusions. It should be noted that each person, playing a role in society, their chosen profession or one that emerged as an option, brings his or her history, beliefs, concepts of education and therefore the data collected are relevant in order to give voice to those who are directly involved in the teaching and learning processes. Children, in turn, are described by these professionals, who have the certainty of the importance of their role in the individual formation.

Keywords: Learning. Early Childhood Education. Music Education. Music Teachers. Private Network from Porto Alegre.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REPERTÓRIO DE UMA VIDA: A CAMINHADA QUE SE TRADUZ EM ESCOLHAS .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A PROBLEMÁTICA: PENSANDO NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM.....</b>	<b>21</b>
3.1	QUESTÕES NORTEADORAS .....	21
3.2	PROBLEMATIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO .....	22
<b>4</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO: EM BUSCA DE INTERLOCUTORES BASILARES .....</b>	<b>24</b>
4.1	O QUE NOS DIZ A LEI SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA .....	24
4.2	PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICAIS NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	32
4.3	A APRENDIZAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DO PROFESSOR.....	37
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA: TRAÇANDO METAS E CAMINHOS INVESTIGATIVOS</b>	<b>40</b>
5.1	OS SUJEITOS DE PESQUISA.....	42
5.2	AS ENTREVISTAS .....	43
5.3	AS FALAS RECOARENTES.....	120
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>137</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>142</b>
	<b>ANEXO 1.....</b>	<b>145</b>
	<b>ANEXO 2.....</b>	<b>146</b>

*“Ontem um menino  
Que brincava me falou  
Que hoje é semente  
Do amanhã  
Para não ter medo  
Que esse tempo vá passar  
Não se desespere  
Nem pare de sonhar...”*

(Semente do amanhã, Gonzaguinha)

## 1 INTRODUÇÃO

Buscando refletir sobre as aprendizagens musicais infantis, sob a perspectiva dos professores, é que esta Dissertação de Mestrado será desenvolvida. Vinculada à linha de pesquisa Formação, Políticas e Práticas em Educação, do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, se propõe a analisar como ocorrem esses processos de construção de conhecimento, pensado por 5 professores de Música que atuam em classes de Educação Infantil, em 8 escolas da Rede Privada da cidade de Porto Alegre. Interessa saber quais são os objetivos, os recursos, a metodologia e a visão de infância desses educadores e, ainda, quais são suas percepções sobre como se dão essas aprendizagens.

O título escolhido: APRENDIZAGENS MUSICAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS DA REDE PRIVADA DE PORTO ALEGRE: COM A PALAVRA, O PROFESSOR, tem um significado do que, de certa forma, expressa minha trajetória pessoal e profissional, pois fala do trabalho com o qual me identifico e vínculo há quase 30 anos. Ao trabalhar com a faixa etária de 0 a 6 anos incompletos, etapa que caracteriza a Educação Infantil, estou em constante reflexão sobre a minha prática pedagógico-musical e também sobre a prática daqueles que se dedicam a estudar essa temática.

Quanto à relevância social deste trabalho, acredito que poderá ajudar na reflexão e na formação dos professores que escolherem a referida faixa etária como foco de seu trabalho, na medida em que a Música, enquanto área de conhecimento, requer um conhecimento técnico específico e imprescindível, da mesma forma que pressupõe um conhecimento em relação às habilidades a serem desenvolvidas, as ações pedagógicas e as características peculiares às crianças, na Educação Infantil.

No início da minha vida profissional ligada à Educação Musical, a base das minhas aulas eram o canto com acompanhamento do violão. Com o passar do tempo, as minhas buscas por meio de cursos e leituras e também de minhas observações em sala de aula, fizeram com que eu ampliasse essas práticas pedagógicas, saindo da zona confortável do que já era sabido e me aventurando pelo desconhecido. E não é exatamente assim que construímos novas aprendizagens? De acordo com Madalena Freire (1989):

Construir conhecimento implica enfrentar a tensão do não saber, do medo, do sofrimento, do escuro, do branco das ideias, perda... para depois conquistar o relaxamento, o repouso temporário da construção de um conhecimento, uma resposta transformadora. (FREIRE, 1989, p.2)

Por isso, saber dos professores de como está acontecendo essa busca pelo conhecimento, quais os aspectos estão sendo priorizados nas aulas, como estão instigando as crianças a realizarem novas descobertas sobre a Música é fundamental para que possamos responder aos questionamentos iniciais que dizem respeito às aprendizagens musicais infantis.

Assim, partindo do senso comum que diz que “a música aproxima, acalma, atrai a todos”, nos permitimos embrenharmo-nos mais a fundo nessa linguagem artística, procurando saber no que, de fato, a aula de Música, na escola de Educação Infantil, pode contribuir para a formação integral da criança.

A pesquisa de campo foi baseada em cinco entrevistas com professores atuantes nesse nível de ensino, na Rede Privada, na disciplina (ou componente curricular) de Música. As entrevistas foram gravadas e transcritas, procurando traçar categorias que surgiam das respostas dos entrevistados para posterior análise de dados e reflexões teóricas acerca dos achados da pesquisa.

Este trabalho está organizado em capítulos que aprofundam cada elemento formador dessa pesquisa, começando, com um breve relato sobre o que trata esta dissertação de mestrado.

No capítulo dois, a vida de uma menina, tímida do interior do Rio Grande do Sul, ligada à música desde cedo, conta as vivências, os desafios e as conquistas que a levaram ao curso de licenciatura. Certamente os caminhos percorridos explicam as escolhas feitas ao longo deste estudo.

No capítulo três, exploramos os porquês da escolha do tema, traçando as linhas norteadoras e problema, que orientarão a jornada para que não nos afastemos da temática em questão.

Fundamentada em pesquisa bibliográfica sobre o assunto, o capítulo quatro traz para o debate os autores para essa sustentação teórica, nos mais diversos aspectos que aqui serão explorados: o que nos diz a lei, quais as práticas pedagógico-musicais já são conhecidas, qual o papel do professor nessas aprendizagens.

À luz de uma abordagem qualitativa, o capítulo cinco trata da metodologia escolhida, explicitando como buscamos e analisamos os dados, por meio de entrevistas, e como essas informações podem ecoar no cenário da Educação Musical na etapa da Educação Infantil.

Ao final, o capítulo das considerações finais que apresenta os resultados e achados da pesquisa, bem como indica novos caminhos de investigação.

*“Há um menino*

*Há um moleque*

*Morando sempre no meu coração*

*Toda vez que o adulto balança*

*Ele vem pra me dar a mão...”*

(Bola de meia, bola de gude,

Milton Nascimento)

## 2 REPERTÓRIO DE UMA VIDA: A CAMINHADA QUE SE TRADUZ EM ESCOLHAS

Desde cedo, a música me mobiliza. Ouvir, apreciar vozes e sons instrumentais, cantar foram ações comuns em meio a muita brincadeira. E para contar um pouco do que vivi até aqui, faço uma reflexão sobre essa jornada: minha formação como pessoa, filha caçula de uma família de duas irmãs, mãe de filho único, professora de Música, apreciadora da literatura, amiga, colega, aluna, ser social e político. Como separar cada uma dessas dimensões? Não vejo ser possível, pois é o todo que vai justificar minhas escolhas enquanto pesquisadora. Busco apoio para o que aqui me proponho nos versos da canção do grupo de rock brasileiro Titãs que diz “*é caminhando que se faz o caminho*”, inspirados no poeta português Fernando Pessoa. Cada passo dado, desde o nascimento, constitui o ser integral. Os caminhos escolhidos, os atalhos, os retornos, os avanços, cada etapa do percurso tem seu significado nessa caminhada.

Nasci e cresci em uma família de classe média. Meu pai trabalhou como gerente em algumas empresas privadas até o ano de 1977, quando faleceu. Minha mãe, até então dona de casa, precisou acumular a função de provedora para poder criar as duas filhas. Desde que tenho lembrança, aprecio ouvir música e cantarolar. Mas isso não é privilégio meu. Em conversas informais, várias pessoas de meu círculo de amizades também referem essa ligação musical inicial. Senso comum. Mas algo soava diferente. Sempre apreciei ouvir músicas no rádio, ver programas de auditório nos quais tivessem calouros e atrações musicais, assim como cantar no colégio e na Igreja.

Minha lembrança mais remota, enquanto aluna, é de uma Escola confessional, do interior do Rio Grande do Sul. Lá, tive a alegria de conhecer minha primeira professora, a Irmã Carmen. Desde nossos primeiros contatos, os elos de afetividade foram sendo estabelecidos, bem como minha admiração por ela, que, além de manter uma voz mansa e serena no encaminhamento das atividades, cantava e tocava violão. Logo me encantei por ela e fui incentivada a me expor, a falar no grupo, a cantar. Nem de longe imaginaria que iria trabalhar com a linguagem musical na Escola.

Ao longo destes anos iniciais de minha escolaridade (1º ao 5º ano), a música esteve sempre presente como linguagem, mas nem sempre como componente curricular. Ações como cantar, dançar, brincar de roda e de jogos de mãos, ensaiar para as festividades escolares e eventos religiosos, participar das missas na capela da Escola faziam parte do cotidiano.

Quando, porém, viemos morar em Porto Alegre, a música não fazia parte do currículo na Escola Estadual onde ingressei, na 6ª série do Ensino Fundamental (chamado de 1º grau, na

época). Lembro-me de uma professora de artes que propunha alguns desafios musicais, como a iniciação à flauta doce. Nesta época, por volta dos 11 anos de idade, ingressei em um grupo da Igreja católica voltado para crianças. Nos encontros dominicais, antes da missa, havia muita música. Muitas daquelas crianças tocavam violão e eu, que desde pequena pedia um piano para minha mãe e não pude tê-lo, ganhei um violão. Comecei a aprender os primeiros acordes e logo já conseguia acompanhar as melodias. Até então eu era uma menina introvertida, que não gostava de me expor, a não ser em família, quando subia num banquinho para cantar, declamar poesias, imitar comerciais de TV. No ONDA (Objetivo Novo De Apostolado – movimento da Igreja Católica), comecei, pouco a pouco a me expor, cantar, ajudar nas leituras e mais tarde dar palestras para os mais jovens. Tempos mais tarde, aos 14 anos de idade, ingressei em outro movimento cristão, agora para adolescentes, o CLJ (Curso de Liderança Juvenil). Ali já liderava os grupos, coordenava os retiros e o grupo de violões. Segui nessa caminhada junto de meu violão, companheiro inseparável.

Nessa época, já adolescente, tinha a certeza de que queria ser professora, mas não estava certa de qual área escolheria. Desde pequena apreciava as matérias relacionadas à área das Ciências Humanas. Adorava ver meu pai, homem de poucos estudos formais, mas de muito conhecimento, falar sobre a História Mundial e assuntos gerais. Ele respondia às perguntas dos programas de auditório, que acompanhávamos pela televisão. Fascinava-me, desde a infância, a habilidade com as palavras que meu pai demonstrava. Passados alguns anos e depois da sua morte, esses pensamentos continuavam a me fazer companhia. Gostava de ler, estudar, falar e escrever. Mas, o que, mesmo, vou ser quando crescer? Eu percebia (e as pessoas ao redor verbalizavam) que tinha a habilidade de falar em público, de tomar a frente do grupo de violões, e que gostava de ensinar.

Aos 17 anos ingressei na faculdade de História (PUC/1987-1992). Como precisava ajudar minha família economicamente, apesar de ter conseguido 100% de bolsa, queria trabalhar. Foi quando uma amiga abriu uma Escola de Educação Infantil (na época denominada de pré-escola), e me convidou para trabalhar com ela. Eu nada sabia sobre Educação Infantil e, com o auxílio e incentivo dessa amiga, então coordenadora da Escola, me aventurei como professora regente, no turno da manhã, e professora de Música, no turno da tarde. Como já tocava violão, fui em busca de cursos na área da Educação Musical, que me auxiliassem na ampliação do meu repertório de canções e atividades, que inicialmente era tocar violão e cantar com as crianças. Mas nem de longe imaginava ser professora especializada em Música. A Música era, na época (e até alguns anos atrás), um diferencial na minha prática de sala de aula.

Eu admirava os professores de Música, mas me parecia que não tinha conhecimentos teóricos suficientes para ser como eles. Me parecia até uma heresia cogitar atuar nessa área.

Mas a identificação com a faixa etária da Educação Infantil foi tamanha que, terminado o curso mencionado, ingressei na Faculdade de Pedagogia, também na PUC-RS (1994-1997), seguindo meus planos de ser uma professora, agora já focando na etapa dos 0 aos 6 anos. A aprendizagem sobre o desenvolvimento infantil, a didática, as concepções de educação foram temas que me deram o embasamento teórico do que já vinha realizando na prática.

Continuei em sala de aula, mas sempre trabalhando com Música paralelamente, em turnos opostos, em outras Escolas, realizando Oficinas com colegas. Foi apenas há 7 anos que saí da Regência de turma e me dediquei aos estudos na área de Educação Musical, ingressando no curso de Licenciatura em Música, no IPA. A direção da Escola onde trabalho há quinze anos me ofereceu essa oportunidade de trabalhar com a disciplina de Música e eu aceitei. Hoje, vejo que a música sempre esteve presente em minha vida profissional, mesmo que não em primeiro plano.

Seguindo minha caminhada, busquei o curso de Especialização em Educação Musical, na FEEVALE. Logo que as aulas iniciaram, me deparei com uma turma peculiar, diversa, única. Alguns alunos vindos da Licenciatura em Música, outros Músicos profissionais e ainda outros da área da Pedagogia. Momentos riquíssimos, de intensas discussões e ponderações sobre antagônicos pontos de vista nos levaram a novas aprendizagens. Não temos como sair ilesos da convivência com outras pessoas. Ainda mais em um meio acadêmico eclético, em que cada um acredita em suas 'verdades'. Mas, o que é mesmo a Verdade? Assim como eu buscava a História verdadeira, a verdade absoluta, o silêncio total, me deparei com uma certeza: de que não existem História, nem silêncio nem verdade absolutos. Existem pontos de vista, existem teorias, existem estudos que nos levam para este ou aquele caminho. Cabe a cada um de nós escolher para e por onde queremos ir. Meu trabalho de conclusão deste curso focou na questão do repertório infantil e seus ecos no ambiente familiar.

Terminada a especialização, resolvi então me aventurar por águas mais profundas. Me inscrevi na prova do Mestrado e, para minha alegria, li meu nome na lista dos aprovados. Ao ingressar no curso, tinha uma ideia do que queria pesquisar, mas as aulas, as leituras, os debates com colegas das mais diversas áreas, fizeram com que os novos rumos fossem se delineando.

Assim, o que me instigou a pesquisar foram as práticas pedagógico-musicais e como acontecem as aprendizagens ligadas às primeiras séries, principalmente da etapa inicial: a Educação Infantil. A ideia de aprofundar essa temática resulta da minha identificação com a

musicalização, pois essa fase do processo de construção de conhecimentos acerca da música agrega o imaginário, o lúdico, a fantasia, o jogo, que são matérias-primas do universo infantil.

Chama-me a atenção como as crianças desenvolvem-se nessa área, construindo seus conhecimentos acerca do que é música e do que nela está inserida: sons, silêncios, canto, instrumentos, estilos musicais e uma série de outros conteúdos. Diante disso, considero fundamental que a musicalização agregue práticas e materiais lúdico-pedagógicos no processo de ensino e de aprendizagem da música como ferramentas importantes que auxiliam no desenvolvimento infantil.

Considerando a criança como um ser em constante formação (e transformação), percebe-se que ela brinca de diversas maneiras, de acordo com seu desenvolvimento físico, intelectual e emocional. Para melhor compreender como pensa a criança e, por consequência, como joga, como brinca, como se relaciona com o mundo ao seu redor e como aprende, recorro a Brito (2003):

A criança é um ser “brincante” e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, “transforma-se em sons”, num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, “descobre instrumentos”, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos [...].(BRITO, 2003, p. 35)

Assim como a criança constrói seus conhecimentos relacionados ao mundo que a rodeia, por meio do faz de conta, recriando situações vivenciadas nos mais diversos e grupos nos quais está inserida, ela brinca com a Música, partindo de suas experiências sociais. Ela vivencia e explora os materiais disponíveis, sejam eles instrumentos musicais, brinquedos ou sucata, e é capaz de reproduzir e criar melodias, pelo simples prazer de brincar.

Mas não é somente na infância que isso acontece. Podemos dizer que a relação com a música apresenta-se intensa, em todas as fases da vida humana, pois estamos constantemente rodeados de sons, mesmo que, às vezes, pensemos que estamos blindados a estes estímulos.

Ainda conforme Brito (2003):

É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de um modo ou de outro: escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões. Ouvimos música no supermercado ou sentados na cadeira do dentista! Surpreendemo-nos cantando aquela canção que parece ter “cola” e que não sai da nossa cabeça e não resistimos a, pelo menos, mexer os pés, reagindo a um ritmo envolvente. E quantos de nós já não inventaram canções, seja durante a infância, seja para ninar nossos filhos? Temos um repertório musical especial que reúne músicas significativas que dizem respeito à nossa história de vida: as músicas da infância, as que nos lembram alguém, as que cantávamos na escola, as que nos remetem a fatos

alegres ou tristes, as que ouvimos no rádio, em concertos, shows, etc. (BRITO, 2003, p. 31)

Portanto, vemos que se aprende Música (ou quaisquer outros saberes) desde que nascemos. O meio, as relações com os objetos e com o outro nos possibilitam a construção de novos conhecimentos. Assim, pensar uma Educação Musical que priorize práticas pedagógico-musicais alicerçadas em materiais lúdico-pedagógicos, se faz necessário para que possamos compreender como a criança aprende Música, desde bebê.

Desde que iniciei o trabalho como professora de Música, os desafios, as conquistas e os questionamentos me acompanham diariamente. Minha formação na Pedagogia – Educação Infantil – me possibilitou embrenhar-me nas pesquisas e planejamentos para as crianças dessa etapa com entusiasmo. Organizar o espaço para esperar meus pequenos estudantes sempre foi uma de minhas premissas. Preparar o ambiente, com almofadas e materiais dispostos no centro da roda faz com que eu entre na brincadeira, junto às crianças. O uso das histórias sonorizadas, das cantigas folclóricas acompanhadas por instrumentos diversos, a exploração de materiais alternativos, a confecção de instrumentos a partir de sucata, o canto, a movimentação corporal, a escuta das preferências das crianças e a escolha do repertório a ser ampliado são algumas das ações que possibilitam momentos de intenso significado para todos os envolvidos neste processo: professores e crianças (no ambiente escolar) e familiares (como eco das aprendizagens percebidas no ambiente familiar). Tenho tido o retorno das professoras titulares das turmas e de pais, mães e cuidadores que me encontram no corredor e perguntam: “Como é mesmo aquela nova música do caranguejo que surfava?”; ou “Profê, o T chegou em casa dizendo que tem que tomar bastante água pra cuidar da voz. Foi tu quem ensinou?; ou ainda: “Giane, posso filmar as crianças para mostrar na reunião de pais de como eles exercem sua autonomia nas tuas aulas?”. Estas e outras tantas falas me fazem refletir sobre o nosso papel enquanto professores. Atualmente, tenho turmas na etapa da Educação Infantil (0 a 3 anos) e no Ensino Fundamental (Anos Iniciais) até o 3º ano (8/9 anos). Essa amplitude na faixa etária possibilita que eu desacomode minhas práticas constantemente, pois, se a Educação Infantil é minha companheira desde o início de minha vida profissional, as aulas nos Anos Iniciais se apresentam como desafio, pois necessitam de outras abordagens, apesar de, inúmeras vezes, ser surpreendida com um pedido como: “Profê, canta aquela música da ‘Sereia’ que a gente cantava quando era pequeno”; ou: “Será que dá pra gente ir visitar aquele salão onde a gente brincava de se apresentar, no palco?”. Estamos falando de crianças. Maiores, sim, que apresentam outros olhares, evidentemente, mas crianças que querem brincar.

Por isso, escolhemos investigar como acontecem as aprendizagens pelo olhar do professor. Dar voz a estes profissionais que planejam, estudam, se deparam com dificuldades, mesmo na Rede Privada. É preciso conquistar o espaço, mostrar a importância desta linguagem, captar recursos para o investimento em uma sala adequada, com instrumentos, aparelho de som, recursos tecnológicos, tratamento acústico. E isso não acontece de uma hora para outra. É preciso acreditar e lutar para que todas as crianças possam usufruir de práticas criativas em ambientes preparados para tal.

Assim, me aventuro nessa empreitada, buscando professores de Música que possam me auxiliar nas reflexões sobre como aprendem, quais as práticas auxiliam nos processos de aprendizagem, as concepções de infância e de educação envolvidas nessas práticas pedagógico-musicais. Escolhemos a Rede Privada por eu estar inserida nesta e também por observarmos que existem poucas pesquisas que lançam olhares sobre estes espaços de educação.

*“...Vamos falar mais baixo  
vamos parar pra escutar  
o bum-bum do tambor  
um abacateiro em flor...”*

(Gilmarley Song,  
George Israel e Paula Toller)

### 3 A PROBLEMÁTICA: PENSANDO NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

Após a definição do tema escolhido, a partir das vivências anteriores desta pesquisadora em formação, surgiram vários questionamentos que tangenciam o tema central. Estas questões foram fundamentais para que pudéssemos estabelecer os limites do tema, estreitando as relações entre os principais aspectos a serem abordados.

De acordo com Thiollent (2011):

Na fase inicial de uma pesquisa – seja qual for a sua estratégia ativa ou não, junto com a definição dos temas e objetivos precisamos dar atenção à colocação dos principais problemas a partir dos quais a investigação será desencadeada. Noutras palavras, trata-se de definir uma problemática na qual o tema escolhido adquira sentido. (THIOLLENT, 2011, p. 61)

Assim, buscar o sentido da pesquisa foi tarefa que partiu das questões norteadoras descritas a seguir, questões estas que balizaram as escolhas realizadas no decorrer da investigação. Importante salientar que esses questionamentos foram os motivadores que, posteriormente, auxiliaram na formulação das perguntas para as entrevistas.

#### 3.1 QUESTÕES NORTEADORAS

- a) Quais as práticas pedagógico-musicais que propiciam a ampliação dos saberes na etapa da Educação Infantil?
- b) Como os professores contribuem para essas aprendizagens?
- c) Como os professores registram as aprendizagens dos estudantes?
- d) Quais destas experiências consideram fundamentais?
- e) Como são os espaços escolares que utilizam para suas práticas?
- f) Qual o perfil do professor de Música?
- g) Qual sua visão de criança e de educação?

Assim, coloco-me a refletir sobre essas perguntas para as quais não tenho respostas conclusivas. Acredito que possam auxiliar, norteadando o trabalho de campo, quando das entrevistas com os professores de Música de Educação Infantil. Também destacamos a importância de termos em mente que as entrevistas foram os instrumentos capazes de responder a estas perguntas: o que é dito, com palavras, e o não dito, mas expresso em pausas, risos, expressões faciais. Tudo isso possibilitou a análise posterior dos dados.

### 3.2 PROBLEMATIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Nesse sentido, o presente estudo problematiza: *como acontecem as aprendizagens musicais, em 8 Escolas Regulares da Rede Privada de Porto Alegre, na etapa da Educação Infantil, na perspectiva do professor?*

Buscando respostas a esta pergunta, selecionamos 5 professores que atuam em 8 escolas particulares de Porto Alegre. Assim, queríamos ouvir esses atores do cenário musical, na escola, em especial na etapa da EI e saber destes como as aprendizagens acontecem. Partindo daí, logo nos deparamos com suas alegrias e angústias; suas vitórias e retrocessos; suas percepções da infância, na atualidade; suas visões de educação musical; suas prerrogativas para boas práticas pedagógico-musicais.

Contatar os professores e marcar os encontros para as entrevistas não foi tarefa fácil. As agendas atribuladas de quem trabalha, em escolas, mostrou-se um fator que dificultou, mas não impediu, que conseguíssemos agendar e, em alguns casos, reagendar as entrevistas.

Nos capítulos a seguir, nos deteremos na descrição das entrevistas e da análise dos dados para responder a problemática inicial desta pesquisa.

*“Como se fora brincadeira de roda, memória  
Jogo do trabalho na dança das mãos macias  
O suor dos corpos na canção da vida, história  
O suor da vida no calor de irmãos, magia...”*

(Redescobrir, Gonzaguinha)

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO: EM BUSCA DE INTERLOCUTORES BASILARES

A partir de leituras preliminares e da pesquisa nos bancos de dados de trabalhos relacionados ao tema dessa dissertação, torna-se importante fazer uma retrospectiva da Música, na escola, no contexto brasileiro.

### 4.1 O QUE NOS DIZ A LEI SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA

E do outro lado do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem as mãos. E faziam-no bem. Passou-se, então, além do rio, Diogo Dias, que fora tesoureiro da Casa Real, o qual é homem agradável e divertido. Levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita e logo meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos, e eles folgavam e riam e o acompanhavam muito bem ao som da gaita. (PERO VAZ DE CAMINHA, CARTA DO ACHAMENTO DO BRASIL)<sup>1</sup>

Desde o descobrimento ou “achamento”, como foi a carta de Pero Vaz de Caminha intitulada, o Brasil expressa-se musicalmente. Os índios, que aqui foram encontrados, já tinham sua musicalidade, sua dança, seu canto, seus instrumentos. Mas incorporaram o que lhes estava sendo apresentado, pois a Música é considerada linguagem universal. Basta ter alguém cantando ou tocando um instrumento, em uma praça, por exemplo, que logo haverá um grupo de pessoas, atraídos pela sonoridade, e outras repelidas pelo mesmo motivo, pois há também que se considerar que temos gostos diferentes, histórias de vida diversas que nos levam a escolher o que apreciamos ouvir: o que é agradável para um pode ser intolerável para outro.

Seja no dia-a-dia atribulado das grandes cidades pelo som dos alto falantes, TV, shows em teatros, aparelhos sofisticados ou na calma de pequenos vilarejos, pelas ondas do rádio, o canto do coral na missa de domingo, as apresentações do grupo escolar, a Música faz parte das nossas vidas.

Escolhi começar assim essa reflexão para podermos pensar sobre como o assunto da importância da Música, na Escola percorre vários grupos de debate, de conversa triviais em um grupo de amigos, até as discussões acaloradas dos bancos acadêmicos. Via de regra, as pessoas respondem com um sonoro “sim”, ao serem questionadas sobre a relevância desta área do conhecimento, há séculos colocada a serviço de outras, “mais importantes”, no contexto escolar. E então poderíamos ouvir algum jornaleiro, na rua, gritando a manchete: “Extra, extra: a Música

---

<sup>1</sup> Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha retirada de: FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas em fios: um ensaio sobre música e educação**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008. P. 207.

volta para a Escola”, fazendo alusão à lei 11.769, que determina que a Música passa a ser conteúdo obrigatório na Educação Básica (da Educação Infantil ao Ensino Médio), e eu perguntaria: Mas algum dia ela saiu?

Voltemos no tempo para podermos refletir mais profundamente. A história nos diz que, lá no século XVI, época do descobrimento, a tarefa de educar estava nas mãos da Igreja, que, por sua vez, era representada pelos Jesuítas. Segundo Fonterrada (2008):

Na ação jesuítica, desde os primeiros tempos no Brasil, duas características podem ser imediatamente percebidas: o rigor metodológico de uma ordem de inspiração militar e a imposição da cultura lusitana, que desconsiderava a cultura e os valores locais, substituindo-os pelos da pátria portuguesa. (FONTERRADA, 2008, p. 208)

Voltando ao início desta sessão, novamente refiro-me a Carta de Pero Vaz de Caminha que nos mostra, com sua narrativa, que já havia, por aqui, manifestações musicais. A cultura indígena usava a Música em seus rituais, festas e religiosidade. Porém, como vimos, essa cultura foi pouco a pouco recebendo a influência europeia, descaracterizando o que era próprio dos índios que aqui estavam, muito antes do “achamento”.

Amato (2006, p. 146), nos diz que “A música que os jesuítas trouxeram era simples e singela, as linhas puras do cantochão, cujos acentos comoveram os indígenas que, desde a primeira missa, deixaram-se enlevar por tais melodias”.

A partir daí, vemos que, por meio do canto cristão e das missas, os jesuítas iniciam uma educação musical, mesmo que, neste primeiro momento, informal. Fonterrada (2008, p. 209), afirma que “[...] se instalou, no Brasil, a primeira proposta pedagógica em educação musical, em que os curumins das missões católicas eram treinados e aprendiam música e autos europeus”.

Vemos essa situação assim perpetuar-se durante todo o período colonial, em que a educação continuava sendo responsabilidade da Igreja, que continuava investindo na prática musical e no canto, sem que aí houvesse uma clara proposta de educação Musical. Uma mudança significativa que aconteceu com a vinda da família Real foi a ampliação da Música, que passou a ter outros lugares e formas de atuação. Com a vinda de D. João VI, a música recebeu especial tratamento, principalmente quando da reorganização da Capela Real pelo padre José Maurício Nunes Garcia, que lhe deu grande fulgor, mandando vir de Lisboa o organista José do Rosário. A música, porém, não podia se limitar às igrejas e, em 1813, se iniciou a edificação do Teatro São João, uma vez que o velho Teatro de Manuel Luiz não era mais “digno” da corte portuguesa. (AMATO, 2006, p. 146-147)

Portanto, a Música “oficial” continuava sendo predominantemente europeia e não se tem registros que a forma como era ensinada nas igrejas, conventos e colégios tenham mudado.

Então, até aqui, a Música não estava banida da escola, pois era utilizada como forma de conversão e manifestação cristãs, mas não tinha lugar como componente curricular.

Foi em 1854 que o ensino da Música foi instituído, por meio de um decreto federal, com a incumbência de trabalhar, segundo Fonterrada (2008, p. 210) “noções de música e exercícios de canto, não explicitando, porém, nada mais do que isso”. Segundo Amato (2006), em 1855 haveria um novo decreto e desta vez exigindo que se fizesse concurso público para a contratação de professores de Música.

Há um período em que pouca coisa mudou neste cenário e após mais de 30 anos aos surge um novo dado a ser considerado.

Segundo Janibelli<sup>2</sup> (1971, p. 41 apud FONTEERRADA, 2008, p. 210):

Um ano após a Proclamação da República, a 15 de novembro de 1889, foi dado outro passo em direção ao ensino da música na escola: pela primeira vez, passou-se a exigir, como decreto federal n.981, de 28 de novembro de 1890, “formação especializada do professor de música”; a profissão começava a se estabelecer. A partir daí, podia-se prever seu desenvolvimento e fortalecimento, porém, não foi isso que ocorreu.

Será no século XX, porém, que os ideais da Escola Nova chegariam ao Brasil, por intermédio de Anísio Teixeira, discípulo de John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano. Neste cenário, “a arte deveria ser retirada do pedestal em que se encontrava e colocada no centro da comunidade” (FONTEERRADA, 2008, p. 210). Era o momento de deixar-se de lado a ideia de que a Música era para poucos, escolhidos, talentosos, inspirados por Deus, inacessível à grande maioria da população. A Música deveria, sim, fazer parte da educação, como ainda hoje se fala, da formação integral do ser humano.

A partir daí, referenciamos Mário de Andrade, professor de Conservatório de Música, que, contrário ao pensamento que ainda nesses espaços dominava de que o ensino de Música era o treino do instrumento, buscava o trabalho baseado no folclore brasileiro, considerando a nossa cultura, e não importando métodos e técnicas europeus.

Outra figura importante desta fase profícua da Educação Musical no Brasil é Villa-Lobos, maestro e compositor brasileiro. Segundo Fonterrada (2008, p. 212), “Villa-Lobos, em pouco tempo, tornou-se um dos mais importantes nomes da educação musical no Brasil, ao instituir o canto orfeônico em todas as escolas públicas brasileiras”. A autora ressalta ainda que Villa-Lobos havia viajado pela Europa e tomado contato com a proposta musical de Kodály, cujas premissas eram:

---

<sup>2</sup> JANIBELLI, E. D'Aniballe. **A musicalização na escola**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

(...) o uso de material folclórico da própria terra, a ênfase no ensino da música por meio do canto coral, o que democratizava o acesso a essa arte e o uso do manossolfa – conjunto de sinais manuais destinados a exercitar a capacidade de solfejar dos alunos. (FONTERRADA, 2008, p. 213)

Esse método de Zoltan Kodály tinha um caráter nacionalista, vindo ao encontro das ideias que aqui no Brasil se propagavam. Os pesquisadores viajavam por todos os recantos do país buscando o que representasse a “alma brasileira”. Assim, “ganhava status o folclore nacional” (FONTERRADA, 2008, p. 213).

Recorrendo a Amato (2006), cito o que ela nos traz sobre o que acontecia no Brasil, das décadas de 1930/1940:

Um dos momentos mais ricos da educação musical no Brasil foi o período que compreendeu as décadas e 1930/ 40, quando se implantou o ensino de música nas escolas em âmbito nacional, com a criação da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA) por Villa-Lobos, a qual objetivava a realização da orientação, do planejamento e do desenvolvimento do estudo da música nas escolas, em todos os níveis. A perspectiva pedagógica da SEMA foi instaurada de acordo com os princípios: disciplina, civismo e educação artística (Esperidião, p. 196). Com a evolução do ensino de canto orfeônico em todo o território nacional, foi criado o Conservatório Brasileiro de Canto Orfeônico (CNCO), em 1942, com a finalidade de formar professores capacitados a ministrar tal matéria, constituindo-se numa notável realização a favor do ensino da música. A docência de canto orfeônico, a partir de 1945, passou a ser possível somente com o credenciamento fornecido pelo CNCO ou por outra instituição equivalente. (AMATO, 2006, p. 151)

Observemos que, nesse período, já se estabelecia que a educação musical se fazia importante componente curricular. E, ainda mais do que o espaço dessa manifestação artística, na escola, a necessidade de se investir na formação daqueles que estariam a frente dessa disciplina. Importante lembrar que foi o compositor e músico Heitor Villa-Lobos quem liderou esse trabalho, investindo, principalmente, no canto orfeônico (coletivo), nome dado em homenagem a *Orfeu*, da mitologia grega.

Assim, a educação musical vai tomando novos rumos, de acordo com as mudanças emergentes no país. Aconteceriam, então, novos fatos que colaborariam para esses novos caminhos, como reflete Amato (2006):

Todavia, por meio da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 4024/61), o Conselho Federal de educação instituiu a educação musical, em substituição ao canto orfeônico (por meio do Parecer nº 383/62 homologado pela Portaria Ministerial nº 288/62), provocando grande alteração no cotidiano musical escolar (...) A educação musical transformou-se em disciplina curricular até o início da década de 1970, quando, com a LDB 5692/71, o Conselho Federal de Educação instituiu o curso de licenciatura em educação artística (Parecer nº 1284/73), alterando o currículo do curso de educação

musical. Esse currículo passou a compor-se de quatro áreas artísticas distintas: música, artes plásticas, artes cênicas e desenho. Assim, a educação artística foi instituída como atividade obrigatória no currículo escolar do 1º e 2º graus (ensino fundamental e médio), em substituição à disciplina artes industriais, música e desenho, e passando a ser um componente da área de comunicação e expressão, a qual trabalharia as linguagens plástica, musical e cênica (...). (AMATO, 2006, p. 152)

A proposta de educação musical que por hora era a oficial não se distanciava muito da proposta anterior que tinha como principal atividade o canto orfeônico. Agora, educadores brasileiros, influenciados por educadores europeus como Zoltán Kodály, Jacques Dalcroze, Carl Orff e Edgard Willems “tinham em comum a desvinculação da aula de música do ensino de instrumento, o incentivo à prática musical, o uso do corpo e a ênfase no desenvolvimento da percepção auditiva” (FONTERRADA, 2008, p. 214).

Assim, em 1971, com a promulgação da lei n.5692/71, a educação musical perde espaço na escola, pois a referida lei “extinguiu a disciplina de educação musical do sistema educacional brasileiro, substituindo-a pela atividade da educação artística” (FONTERRADA, 2008, p. 218). O professor desta “atividade” (termo que é usado ao invés de disciplina) deveria dominar quatro áreas de expressão artística: música, teatro, artes plásticas e desenho.

Ora, não seria preciso nenhum aprofundamento nessa reflexão para que chegássemos à conclusão de que seria muito difícil, senão impossível, que um professor, ao final de um curso que tinha duração de dois ou três anos, pudesse dominar as quatro diferentes linguagens expressivas. Nenhuma, certamente, era aprofundada e o resultado foi o enfraquecimento, que ainda hoje percebemos, desta área na formação do aluno da educação básica. Nessa época, o cenário brasileiro era o do Regime militar e a aula de artes servia como um momento de liberdade de expressão, que confundia-se com uma falta de planejamento, um *laisse faire*. Fonterrada (2008) nos ajuda nessa contextualização:

Nesse modelo, o interesse momentâneo determina os conteúdos a serem trabalhados. Não há ordenação ou sequências que rejam a escolha de procedimentos ou repertório. Os professores operam com um mínimo de regras e tem, como preocupação maior, *não tolher a expressão dos alunos*. (FONTERRADA, 2008, p. 219)

Chegamos ao século XXI e temos um panorama não muito diferente deste que vimos até aqui. A despeito da Lei Federal nº 11.769 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de Música nas escolas de educação básica no país, a realidade não é bem essa. Segundo Fonterrada ainda há a ausência quase que total da Música na grade disciplinar das escolas brasileiras. Isso porque, como vimos antes, a legislação fala em conteúdo obrigatório e não disciplina obrigatória, o que dá margem para muitas interpretações. A música, enquanto expressão e

manifestação, nunca “saiu” da escola, pois é usada como meio para outras aprendizagens ou para festividades.

Recentemente, foi divulgada em nosso país, a Base Nacional Comum Curricular (BNC), via internet, em 26 de setembro de 2015, e está aberta para consulta pública e sugestões. Esse documento pretende ser, como bem diz seu título, uma base comum. A partir deste, cada estado, município, bairro e escola construirão suas matrizes curriculares, avançando, na medida do possível, em cada área de conhecimento. A Música aparece como conteúdo em toda a Educação Básica. É importante que estejamos atentos e participemos deste debate, já que este documento está sendo analisado por educadores de todo o país. É possível contribuir, dando sugestões, pelo site do MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Seguindo nesta linha de reflexão, evidenciemos que Educação Musical é *Educação*, portanto, tratemos desta área de conhecimento como componente curricular, como linguagem, mas não como um conteúdo à serviço de outros. A Música vem colaborar para a formação deste indivíduo que faz parte da sociedade do conhecimento, na qual a aprendizagem baseia-se na experiência, na troca, na construção do conhecimento em redes sejam elas relações virtuais e/ou presenciais.

Assim, há que se pensar numa Educação Musical diferente daquela que vimos no retrospecto histórico anterior, que se baseava no canto e na execução instrumental. Em primeiro lugar, partir dos conhecimentos prévios dos alunos passa a ser vital para que esse seja, de fato, um componente curricular que se propõe a ampliar saberes. Ora, isso não é condição para toda e qualquer aprendizagem? Partir do sabido, do que cada um e do grupo como um todo, traz em sua história pregressa, para ir adiante?

Então, o professor precisa, para conhecer desses conhecimentos dos alunos, saber o que pensam sobre a Música, o que apreciam ouvir, como e por intermédio de quais equipamentos eles ouvem e/ou fazem Música, entre outros. Assim o professor poderá se aproximar desta realidade e propor atividades que sejam instigantes, utilizando as ferramentas das quais puder ter acesso. Hoje, a maioria dos alunos tem um *smartphone* por meio dos quais acessam vídeos, áudios, letras, cifras e partituras musicais. Como podemos imaginar não conhecer ou desconsiderar esses mecanismos?

Outro aspecto a ser considerado, segundo Matos (2012, p. 75), é o trabalho cooperativo, no qual cada um contribui com uma parte para o resultado do todo. Saber ouvir, respeitar e considerar o outro, desenvolver o senso de responsabilidade e a autoconfiança, o compromisso e a perseverança, são algumas das habilidades sociais fundamentais para esse processo.

Também, segundo a autora, a produção musical é aspecto cultural e identitário, pois diz das raízes, do folclore de cada escola, bairro, cidade, país. Citando a autora em questão:

La inclusión de las artes y de la música en la actividad educativa tiene relación con el modelo de ser humano y el modelo de sociedad que queremos. La primacía de los valores vinculados al sentido conceptual de la música y al desarrollo científico-tecnológico no permiten la realización plena de las posibilidades de la educación de las personas que pasa necesariamente por el fortalecimiento de las artes como parte del desarrollo dimensional de cada persona. La educación «por» las artes fortalece el desarrollo de las áreas de experiencia y de las formas de expresión, a partir de la educación en valores éticos, estéticos y sociales. (MATOS, 2012, p. 76)

Cito, aqui, o Grupo Técnico *Música na Escola* como um importante canal para a discussão e reflexão sobre o tema. Criado em 2010, na audiência pública realizada pela Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, é vinculado à Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), constituído por mais de 50 entidades e profissionais ligados à Educação Musical, o GT tem por meta central discutir ações de implantação da Lei Federal nº. 11.769, de 18 de agosto de 2008. Com a finalidade de alcançar a expansão, qualificação e articulação de políticas de difusão da cultura pedagógica musical, o GT promove encontros, seminários, debates, produção e distribuição de publicações voltadas para a inserção da música nas escolas do Ensino Básico.

O GT lançou, em 2010, uma cartilha intitulada “Dez respostas sobre a obrigatoriedade da Música na Escola”, com as seguintes questões:

- 1) O que diz a Lei 11.769/2008?
- 2) A música é uma nova disciplina?
- 3) Quem pode ministrar a aula de música?
- 4) Como formar outros profissionais para trabalhar com música?
- 5) Como inserir a música na escola? Em que formatos?
- 6) Que conteúdos?
- 7) O que se pode fazer para garantir o cumprimento da lei?
- 8) Como está a situação do RS em relação à lei?
- 9) Que experiências já existem?
- 10) Onde buscar apoio e mais informações?

Tive a oportunidade de estar presente, por duas vezes, nos encontros anuais do GT. Em 2011 como participante/ouvinte e em 2012 fazendo um relato de experiência do trabalho com Música, na EI, em uma escola da rede privada de Porto Alegre. Também participei com um relato no encontro regional da ABEM/SUL, em 2012 com o tema “*Ampliação do repertório musical infantil – Escola e Família como parceiras de novas aprendizagens*”. Assim, venho procurando me engajar no movimento que procura por uma ampliação do espaço da música na escola, para que essa seja uma área de conhecimento a ser desenvolvida e não uma linguagem a serviço de outras.

No cotidiano da escola, como professora de Música da EI e AI, tenho procurado, por meio de minhas práticas, aliadas aos outros componentes curriculares, solidificar e ampliar o espaço que a educação musical ocupa. Na escola onde atuo, a Música, enquanto componente curricular, está presente na EI (1 a 5 anos) e nos AI (até o 3º ano). Dentro da área de artes, temos as Artes Visuais em todos os segmentos (EI, AI, AF e EM) e ainda Artes Cênicas, no 4º e 5º ano (AI). Nosso desafio constante tem sido alinhar nossas práticas, fortalecendo as artes, na escola. Recentemente, com o apoio da coordenação e direção da escola, temos nos reunido para refletir e escrever um documento que embasa a importância das linguagens artísticas para a formação do estudante.

A busca, constante, pela formação continuada, bem como a pesquisa da qual versa esse trabalho, me auxiliam nessa empreitada de buscar sustentação e dar visibilidade às artes, em especial à Música, que é o componente no qual atuo, no que tange à sua ampliação e fortalecimento na escola, na formação básica que compreende EI, AI, AF e EM.

Na prática, o trabalho com a compreensão dos fundamentos musicais por meio da movimentação corporal, do canto, do manuseio de instrumentos diversos, da ampliação de repertório, da apreciação de vários estilos musicais, da pesquisa sobre história da música, da criação e composição tem sido as estratégias utilizadas para as aulas de Música, tanto na EI quanto nos AI. Com as crianças da EI, a ludicidade dessas propostas é condição *sine qua non* para que a aprendizagem se dê de forma significativa. A partir da contação de uma história, por exemplo, chamo a atenção sobre as sonoridades presentes no cenário da narrativa. Se é num ambiente de praia, pergunto às crianças que sons poderíamos lembrar de quando estamos em férias e brincamos a beira mar. Por meio da percussão corporal, sons vocais, de instrumentos industrializados ou confeccionados a partir de materiais descartáveis (sucata), podemos sonorizar essa história e ainda criar outras tantas. O desencadeador é um fator ligado à fantasia, mas as aprendizagens são de fundamentos musicais como o timbre (definido pela fonte que

produz o som), a altura (se os sons são graves – baixos – agudos – ou altos), a intensidade (fracos ou fortes) e a duração (sons curtos e longos), abrangendo os 4 elementos que compõem os Parâmetros sonoros, conteúdo presente na matriz curricular da escola onde atuo e nos documentos oficiais norteadores das práticas docentes como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) e a Base Nacional comum Curricular.

#### 4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICAIS NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pesquisando a literatura existente sobre o tema da Educação Musical, mais especificamente na etapa da EI, trago para o debate as ideias de Esther Beyer, educadora musical que dedicou seus estudos à criança, em especial aos bebês.

Diz Beyer (1999):

Muitas vezes, ainda, quando escolas buscam resgatar o espaço da música em seu programa, reconhecendo até a importância desta, acabam seguidamente por ensinar de modo preponderante os princípios da teoria musical e técnica instrumental, transformando a atividade musical – que na rua, nas festas, nos bailes, etc., é tão atraente e contagiante – em algo enfadonho e cansativo para os alunos. Os dois mundos parecem por vezes completamente desvinculados entre si: um mesmo aluno que canta e dança vibrante no carnaval parece não se interessar por uma música na sala de aula, ao ser solicitado a descrevê-la. (BEYER, 1999, p. 10-11)

Nos deparamos, com uma realidade que não é incomum, ainda nos dias de hoje, anos após essa publicação. As escolas demonstram entender que Música é tocar um instrumento ou cantar, e as aulas acabam se tornando pouco atraentes, pois se resumem a ensaios para apresentações, por exemplo. É claro que, no decorrer do ano, no pulsar do tempo escolar, as atividades festivas costumam envolver a todos os que trabalham com as crianças, e as artes (Música, Visuais, Cênicas, entre outras) tem seu espaço nesses eventos. O que distingue uma aula enfadonha, que prioriza a repetição técnica de outra, envolvente e vibrante é a proposta, é o entendimento do papel da arte, e no caso, aqui, da Música. Contextualizar uma canção que será entoada, mostrar as possibilidades, acolher as sugestões das crianças são algumas das alternativas para que a apresentação em uma festa, por exemplo, seja o resultado de um trabalho e não o objetivo deste.

No que diz respeito às crianças, é fundamental que se proponham experiências que propiciem a exploração de instrumentos, objetos e paisagem sonora. É importante que a criança ouça diferentes sons para poder utilizar-se deles. Quando propomos uma história sonorizada,

por exemplo, é importante que primeiro a criança conheça o contexto e defina que sons serão combinados para esta atividade. Se é uma história sobre uma menina que mora num sítio, por exemplo, ela escolherá sons de animais, de fenômenos da natureza e voz humana.

Segundo Cunha (2002):

A noção do conhecimento em música surge da ação da criança com a música, cuja característica fundamental é o movimento simultâneo e sucessivo de seus elementos (duração, altura, intensidade, timbre). Assim, (...) a criança poderá construir seu conhecimento musical, quando interagir com os objetos sonoros existentes em seu contexto social. Entende-se por objeto sonoro todo objeto produzido ou percebido como som, desde que organizado dentro de uma perspectiva estética intencionada como música ou como ato de audição. Nesse caso, envolverá tanto o som da voz e instrumentos musicais definidos, quanto ruídos, buzinas, campainhas, canto de aves ou demais sonoridades de nossa paisagem sonora. (CUNHA, 2002, p. 64)

Neste contexto, buscamos apoio no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) de 1998, que vai tratar, em 3 volumes, de refletir sobre quem é a criança desta etapa de ensino, quem é o professor que trabalhará com ela, qual a matriz curricular que balizará as ações pedagógicas. Divididos em dois eixos, deixará claro que a Música tem papel fundamental neste novo modelo de educação.

No primeiro eixo, está a *Formação pessoal e social* e ligado diretamente a este, a *Identidade e autonomia*. No segundo eixo, *Conhecimento de mundo*, o documento é dividido em dois grupos: o primeiro que traz o *Movimento*, a *Música* e as *Artes Visuais*, e o segundo, *Linguagem oral e escrita*, *Natureza e sociedade*, *Matemática*.

O documento traz, no volume 3, um capítulo dedicado à Música, explicando, didaticamente como o trabalho deverá acontecer, respeitando dois grupos etários: de zero a três anos e de quatro a seis. Quem é a criança, qual sua ligação com a música, o fazer musical, a apreciação, a organização do espaço, são alguns dos itens que constam neste importante documento. Assim, com uma linguagem acessível, explicita os principais conteúdos a serem desenvolvidos pelo professor regente, caso não haja, na Escola, um profissional da área da Música.

Outro documento que embasa as ações na etapa da Educação Infantil são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Lançadas em 2010, trazem a criança como protagonista dos processos de aprendizagem e ainda um currículo que tem como eixo principal as interações e as brincadeiras.

Ainda sob essa perspectiva, buscando embasar as práticas musicais na EI, Kebach (2013), vem corroborar com essas ideias que dizem respeito à ação da criança em relação à Música:

A educação musical na infância permite que a criança exerça sua ação espontânea sobre o som, possibilitando interações mais significativas entre elas e os objetos musicais. [...]. A musicalização desenvolve na criança, além do conhecimento musical, a concentração, a coordenação motora, a socialização, a acuidade auditiva, o respeito a si próprio e ao grupo, o raciocínio, a afetividade e inúmeros outros atributos que colaboram na sua formação. Música é forma de expressão, é desenvolvimento estético, manifestação cultural e, portanto, ter acesso a esse conhecimento é tão importante quanto ter acesso a qualquer outro. (KEBACH, 2013, p. 16-17)

O lugar que a música ocupa, na escola, ainda não é o que pensamos ser o ideal, mas a possibilidade de reflexão e debate nos mostra caminhos para que, num futuro próximo, possamos conquistar o espaço necessário para o desenvolvimento de habilidades artísticas, sendo elas musicais, visuais, cênicas, entre outras.

Retomando o documento mais atual que temos, a Base Nacional Comum Curricular (BNC), observamos que a Música aparece, no que diz respeito à EI, relacionada a outras linguagens no campo de experiências intitulado *Traços, sons, cores e imagens*. Ali, aparecem os seguintes objetivos:

- Conviver e elaborar produções com as linguagens artísticas junto com os colegas, valorizando a produção destes e com eles fruindo manifestações culturais de sua comunidade e de outros lugares, desenvolvendo o respeito às diferentes culturas, às identidades e às singularidades;
- Brincar com diferentes sons, ritmos, formas, cores, texturas, materiais sem forma, imagens indumentárias e adereços, construindo cenários para o faz de contas;
- Explorar variadas possibilidades de usos e combinações de materiais, recursos tecnológicos, instrumentos, etc., utilizando linguagens artísticas para recriar, a seu modo, manifestações de diferentes culturas;
- Participar da organização de passeios, festas, eventos e da decoração do ambiente, da escolha e do cuidado do material usado na produção e na exposição de trabalhos, utilizando diferentes linguagens que possibilitem o contato com manifestações do patrimônio cultural, artístico e tecnológico;
- Comunicar, com liberdade, com criatividade e com responsabilidade seus sentimentos, necessidades e ideias, por meio das linguagens artísticas;

- Conhecer-se, experimentando o contato criativo e prazeroso com manifestações artísticas e culturais, locais e de outras comunidades, desenvolvendo sua sensibilidade, criatividade, gosto pessoal e modo peculiar de expressão.

Assim, a Música está inter-relacionada à outras linguagens e deve ser trabalhada, na EI de forma integrada, para que faça sentido, tenha significado e possa auxiliar a ampliar os conhecimentos de mundo de nossas crianças. Na realidade em que atuo tais objetivos podem ser postos em prática nas atividades que realizo com as crianças e que vão aqui descritas a título de ilustração.

Uma das propostas que tem sido bem recebida pelas crianças é a confecção de instrumentos musicais. Em primeiro lugar, seleciono alguns instrumentos que julgo serem possíveis de serem construídos, levando em consideração a faixa etária de cada turma.

Solicitar às famílias que enviem sucata (plástico, papel, metal, entre outros) e separar materiais existentes na escola são o primeiro passo para essas oficinas. Em uma turma de crianças de 1 a 2 anos de idade, por exemplo, estava sendo desenvolvido, pela professora regente, um projeto sobre as histórias infantis (clássicas e contemporâneas). Numa tarde, as crianças chegaram contando para mim sobre a história *A casa sonolenta*, de Audrey e Don Wood (Editora Ática). Começaram contando que a história se passava em uma casa onde todos viviam dormindo, enquanto lá fora da casa, chovia. Nomearam cada um dos personagens e faziam os sons vocais que caracterizava cada um. Ao final da história, aparece o sol e um lindo arco-íris. Prontamente fui até o armário e peguei um instrumento musical chamado *Pau de chuva*. Pedi que fechassem os olhos para ouvir o som que sairia daquele “cano comprido”, como uma criança denominou. Alguns fecharam, outros espiavam e todos abriram um sorriso ao ouvir aquele barulho. “É a chuvinha da história”, verbalizou uma criança. Depois de passar de mão em mão o instrumento, perguntei se eles queriam fazer um para levar para casa. A resposta afirmativa veio prontamente. Assim, a professora regente da turma enviou bilhetes solicitando canudos de papelão que vem nos rolos de papel toalha ou alumínio e dois potinhos de iogurte ou garrafinhas plásticas pequenas (para fechar o cano). Eu solicitei ao setor de reprografia da escola os descartes de espirais, que são usados nas encadernações, para dar o efeito de ‘cascata’, impedindo que as miçangas e lantejoulas caíssem, de uma vez só, quando o instrumento é virado de um lado para o outro. Recolhemos, nas salas de todas as turmas, miçangas e lantejoulas que seriam usadas para colocar dentro dos rolinhos. Confeccionados juntamente com as crianças,

na aula de música, o instrumento recebeu, ainda, investimento artístico: pintura com tinta, colagem de pedaços de papéis coloridos, fechamento das extremidades com fitas adesivas coloridas. Pronto! Cada um tinha seu *Pau de chuva* para sonorizar a história, que acabou sendo a atividade de encerramento de ano, junto das famílias. Como destacado anteriormente, a contextualização das práticas, o caráter lúdico e a ação da criança sobre o proposto são fundamentais para que se mostrem eficazes e significativas.

Como diz Sekeff (2007):

Tematizar a prática da música é sensibilizar o educando para, de forma lúdica, instigante e prazerosa, conquistar postura crítica, desenvolver a criatividade e a espontaneidade necessárias para sua atuação como ser social, competente e feliz; é oferecer-lhe referenciais teóricos e práticos que possibilitem, pelo pensamento musical, utilizar, levantar hipóteses, arriscar, descobrir uma maneira própria de chegar aos resultados, aprender a elaborar regras, exercitar o raciocínio. (SEKEFF, 2007, p. 153)

Outra atividade que tenho desenvolvido com as turmas de EI e tem tido boa receptividade chamo de *Lenços dançantes*. Apresento, no início da aula, um saco de tecido. Primeiro, instigo a curiosidade das crianças dizendo que ali dentro tem algo que vai nos ajudar a brincar com a voz e a movimentação corporal. Cada um vai dizendo o que acha que pode ser até que começo a tirar lenços de tecido coloridos, de dentro do saco. E cada um vai escolhendo o seu. Proponho que todos estiquem o lenço frente ao rosto, bem pertinho da boca, e respiremos. O lenço balança. Depois convido a turma a falar pertinho do tecido. Também balança. Ao cantar, idem. Assim, proponho a reflexão sobre a importância da respiração para os cuidados com a voz. Além dessa, outras dicas vão sendo trabalhadas como evitar o grito, tomar 8 copos de água por dia, alimentar-se e dormir 8 horas por dia, para descansar a voz e o corpo. Vamos trabalhando esse assunto, pouco a pouco, conforme a faixa etária e o interesse das crianças. Após essa exploração inicial, convido a turma a deslocar-se, pelo espaço da sala, conforme os ritmos que forem ouvindo. A partir de uma seleção prévia, samba, funk, bossa nova e blues, entre outros, são ouvidos e apreciados. A ideia é que o deslocamento corporal, juntamente com o lenço de tecido, aconteça de acordo com a característica da música que toca no aparelho de CD: quando lento, o corpo reduz o movimento; quando mais rápido, aceleramos a dança. Mais uma vez destaco que o principal de tudo o que aconteceu foi o envolvimento das crianças, sua atuação e conseqüentemente as aprendizagens que construíram, coletivamente.

A partir dessas reflexões, vamos procurar, a seguir, refletir sobre quem é esse professor que está atuando na EI: quais as principais características, sua formação, suas vivências e qual o espaço que ocupa nesse cenário de educação musical.

#### 4.3 A APRENDIZAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DO PROFESSOR

Para iniciar essa reflexão, cito o livro *La música em la escuela infantil*, de Akoschky et al. (2008). Esta obra traz um estudo sobre a importância da música na etapa da EI, partilha experiências e propostas musicais. Recorto, aqui, alguns trechos sobre o papel deste profissional para o desenvolvimento musical da criança:

Las experiencias musicales significativas y positivas em los primeros años de vida de los niños y las niñas son sumamente importantes para su futuro. Si tenemos em cuenta que comeizan a las escuelas infantiles a edades muy tempranas (muchos de ellos lo hacen al poco tempo de cumplir los 4 meses, cuando terminan las bajas maternas y, mas recentemente, paternas) y permanecen em ellas durante jornadas que a veces se extienden hasta las ocho o diez horas diarias, es que muchas de las funciones que normalmente corresponderían a los padres e las madres recaem em los educadores y em los maestros y maestras. (AKOSCHKY et al., 2008, p. 29-30)

Nesta obra, os autores nos auxiliam na reflexão sobre a importância das aprendizagens musicais das crianças. Ressalta que as crianças entram na escola bem pequenas e ficam, muitas vezes, boa parte do dia neste ambiente. Assim, o educar e cuidar, que é enfatizado no RCNEI, documento citado anteriormente, são tarefas fundamentais da escola, principalmente ao nos depararmos com essa realidade de crianças que passam, muitas vezes, mais tempo com os educadores na escola, do que com os pais, em virtude do trabalho, estudo e afazeres diversos.

A quién corresponde cantar canciones para acompañar juegos rítmicos y motores o para acunar al bebé? Quién debe ayudar a los niños y niñas cuando surge la curiosidade por los sonidos que los rodean? Quién debe compartir com ellos sus juegos o estimular los momentos de experimentación que tienen lugar cuando accionan distintos objetos para producir sonidos? Obviamente, deben seguir haciéndolo los padres y madres; sin embargo, como ya hemos señalado, muchas de estas funciones también deben ser compartidos por educadores y educadoras y maestros y maestras. (AKOSCHKY et al., 2008, p. 29-30)

O papel do professor fica evidente, no sentido do acompanhamento à criança nas experiências e descobertas sonoro-musicais. Cantar, propor jogos rítmicos, proporcionar brincadeiras com materiais variados como sucata, por exemplo, são algumas das funções da

escola, em relação às aprendizagens musicais. O parágrafo acima também ressalta que essa tarefa da escola em relação à Música não pretende dar conta de outras tantas descobertas que certamente as crianças farão, acompanhadas de seus pais e familiares, em outros espaços. E serão estas experiências que servirão de base para as ações posteriores da escola. Quando, por exemplo, uma criança conhece uma canção, com sua avó e a reproduz para sua turma, está consolidando suas aprendizagens e propiciando ao grupo saber mais de sua realidade social e cultural. Ainda citando Akoschky (2008), podemos refletir sobre essa parceria entre a escola e a família para que o conhecimento seja aprendido e possa ser compartilhado:

La misión de estos últimos es fundamental no sólo para garantizar lá función educativa de la escuela, sino también para proporcionar el apoyo afectivo que los niños y niñas necesitan para su desarrollo. Además desempeñan un papel esencial em el aprendizaje musical. (AKOSCHKY et al., 2008, p. 29-30)

Assim, se a família tem esse papel de prover o apoio afetivo e acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos, os educadores e educadoras musicais têm o papel de proporcionar momentos e situações de aprendizagens significativas para que os pequenos estudantes possam desenvolver-se, gradativamente, de acordo com as habilidades características da faixa etária.

Apostando nessa parceria, o professor planeja e desenvolve propostas, junto às crianças, que terão eco em outros ambientes como o familiar, o religioso, o social, entre outros. É importante considerar a criança como esse ser plural, que desempenha vários papéis como os de estudante, filho, irmão, amigo, vizinho, etc. Quanto maior essa integração entre os saberes escolares e os de fora desta, maior significado estes terão.

Não são todas as escolas que tem um professor de Música na EI. Em várias, são as professoras titulares das turmas que desenvolvem atividades relacionadas à Música, entre outras linguagens. Pensando nisso, Pecker (2012), nos auxilia a incrementar a reflexão, pensando nestas profissionais que, nem sempre, tem conhecimentos musicais técnicos:

(...) o professor precisa, ao longo do percurso, desafiar-se filosoficamente a responder algumas questões: que assentido eu vejo na música? Com qual intuito trago-a para meus alunos? Porque ensinar música? Não são perguntas fáceis e simples de responder. Demandam, na verdade, uma imersão no universo artístico, das linguagens, das culturas, para compreender o próprio posicionamento. A busca por respostas ajudará o professor a justificar a presença dessa manifestação artística para si e para toda a comunidade escolar. (PECKER, 2012, p. 25)

Nessa realidade, a busca por cursos e formação continuada faz-se fundamental para que professores não especialistas em Música possam desenvolver habilidades musicais e possam propor, com maior segurança, a Música na EI. A intenção de todos os aportes teóricos até aqui destacados é de embasar o que foi exposto e alavancar a reflexão sobre como estão acontecendo as aprendizagens musicais na EI, de fato, e quem é esse profissional que está protagonizando, ao lado das crianças, esta construção de conhecimento. No caso mais específico desta pesquisa, procuramos identificar e contatar com 5 professores de Música, atuantes em 8 escolas, da Rede Privada da cidade de Porto Alegre, em classes de EI, para investigar sobre suas práticas pedagógico-musicais e quais as aprendizagens significativas eles destacam importantes.

*“...Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais  
Cada um de nós compõe a sua história,  
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz,  
E ser feliz...”*

(Tocando em frente,

Almir Sater e Renato Teixeira)

## **5 METODOLOGIA: TRAÇANDO METAS E CAMINHOS INVESTIGATIVOS**

Com base nessas ideias, pensamos nas possibilidades para que essa pesquisa pudesse desenvolver-se de maneira a contribuir com o cenário da Educação Musical na infância. A escolha e aplicação de uma metodologia que nos auxiliasse e nos balizasse, que nos levasse ao destino escolhido, foi fundamental para que pudéssemos avançar no que nos propomos:

A pesquisa científica é uma atividade humana, cujo objetivo é conhecer e explicar os fenômenos, fornecendo respostas às questões significativas para a compreensão da natureza. (...) esse procedimento fornece ao investigador um caminho para o conhecimento da realidade ou de verdades parciais. (PRODANOV; FREITAS, 2009, p. 59)

Ao me deparar com uma infinidade de tipos de pesquisa percebi que, muitas vezes, os aspectos de uma podem servir para outra, ou seja, conforme Prodanov e Freitas (2009, p. 61), “Na prática, mesclamos todos, acentuando um ou outro tipo”.

Segundo Demo (2000):

(...) todas as pesquisas são ideológicas, pelo menos no sentido de que implicam posicionamento implícito por trás de conceitos e números (...). Todas as pesquisas carecem de fundamento teórico e metodológico e só tem a ganhar se puderem, além da estringência categorial, apontar possibilidades de intervenção ou localização concreta. (DEMO, 2000, p. 22)

Assim, a escolha por uma pesquisa qualitativa, descritiva, pretendeu identificar professores atuantes em Educação Musical na etapa da Educação Infantil a fim de entrevistá-los; conhecer quais os materiais lúdico-pedagógicos utilizados por estes profissionais indicam aprendizagens significativas; saber como registram essas aprendizagens; analisar o perfil dos professores entrevistados: a formação e as concepções acerca da infância e educação.

As entrevistas foram gravadas e se caracterizaram por ser semiestruturadas, com questões norteadoras, abertas, para que o entrevistado pudesse traçar os rumos da conversa. Cada um, com sua história de vida e formação, pode nos trazer à luz temas que talvez não tenham sido pensados previamente. E é esta a riqueza da pesquisa: sabemos onde queremos chegar, mas não sabemos quais os caminhos percorreremos, pois dependemos do real, do inusitado, do imprevisto, das mudanças na rota, dos atalhos, dos retornos.

Essas escolhas metodológicas estão diretamente ligadas com minha trajetória pessoal e profissional, já que resultam no modo como a pesquisa está sendo pensada.

De acordo com Corazza (2002):

Uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida. A ‘escolha’ de uma prática de pesquisa, dentre outras, diz respeito ao modo como fomos e estamos subjetivadas/os, como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder. Por isto, não escolhemos, de um arsenal de métodos, aquele que melhor nos atende, mas somos ‘escolhidas/os’ (e esta expressão tem, na maioria das vezes, um

sabor amargo) pelo que foi historicamente possível de ser enunciado; que para nós adquiriu sentidos; e que também nos significou, nos subjetivou, nos(as) sujeitou. (CORAZZA, 2002, p. 124)

Assim, após leituras e debates sobre o possível método a ser aplicado, vimos que, várias vezes, uma só denominação não consegue dar conta do que propomos, visto que cada pesquisa é única e inédita, visto que até pode-se encontrar um trabalho com um tema bem próximo de outros, mas, quem o escreve é diferente em suas escolhas, suas vivências, suas questões provocadoras e norteadoras.

Para melhor balizar esta pesquisa, escolhemos como estratégia o Estudo de caso, que, segundo Yin (2005):

Como estratégia de pesquisa, utiliza-se o estudo de caso em muitas situações, para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de outros fenômenos relacionados. (YIN, 2005, p. 20)

No que se refere a esta pesquisa, nosso caso delimita um grupo de professores, atuantes na área de Música, em classes de EI, na Rede Privada de Porto Alegre, propondo levantar dados que contribuam para um grupo maior, que poderia ser o de todos os professores de Música da cidade, do estado ou país.

Esta pesquisa tem o total de 05 entrevistados, professores de Música, atuantes na Educação Infantil, em 8 escolas particulares de Porto Alegre (RS). Atendendo aos critérios éticos da pesquisa, os participantes escolheram um codinome, ligado à Música ou Educação Musical, para ser utilizado na análise de dados, garantindo assim, o anonimato dos sujeitos da pesquisa. Também utilizaremos letras aleatórias para preservar nomes de pessoas e/ou Instituições citados pelos sujeitos de pesquisa.

## 5.1 OS SUJEITOS DE PESQUISA

Abaixo, segue breve caracterização de cada um dos sujeitos de pesquisa:

- Entrevistado 1 – Paul (em alusão ao músico, componente da banda britânica The Beatles, Paul McCartney): 35 anos, licenciado em *Música*, especialista em *Música: ensino e expressão possui* experiências musicais anteriores à carreira docente, como

músico. Há 5 anos atua como professor. Trabalha, hoje, em uma escola particular de Porto Alegre em turmas de EI e AI. Atua, também, como músico.

- Entrevistado 2 – Elis (em alusão à cantora brasileira Elis Regina): 40 anos, possui Magistério, graduada em *Publicidade e Propaganda*, pós-graduada em *Educação Infantil*, graduanda do curso de Licenciatura em *Música*. Possui histórico de atuação musical (canto e instrumentos) desde a infância. Há 12 anos atua como professora. Trabalha, hoje, em duas escolas particulares de Porto Alegre em turmas de EI e AI.
- Entrevistado 3 – Villa-Lobos (em alusão ao músico e educador musical brasileiro Heitor Villa-Lobos): 47 anos, graduada em *Educação Artística*, estudou piano desde os 7 anos de idade. Fez *Magistério* e começou sua carreira lecionando aulas de piano. Logo que entrou na faculdade, iniciou seus estudos mais aprofundados em relação à Educação Infantil, em especial os bebês. Leciona, hoje em uma escola particular de Porto Alegre e também na Rede Pública Municipal, em turmas de EI e AI.
- Entrevistado 4 – Lobos (também em alusão ao músico e educador musical Heitor Villa-Lobos): 37 anos, Graduando do curso de Licenciatura em *Música*, toca violão clássico desde criança, além de ter feito cursos nas áreas do teatro e literatura, entre outros. Fez *Magistério* e leciona em 3 escolas particulares de Porto Alegre, em turmas de EI e AI, além de outras 9 Escolas de EI. Também atua como músico e ministra oficinas infantis.
- Entrevistado 5 – Doug (em alusão ao educador musical americano Doug Goodkin): 31 anos, Graduado no curso de Licenciatura em *Música*, especialista em *Música: ensino e expressão*, toca violão desde os 15 anos de idade. Trabalha, hoje, em 1 escola particular de Porto Alegre, além de realizar contações de histórias, oficinas de formação, composição, criação e apresentação de espetáculos para o público infantil.

## 5.2 AS ENTREVISTAS

Essa pesquisa visa, como já anteriormente mencionado, desvelar como os professores entendem as aprendizagens musicais na EI, quais as práticas auxiliam nesses processos de aprendizagem e quais as concepções de infância e de educação envolvidas nessas práticas. Para isso, optamos pela técnica da entrevista, para que tivessem voz aqueles que estão à frente dessas práticas: os professores. A escuta tornou-se importantíssima, para que a pesquisadora pudesse fazer anotações, gravações e reflexões imediatas, que depois seriam revistas à luz da fundamentação teórica.

Segundo Vergara (2012):

Quando adequadamente planejada, executada e interpretada pelo pesquisador, a entrevista, certamente alimenta a investigação com informações coerentes e consistentes que tem grandes chances de conduzir o pesquisador a conclusões adequadas. (VERGARA, 2012, p. 2)

Assim, pensar nas perguntas, preparar o ambiente e se imbuir de uma posição reflexiva torna a entrevista ponto fundamental para o levantamento de dados, que prioriza a fala e as reflexões do professor.

Buscando conceituar a entrevista, cito ainda Vergara (2012):

Pode-se dizer que entrevista é uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo. Em geral, entrevistado e entrevistador não se conhecem, logo, é no tempo da entrevista que estabelecem o relacionamento. Mas isso não é uma regra geral. Pode acontecer de entrevistado e entrevistadores já se conhecerem e essa relação é capaz de até facilitar o encontro com o fim precípua de obtenção de informações para uma pesquisa. (VERGARA, 2012, p. 3)

Então, é nesse momento investigativo que o diálogo se estabelece. É preciso ouvir com os ouvidos e com todos os sentidos, para capturar expressões, dúvidas, reflexões, entre outros. Além da palavra, o entrevistado fala com o corpo e é preciso estar atento a estas nuances.

Quando fomos levantar as possibilidades de entrevistados, tínhamos em mente um perfil: professores de Música, da Rede Privada de Porto Alegre. Inicialmente, desejávamos que fosse no mesmo bairro ou zoneamento da cidade, mas acabamos definindo pelas possibilidades de contatos que tínhamos. Dos 5 entrevistados, a pesquisadora já conhecia 4 e, bem como referendou Vergara (2012), se por um lado seria melhor que não os conhecesse, para que na entrevista isso se desse, por outro, facilitou o contato e a marcação dos horários, dias e locais dos encontros. Somente uma entrevista precisou ser remarçada, mais de uma vez e esta era, coincidentemente, ou não, do entrevistado o qual eu ainda não conhecia pessoalmente. As entrevistas foram individuais, em local, horário e data escolhidos pelos entrevistados, com duração de 35 minutos a 2 horas e 14 minutos. Foi planejada, no que diz respeito à estrutura, de forma semiestruturada, semiaberta ou, segundo Yin (2005), entrevista focada é aquela:

[...] na qual o respondente é entrevistado por um curto período de tempo – uma hora, por exemplo. Nesses casos, as entrevistas ainda são espontâneas e assumem o caráter

de uma conversa informal, mas você, provavelmente, estará seguindo um certo conjunto de perguntas que se originam do protocolo de estudo de caso. (YIN, 2005, p. 117)

Neste ínterim, planejamos o roteiro de entrevista, pensando em alguns tópicos para caracterização inicial e após as questões a serem respondidas pelos entrevistados. O tempo previsto foi de 1 hora e a média foi esta, mas tivemos 2 extremos, para mais (o dobro do tempo proposto) e para menos (metade do tempo). Assim, verificamos que o planejamento é fundamental, mas cada entrevista depende dos rumos que o entrevistado dará.

A seguir, destacamos como foi a proposta inicial:

Quadro 1 - Dados de identificação dos entrevistados

<p><b>Roteiro de entrevista</b></p> <p><b>Dados de identificação:</b></p> <p>Sexo ( ) masculino      ( ) feminino</p> <p>Idade: _____</p> <p>Anos de atuação como professor(a) de música: _____</p> <p>Codinome musical pelo qual gostaria de ser identificado na pesquisa (nome de um cantor, músico, educador musical, (...): _____</p> <p>1) Fale sobre sua trajetória profissional (formação, experiências profissionais anteriores, ocupação atual).</p> <p>2) Como você vê a criança que chega, hoje, na escola? Quais as principais características desta criança?</p> <p>3) Como é o espaço físico no qual desenvolves as aulas? Que materiais tens à disposição na escola?</p> <p>4) Conte algumas das propostas, aplicadas por você em classes de EI, que consideras eficazes no que diz respeito à aprendizagem musical? O que te leva a ter essa visão?</p> <p>5) Como é o retorno dos estudantes, pais e demais educadores que trabalham com essa criança? Consegues ter um feedback sobre teu trabalho?</p>
---

6) Que aspectos não podem faltar numa aula de música na EI?
---

Fonte: Ramos (2015).

Com o roteiro em mãos e a agenda marcada, as entrevistas foram realizadas no espaço de tempo de 10 dias, aproveitando o início do semestre que geralmente é mais tranquilo para quem está atuando em escola, devido às atribuições e demandas diárias.

Após realizar as entrevistas e transcrevê-las, passamos a realizar a reflexão sobre os aspectos objetivos/descritivos e os subjetivos. A seguir, trazemos os quadros com as principais falas, de cada um dos entrevistados.

Quadro 2 - Entrevistado "Paul"

Questão	Aspectos objetivos/descritivos	Aspectos subjetivos
<b>1. Fale sobre sua trajetória profissional (formação, experiências profissionais anteriores e ocupação atual).</b>	<p>a. Então, antes de optar por ser professor, fazer licenciatura em música, andei por outras faculdades. Fiz engenharia, fiz psicologia. Até o ponto que identifiquei que queria fazer alguma coisa ligada à música. Sempre fui músico. Desde 12 anos de idade toquei, tive banda. E aí veio a ideia, por um amigo meu, o L, que é filho de um professor do O, que me sugeriu que fizesse a faculdade no X.</p> <p>c. (...) mas acho que o ponto fundamental que definiu o meu caminho pra licenciatura, pra me tornar professor de música foram os estágios. Eu fiz o primeiro estágio no Colégio A com turmas de 5º ano e fiz um trabalho com flauta doce ...</p>	<p>b.(...) E eu fui pra lá na verdade sem muita ideia se eu queria realmente ser professor ou não. Foi meio que um tiro no escuro, no início. Fui porque tinha relação com a música. E aí com o passar dos semestres comecei a gostar das práticas pedagógicas que foram experiências super significativas, assim né.</p> <p>d. (...) e no final uma apresentação que foi bem interessante assim, resultado bem bacana.</p> <p>f. (...) Bah, me faltou o nome agora. Era (pausa)... Se eu lembrar depois tu acrescenta. Daqui há pouco me lembro.</p> <p>h. (...) Ia toda sexta-feira de carona com uma amiga minha pra aula (risos)</p>

	<p>e. (...) Fiz um segundo estágio no ensino médio numa escola estadual onde eles não tinham aula de música e acabei estagiando na disciplina de artes.</p> <p>g. (...) Era na zona Norte, perto da São Judas. E o terceiro estágio geralmente é em ambientes fora da escola e eu optei por fazer numa creche que eu tava atuando no momento e ali começou o meu foco principal que é a Educação Infantil, apesar de trabalhar também com Anos Iniciais, mas a experiência inicial foi na EI, nessas creches que atuei, ali na B principalmente, onde trabalhei um ano. Foi me dando bagagem e experiência pra depois iniciar em colégios maiores como o C e o D. Quer que eu fale um pouco de como comecei, no C? Então eu me formei em 2011, terminei o X e continuei minha formação, no curso de pós-graduação na Y, no ano seguinte.</p> <p>i. (...) Então fiz o pós em Música, focado na educação musical. Também achei superimportante pra minha formação, pra prática, pois trabalhamos disciplinas práticas e teóricas. Fiz lá uma monografia focada na minha experiência prática. (pausa). Era sobre as aulas de extraclasse de violão, onde eu já trabalhava. Era sobre essa coisa do professor lidar com os diferentes níveis</p>	<p>j. (...) É o caminho que sigo, hoje. Tenho ainda a questão do músico prático, que é uma coisa que gosto de fazer, mas não é minha prioridade.</p>
--	--	--

	<p><i>dos alunos, mas direcionada pra prática de instrumento, mas em grupo. E esse foi o caminho pelo qual entrei no C. Entrei como instrutor com 4 horas/aula. Isso foi logo que me formei. As coisas foram acontecendo rápido. E até não esperava que ia acabar a faculdade e logo estaria trabalhando em dois colégios grandes. E no ano seguinte abriu uma vaga na EI e eu comecei a trabalhar na EI do C. Nesse meio tempo eu tinha feito uma seleção no D e não havia sido chamado. Comecei o ano de 2012 trabalhando no C e final de março, início de abril me ligaram do D pra fazer uma entrevista, fiz uma aula prática e acabei ficando e conciliei as duas escolas. Atualmente estou só no D.</i></p> <p><i>k.(...) Hoje o meu trabalho fixo é com educação e nas horas vagas músico. (pausa)</i></p>	
<p><b>2. Como você vê a criança que chega, hoje, na escola? Quais as principais características desta criança?</b></p>	<p><i>b. (...) Eu trabalho com EI e AI. Nos AI assim uma dificuldade maior de lidar com as crianças em sala de aula, até porque na EI tem um reforço que é a auxiliar e a professora que ficam comigo na sala.</i></p>	<p><i>a. (pausa) A gente vê, assim, principalmente nos conselhos de classe onde a gente conhece melhor o contexto das crianças, a gente consegue perceber que existem muitas famílias desestruturadas ou despreparadas para lidar com seus filhos e delegam pra escola a responsabilidade. Claro que nossa responsabilidade como educadores é grande. E vejo que, não generalizando, que tem crianças que parece que não</i></p>

		<p><i>todo o apoio em casa e acabam criando uma expectativa em cima do profissional pra que cumpra essa função, que, em muitos casos, penso eu, que deveriam vir de casa essas questões mais estruturadas. Vejo eu há uma diferença.</i></p> <p><i>c. (...) Mas não sei se conforme elas vão crescendo acabam meio que se perdendo, não tendo o direcionamento necessário em casa, mas o fato é que nas turmas de terceiro ano que trabalho hoje, tenho mais dificuldade. Eles são mais agitados. A questão até do confronto com o professor. A criança pequena é mais tranquilo até. Tu dá aquela 'chama' e já se aquietam, se acalmam e os maiores parece que não adianta.</i></p> <p><i>E tem a questão de realidades diferentes também. A questão do D ter outra Unidade que tem outra realidade. Lá no D2 as crianças são mais carentes. Tem essa coisa de vir e dar um abraço. De contato, querer contar as novidades. Eu adoro trabalhar nos dois mas dando um exemplo às vezes vejo que tem turmas que dei aula há dois anos atrás nos AI e passam por mim e nem cumprimentam. Lá no D2 às vezes alunos que faz mais tempo que dei aula, me olham de longe, vem e me abraçam. Bah, umas crianças de 2 metros de</i></p>
--	--	---

		<p><i>altura que lembram de mim. Isso chama a atenção. Isso não quer dizer que os do D2 são queridos e os outros não, mas são características diferentes por virem de realidades diferentes. Acho eu cada grupo tem suas características. Eu vivencio essas realidades e mais a EI.</i></p>
<p><b>3. Como é o espaço físico no qual desenvolves as aulas? Que materiais tens à disposição na escola?</b></p>	<p><i>a. Então, agora também tenho que dividir pois trabalho em 3 locais diferentes dentro do colégio. Não tenho do que me queixar, pois tenho bastante recursos e espaços bons. Na educação infantil dou aula num auditório grande onde tem projetor, se quiser buscar um recurso da internet ou colocar um dvd, tenho ali à disposição. O espaço físico é bom, dou aula geralmente em cima de um palco, mas se precisar de um espaço maior posso descer e ocupar todo o auditório, ou eventualmente levar as crianças pra rua, usar o espaço das figueiras, onde tem uma área bem boa.</i></p> <p><i>c. (...) Tem muita coisa danificada, como tambor, pandeiro quebrado, de percussão, que é o que mais tem. Tem também um piano que não está cem por cento afinado, mas é um recurso, até visual, pois as crianças têm aula ali, com um piano na frente o que chama a atenção. Volta e meia abro o piano, mostro pra eles e eles também podem tocar. Às</i></p>	<p><i>b. (...) Questão de material, tenho bastante coisa, mas sempre tem o que melhorar, rever, manutenção.</i></p> <p><i>d. (...) Acho importante o professor ter seu material.</i></p>

	<p><i>vezes toco algumas músicas de forma básica, porque piano não é meu instrumento. Uso muito mais o violão. Mas trabalho bastante com percussão, piano (pausa). E levo coisas minhas.</i></p> <p><i>e. (...) É bom que a escola tenha bastante coisa mas a gente tem que ter também. O professor investir no próprio material também é importante. Agora to só no D, mas quando estava nos dois colégios tinha coisas que tinha num colégio e não tinha no outro, então procurava ter o meu material pra levar comigo. Então, o espaço físico é ok. Instrumentos tem bastante coisa, posso solicitar também.</i></p>	
<p><b>4. Conte algumas das propostas, aplicadas por você em classes de educação infantil, que consideras eficazes no que diz respeito à aprendizagem musical? O que te leva a ter essa visão?</b></p>	<p><i>a. Aham. Assim, vou falar algumas. Questão de parâmetros sonoros que é uma coisa que a gente trabalha bastante na educação infantil. Que são altura, duração, intensidade e... que mais mesmo? Ah, é, timbre.</i></p> <p><i>c. (...) Questão de trabalhar sonoridades diferentes, graves e agudos. Tenho uns sinos coloridos que também já usei pra fazer a relação de graves e agudos e também organizar uma sequência de sons. Mostrar pra eles que dependendo da combinação</i></p>	<p><i>b. (...) Também tem jogo da memória dos instrumentos, mas pra ganhar o ponto tem que achar o par e dizer o nome do instrumento. Não é tão barbadinha assim (risos)</i></p> <p><i>d. (...)E surgem coisas bem interessantes, principalmente com o N5.Ás vezes tu planejas uma coisa e a aula caminha pra outro lado.</i></p> <p><i>f. (...)E muitas coisas acontecem e direcionam as</i></p>

	<p><i>de sons que fazes tu cria melodias. De forma que eles possam identificar e com minha orientação possam tocar uma melodia conhecida, uma canção folclórica, por exemplo. Brincadeiras de reconhecer melodias com os pequenos do Nível 3 que tem três anos. De tocar uma música na flauta e eles tentam identificar pela melodia que música é. Com os maiores de 4 e 5 anos já consigo fazer um trabalho de relacionar os graves e agudos na sequência das notas dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó e fazendo a relação de alturas, começa uma escala com uma mais grave e termina com uma mais aguda. Tem várias brincadeiras de fazer escadinha, tapete musical que a gente tem ali. Dá pra usar várias músicas que falam das notas. Tem várias: Minha canção, Dora estava na janela, essas brincadeiras que falam os nomes das notas e falam de forma ascendente, crescente as notas, onde começam a identificar e tem que se movimentar com o corpo, indo pra onde está o nome da nota ou fazendo com a mão as alturas. Então as notas musicais trabalho bastante. Com o 4 já dá mas foco mais no nível 5 (5 anos) trabalho e foco mais nos instrumentos e famílias dos instrumentos. Explico que os instrumentos de orquestra sinfônica são divididos em</i></p>	<p><i>coisas vão pra outro caminho.</i></p>
--	--	---

	<p><i>famílias. Porque famílias, né? Porque como numa família a gente tem pessoas semelhantes, dois irmãos geralmente são parecidos. Na família das cordas tu vais ter o violino, a viola, o violoncelo e o contrabaixo que são instrumentos muito semelhantes, mas de tamanhos diferentes. Em função disso um é mais grave, outro mais agudo. Então trabalhando as famílias, metais, cordas, percussão (pausa) aí eu faço brincadeiras de reconhecer os sons, com figuras. Associa a figura ao som. Eles tem que ouvir e associar à figura. (pausa).</i></p> <p><i>Tem o cd do livro “Orquestra tintim por tintim”, que tem esses instrumentos tocados separados. Eu procuro selecionar. Tem alguns como o fagote que são mais difíceis de identificar. Daí deixo de fora. O próprio adulto tem dificuldade de reconhecer. Então começo pelos mais tradicionais e vou aumentando, colocando outros. (pausa)</i></p> <p><i>e. (...) Também tem atividades com o corpo. Muita atividade com o corpo. Eu procuro conciliar isso. Numa turma de educação infantil tu não pode ficar muito tempo sentado com eles falando de escala, instrumentos, ficar na</i></p>	
--	---	--

	<p><i>questão teórica. Claro que mesmo ali tem o lúdico, a brincadeira, mas a questão deles se movimentarem é importante. Trabalho bastante ritmo. Com instrumentos e com o próprio corpo. Jogo do eco. Eu faço um ritmo e eles tem que repetir. Faz uma brincadeira em roda. Invento um nome tipo: telefone sem fio sonoro. No telefone sem fio tu fala uma palavra e a ideia é que chegue a mesma palavra no final, e na brincadeira do ritmo, cada um vai passando, com um pandeiro, por exemplo. Vão surgindo outros pelo caminho. A ideia é que mais adiante eles criem seus ritmos. Da metade pro fim do ano, que eles já tem quase 6 anos. Já surgem criações e os colegas tem que repetir. Trabalho bastante com canto, repertório, festividades que fazem parte do calendário escolar (dia das mães, dos pais, final de ano). Obviamente não me preocupo com a afinação, mas que eles entendam a melodia e possam cantar dentro de um ritmo. (pausa).</i></p> <p><i>As vezes as crianças trazem as músicas que estão ouvindo e coloco pra eles terem um momento mais livre, pra criar e dançar. Ou trazem um instrumento. Aconteceu na última aula. Uma menina trouxe um acordeom. Passamos a aula toda explorando. Mostrei que cada mão faz uma coisa. Que</i></p>	
--	--	--

	<p><i>se tu abrir ou fechar faz som diferente. Falei um pouco sobre o acordeom e que aqui no Rio Grande do Sul chamamos de gaita. O acordeom é de sopro e eles ficam bem curiosos. Eles acham que sopro a gente tem que soprar. Explico que é de sopro mecânico. A mesma coisa do piano que é de corda e tem que explicar que elas estão lá dentro.</i></p>	
<p><b>5. Como é o retorno dos estudantes, pais e demais educadores que trabalham com essa criança? Consegues ter um feedback sobre teu trabalho?</b></p>	<p><i>b. (...) Mas um dia chegou um pai e perguntou: tu que é o professor de música? Sim, sou eu. Queria te dar os parabéns pelo teu trabalho. Daí comentou que o filho dele, que até era um aluno que não se envolvia muito, daqueles mais quietinhos, mas ouvido aberto. O pai se surpreendeu porque um dia colocou uma música e o filho começou a falar sobre as famílias dos instrumentos. Começou a definir os instrumentos e de qual família cada um era. Esse feedback foi um momento bem gratificante.</i></p> <p><i>d. (...) Também lembro de uma mãe que me contou que levou o filho num concerto e ele já tinha noção até da diferença entre um contrabaixo e um violoncelo.</i></p> <p><i>Teve uma situação de queixa sobre repertório, que as crianças pediram pra colocar uma música e um menino chegou em casa e comentou sobre a música e o pai achou que não era</i></p>	<p><i>a. Vou falar uma experiência muito legal que tive. Acho que foi no C. Há uns dois anos. Ou mais. Às vezes eu fico com a sensação que tô dando uma aula e as crianças tão meio aéreas. Sei lá se tão prestando atenção.</i></p> <p><i>c. (...) Tenho tido retornos positivos. Acontecem queixas, mas até comigo não aconteceu muito.</i></p> <p><i>e. (...) O pai principalmente. Achava que a aula era colocar música para as crianças ficarem dançando, sem nenhum objetivo. Mas eles vieram conversar comigo e pude falar um pouco do meu trabalho. Mas em geral o retorno é bem positivo, das crianças e famílias.</i></p> <p><i>g. (...) Por exemplo nesse último feedback as questões que apareceram não foram tanto de críticas de minha prática com as crianças, mas</i></p>

	<p><i>apropriada. Era Prepara, da Anita. Que as meninas ficaram insistindo, eu coloquei uns dois minutos no final da aula. E os pais questionaram meu trabalho. f. (...) La no colégio a gente tem um retorno da coordenação. Sempre tem pontos a melhorar, claro.</i></p>	<p><i>em relação ao grupo de trabalho. De procurar ser mais participativo, contribuir, falar mais.</i></p>
<p><b>6. Que aspectos não podem faltar numa aula de música na educação infantil?</b></p>	<p><i>a. (pausa) Vejo que o canto é fundamental. Trabalhar o canto. Claro que tem outras coisas. Tem também a coordenação rítmica. Exercitarem isso, explorarem o corpo como recurso rítmico. De terem experiências nesse sentido. As atividades que mencionei. Acho que é isso. Brincadeiras, jogos em grupo. (pausa). A questão do movimento. Não tornar a aula uma rodinha onde fica o tempo todo tu ali explicando coisas. Porque minha aula é geralmente, quer dizer, sempre é dividida em momentos. Tem o momento da roda e atividades práticas. Mas imprescindível pra mim é que eles cantem trabalhem melodia, ritmo, aprendam sobre os instrumentos. a relação de sons, timbres, instrumentos. (pausa). É isso.</i></p>	
<p><b>Então estamos encerrando nossa entrevista. Queres dizer mais algo?</b></p>	<p><i>Não. Acho que já falei bastante, né?</i></p>	

Fonte: Ramos (2015).

Questão	Aspectos objetivos/descritivos	Aspectos subjetivos
<p><b>1. Fale sobre sua trajetória profissional (formação, experiências profissionais anteriores e ocupação atual).</b></p>	<p>a. <i>Como surgiu essa minha profissão na minha vida: eu cresci numa cidade pequena do interior onde a cultura era muito rica. Lá em Montenegro existia um centro cultural, onde a minha mãe era professora. Então de manhã eu ia na escola e de tarde pra esse centro cultural, onde eu tinha a oportunidade de fazer várias aulas, ter acesso a cultura de uma maneira muito ampla e isso facilitou bastante, ou melhor, influenciou o meu modo de dar aula.</i></p> <p>c. (...) <i>Lá nesse centro eu pude trabalhar com artes plásticas, com instrumentos musicais, com orquestra, ballet, dança. Eu ficava a tarde inteira lá. Além disso eu lembro da biblioteca pública da minha escola, onde a gente ia bastante também. Vários profissionais de outras cidades iam pra Montenegro para trabalhar e atuar nesse centro, assim como eu tive a oportunidade de dançar com a O que é uma grande professora de ballet, a P que também que é professora de dança, a Q, excelente professora de piano, com o R que também foi meu professor de piano.</i></p> <p>e. (...) <i>E que eram referência não só lá no interior, mas aqui em Porto Alegre e por todo o estado. Cresci convivendo com a arte.</i></p>	<p>b. (...) <i>Porque eu acredito que a música não está separada da arte e a arte não está desvinculada da música. Uma pode se apropriar da outra. Assim como existem muitas infâncias, existem várias formas de se expressar pela arte.</i></p> <p>d. (...) <i>Então eu tive excelentes referências pra minha formação, professores que me influenciaram muito.</i></p> <p>f. (...) <i>Minha formação como ser humano teve nesse centro uma base muito importante.</i></p> <p>h. (...) <i>Eu me frustrei um pouco no estágio e depois que me formei eu resolvi ir por outros caminhos.</i></p> <p>j. (...) <i>Nessa época minha mãe faleceu e eu tive que dar uma parada pra decidir o que eu queria fazer.</i></p> <p>l. (...) <i>Primeiramente eu achei que isso não fazia parte do meu ser, mas quando sentei com um violão no chão, com seis crianças olhando pra mim, como se eu fosse a pessoa mais importante da face da terra, foi ali que o bichinho da Música e da Educação e do</i></p>

	<p>g. (...) <i>Mais tarde me formei em Magistério, né, escolhi essa profissão.</i></p> <p>i. (...) <i>Então, a única Universidade perto da minha casa era a A, né, que tinha uma sede perto. E eu escolhi fazer Publicidade e propaganda. Me formando e vendo o mercado muito competitivo e que não me dava retorno quanto à criatividade que eu tinha, eu me frustrei.</i></p> <p>k. (...) <i>Foi então que com o apoio da minha irmã, que era professora de Música e já morava em Porto Alegre, eu trabalhei com ela na parte de identidade visual, na secretaria, então ela me sugeriu que eu voltasse pra educação pra trabalhar com Música.</i></p> <p>m. (...) <i>Então eu fui atrás de formação. Eu já tinha uma formação musical na adolescência, mas era não era legitimada. Eu também cantava no coral da S, da A, viajei pro Uruguai, participei de gravação de cd, participei de bandas, mas não era isso que me movia.</i></p> <p>o. (...) <i>Então eu fiz um pós em Educação Infantil da B e isso me deu muito 'know how' e conhecimento pra aquilo que eu queria exatamente. Eu estava trabalhando na escola da minha irmã com crianças de 3 anos de idade, dando aula de piano e musicalização infantil. Ali eu fui convidada pela T que era mãe de um aluno, e ela tinha</i></p>	<p><i>interesse pela criança e pela arte despertou em mim.</i></p> <p>n. (...) <i>O que movia era a Música vinculada à educação Infantil, que na verdade estava nascendo, com status e apoio, tanto no Município, quando no Estado e poder privado.</i></p> <p>p. (...) <i>Me frustrei com o jeito que trabalham com a Música popular brasileira, desvalorizando nossa cultura. Existem educadores que não sabem trabalhar com a riqueza que é a nossa cultura e nosso país.</i></p> <p>r. (...) <i>Sei que a escola cresceu muito comigo, mas quando mudou de sede eu tive divergências com a psicóloga porque ela não me defendeu frente aos pais. Hoje em dia, nós, da área privada, não somos defendidos por aqueles que nos pagam. Os pais mandam na escola.</i></p> <p>t. (...) <i>Uma coisa importante é que há 12 anos atrás eu não tinha concorrência. Não existia profissionais como eu, que se destacava pelo diferencial. Trabalhar a música pelo corpo. Instrumentos musicais, música clássica, brasileira,</i></p>
--	---	--

	<p><i>sido colega da minha irmã, na licenciatura em Música. Mas nessa época ela era dona de casa, a T. E ela estava querendo fazer um cd pro filho dela e eu acabei fazendo parte desse Cd, minha irmã também, tocando. E esse cd em 2005 ganhou o prêmio Açorianos de melhor cd infantil. Esse cd se chama Conversa de bicho. E foi a partir daí que eu comecei a palestrar nas prefeituras do interior do RS, falando sobre o tema da Música na Educação Infantil. Eram formações para professores. Eu conheci educadoras maravilhosas, nessa época, na B. Fiz um curso de brinquedista I e II com a U, para crianças e para terceira idade. No verão eram esses cursos. Lá também conheci o V, que trabalhava com expressão corporal e música. Fui trabalhar em uma escola e fui sendo indicada para outras e hoje já estou há 12 anos na escola que comecei. Uma escolinha particular de EI. Só abri mão porque agora estou trabalhando em duas escolas grandes de Porto Alegre e não tenho mais tempo para as escolas menores. Mesmo assim, eu ainda faço as festas de final de ano, datas comemorativas e projetos. Eles me chamam. Além disso, para legitimar meu conhecimento, achei que era importante ter graduação em Música. Então eu resolvi entrar na Licenciatura em Música no</i></p>	<p><i>universal. Com músicos em destaque. Ampliação de repertório, partindo do que eles sabem.</i></p> <p><i>v. (...)Foi um grande desafio. Tinha medo das crianças maiores, mas vi que o intense deles é grande também.</i></p>
--	---	--

	<p><i>D. Já deixei e voltei várias vezes.</i></p> <p><i>q. (...) Eu acho que Villa-Lobos na década de 30 tinha muita razão ao falar que nós brasileiros não sabemos valorizar o que temos e o que somos. E ele apesar de fazer muito tempo, ele foi um grande desbravador e todo mundo ainda fala nele, porque ninguém conseguiu fazer um projeto melhor e ir além. É importante trabalhar com folclore, cirandas, rodas. Bom, mas voltando pra minha trajetória. Eu comecei a trabalhar na escolinha C, saí de lá porque elas queriam que fosse um homem, pra ter referências masculinas, o que eu não concordo, mas enfim. Depois trabalhei na E e na F, que foi uma escola excelente pra mim e eu pra ela.</i></p> <p><i>s. (...) Trabalhei na G, H e I. Tinha uma época que eu tinha 6 escolas infantis até que em 2007 eu fui trabalhar com Expressão corporal e Música no colégio J, na EI. Pena que o colégio foi vendido pra uma rede e que tinha todo um projeto pedagógico que vinha de outro estado. E essa não tinha Música no currículo, na EI. O que é uma pena, porque a música permeia todos os conteúdos da escola. Mas tem projetos que não acreditam nisso. Foram demitidos 21 profissionais nessa época, dessa escola. Eu voltei para algumas escolinhas. Eu corria, toda semana de uma escola pra</i></p>	
--	--	--

	<p><i>outra. Ano todo. Nas férias de verão ficava sem trabalhar e sem receber. De manhã, eu trabalhava com a minha irmã na escola de música que ela tem, a K, desde os 3 anos até a terceira idade.</i></p> <p><i>u. (...) Hoje posso dizer que sim, mas existem músicos trabalhando, mas sem consistência. Hoje eu trabalho no L, que é o terceiro ano que estou, somente com EI (12 turmas), e no M. No M eu fiz um estágio com a X e dali me convidaram pra trabalhar na outra unidade dessa escola, com EI e AI (1º ao 4º ano).</i></p> <p><i>x. (...) No M são 13 turmas. Eu tenho que dizer que eu estou acabando o último semestre da Licenciatura em Música. Depois, vou ver se vou pro pós ou mestrado, mas daí vamos ver.</i></p>	
<p><b>2.Como você vê a criança que chega, hoje, na escola? Quais as principais características desta criança?</b></p>	<p><i>a. Primeira coisa: essa criança é muito informada. Além disso ela é informatizada.</i></p> <p><i>c. (...)Açam que qualquer troca de acorde é uma música interessante. É uma criança muito dependente. Muito.</i></p> <p><i>d. (...) Voltando à criança. Ela é individualista, não sabe brincar. Precisa de interferência de um adulto. Gosta de brincar com</i></p>	<p><i>b. (...) Ela é o que a família é. Ela simplesmente reproduz em questões corporais, musicais e de atitude. E eu vejo que cada vez mais esse mundo contemporâneo mais acessível ao lixo midiático da cultura brasileira faz com que elas gostem muito mais de coisas sem qualidade sonora. Ahhh... me esqueci de uma escolinha muito importante que eu trabalhei. É a N. foi muito importante pra minha caminhada. Trabalhei uns 3 ou 4 anos. Ela não existe mais.</i></p>

	<p><i>eletrônicos, sozinha. Não socializa. Tem medo de se relacionar, de se expressar. É uma criança que viaja muito. Mais que a professora. Tem acesso cultural. Tem acesso a jogos.</i></p> <p><i>f. (...) Eu levo baqueta de madeira com durex, caixa de papelão, potinhos plásticos, garrafa pet.</i></p> <p><i>h. (...) Hoje cada vez mais difícil ouvir. Trabalhar com apreciação é difícil. A criança parar e ouvir. Se ouvir, ouvir o outro, ouvir uma música que não conhece. A criança de hoje tem medo de subir numa árvore</i></p> <p><i>j. (...) Eu não vou lá na escola ensinar uma música pra criança cantar pro pai. Eu tenho que fazer essa música ter sentido pra criança. Não é qualquer coisa. Esse aluno é muito crítico, não aceita o não.</i></p> <p><i>l. (...) Numa aula de música eu preciso que o aluno participe, se exponha, senão eu não tenho como avaliar o que está aprendendo. Música não se faz sozinho.</i></p>	<p><i>e. (...) Mas ao mesmo tempo, gostam de brincar com coisa simples. Eles dão valor, de acordo com a proposta que o educador traz. É descobrir o ser em detrimento do ter.</i></p> <p><i>g. (...) Quando eu trabalho o corpo, o corpo revela muito. Algumas sensações que lembramos da infância e adolescência ficam. Tudo o que passa pelo corpo é uma aprendizagem que fica, que permanece.</i></p> <p><i>i. (...) Tem medo do novo, tem medo do outro. Então isso é um mal da humanidade.</i></p> <p><i>k. (...) Se vê vitimizado, muitas vezes.</i></p> <p><i>m. (...) Tu pode estar sozinha num quarto cantando pro teu filho, mas isso vai influenciar no teu filho, no balanceio. Não é unilateral. Além disso, as crianças têm medo de errar. Se frustram. Mas é assim que a gente aprende.</i></p>
<p><b>3. Como é o espaço físico no qual desenvolves as aulas? Que materiais tens à disposição na escola?</b></p>	<p><i>a. O espaço que eu exigi eram espaços amplos, sem cadeiras, onde eu pudesse fazer barulho a Y chama de “barulhar”.</i></p>	<p><i>b. (...) Eu preciso desconstruir o som para poder construir.</i></p>

	<p>c. (...) <i>Improvisar e compor são funções da aula de música. No colégio L eu tenho uma sala com um piano, um armário com instrumentos musicais caindo aos pedaços. Eu pedi que comprassem um violão e eles compraram como eu quis, a marca que eu quis. O piano eles conseguiram com doação. Tenho aparelho de som. Se eu quero um livro ou cd, a coordenação e a biblioteca me apoiam nessa compra. E eu fico muito feliz com isso. Mas em relação aos instrumentos musicais eu tenho que dizer que durante estes 12 anos de carreira eu nunca tive apoio, que alguém chegasse e e dissesse “vamos lá comprar”, “do que tu precisa?”.</i></p> <p><i>Eu trabalho bastante o corpo, rodas cantadas, cirandas, canto em uníssono, a duas vozes, expressão corporal, apreciação, improvisação e composição.</i></p> <p>e. (...) <i>Na outra escola, no M, eles me deram um auditório, mas não tenho prioridade nenhuma. Porque é o único espaço fechado e aparelhado que tem. Lá tem data show, internet, posso baixar as coisas que eles querem. Isso é bem bom. As vezes chego e tem o ensino médio fazendo prova, por exemplo, ou não me avisam e por uma semana vai ter uma exposição e não</i></p>	<p>d. (...) <i>O problema que eu tive agora há pouco é que eu trabalho numa sala de vidro. Então, no último período os pais vão chegando e ficam olhando. Como os pais não ouvem o que está acontecendo eles acham que minhas expressões são agressivas. Muitas vezes já foram na coordenação criticar. Isso fez com que a coordenação pra me defender, entre aspas, fizesse que eu não usasse mais esse espaço nos últimos períodos. Daí eu tenho que dar minha aula na sala de aula. O mundo tem que se moldar ao aluno, as famílias. Estou muito preocupada com essa infância. Eles não podem errar, não podem se frustrar pra aprender. Os pais não conseguem ver que as crianças precisam, do não. É preocupante. Não sei como vai ser daqui pra frente. Também não sei se vou estar nessa profissão daqui há 20 anos, mas eu amo o que faço. É como diz aquela frase: não tenho tudo o que quero, mas amo tudo o que tenho.</i></p> <p>f. (...) <i>Em alguns momentos sofri críticas porque eu estava trabalhando alfabetização musical, escrita, registro. Fui criticada por não estar fazendo música.</i></p>
--	---	---

	<p><i>posso usar. Daí eu vou pra sala de aula, onde as mesas são velhas, pouco espaço. Nessa escola, no auditório, não tenho armário. Tenho poucos instrumentos, ou quase nada. Se tiver 3 tambores é muito. Só que o armário pra guardar fica em outra sala e eu tenho que carregar. E eu levo meu próprio violão. Eu ano passado consegui colocar a flauta no terceiro e quarto ano, porque é um instrumento fácil de carregar, dá uma concentração, eles tem que olhar pra regente. Questão de fazer junto. É um exercício. Eu gostaria de outro instrumento, mas não é possível.</i></p> <p><i>g. (...) Fiz sapata na calçada, desenhei um pentagrama, várias atividades. Num dia desses fui pro pátio com as crianças e levei os poucos instrumentos que tenho lá e fiz atividade com as crianças e veio a coordenadora do ensino médio e filmou minha aula. Achou o máximo, mas não sabe o que estou fazendo. Por exemplo, uma professora me questionou porque eu estava escrevendo na avaliação os termos parâmetros sonoros forte e piano. Elas não sabem. Daí eu explico.</i></p> <p><i>i. (...) Quanto aos materiais, eu posso te dizer que eu</i></p>	<p><i>h. (...)Mas tenho que me fazer valorizar. Que eu sei sobre Música e as crianças gostam e tem possibilidade de aprender as nomenclaturas corretas. Eles aprendem rápido.</i></p>
--	--	---

	<p><i>construo com as crianças instrumentos musicais pra ficar na escola. Mesmo a gente sabendo que são instrumentos que não vão durar muito, no máximo 6 meses. Muitos materiais eu trago. E também pego brinquedos da educação infantil pra compor uma música como por exemplo, pra música da Sopa, do Palavra Cantada, eu uso panelinhas, colheres, pratinhos, ...</i></p>	
<p><b>4. Conte algumas das propostas, aplicadas por você em classes de educação infantil, que consideras eficazes no que diz respeito à aprendizagem musical? O que te leva a ter essa visão?</b></p>	<p><i>a. Nas minhas aulas, no M, as professoras não acompanham.</i></p> <p><i>c. (...) Eu trabalho, na minha proposta musical, assim: primeiro eu trabalho a respiração. Trabalhar o diafragma, se a criança consegue estalar a língua, etc. Este também é um momento de feedback. Concentra para começar. Retomar o que foi trabalhado na aula anterior, o que gostaram, o que sabem, etc. No segundo momento, tem uma surpresa, seja um apito de madeira, um plastibolha, um brinquedo, uma coisa só.</i></p> <p><i>e. (...) Desse elemento vou desencadear a aula. Também trago jogo coletivo, onde tem que usar os dois hemisférios do cérebro. O corpo como instrumento musical por excelência. No terceiro momento é o conteúdo. Eles não sabem desse esqueleto, do roteiro.</i></p>	<p><i>b. (...) Porque se ficam, eu peço que participem. Daí elas não gostam. Falta de coleguismo. Na verdade, elas não têm que acompanhar. Se preciso, tenho que pedir.</i></p> <p><i>d. (...) Já tive experiência de trazer muitas coisas e não deu certo.</i></p> <p><i>f. (...) E ali entra a opinião, a dúvida e o entendimento. Isso é imediato. A resposta é imediata. Teve muitas vezes que eu vinha com uma intenção e no meio da aula tenho que saber que tenho que mudar.</i></p> <p><i>h. (...) A gente é capaz de improvisar, pela experiência. Tu nunca é um profissional completo. Nunca está pronto. Eu preciso que eles se encantem</i></p>

	<p>g. (...) Tudo o que planejo, 60% eu não faço. Acabo fazendo outras coisas. Tem que conhecer o conteúdo, mas tem que conhecer a tua turma, o teu aluno, pra poder planejar e propor. E o professor tem que estar sempre atualizado. Fazer cursos, comprar livros, cds, dvds.</p> <p>i. (...) Que tenham noção do corpo. Contextualizo. Fazer com consciência. Organizar as ideias. E o último momento é de fechamento, de apreciação, relaxamento.</p> <p>k. (...) Essa apreciação nunca está desvinculada ao conteúdo. Às vezes essa apreciação é uma hora do conto, conto uma história. Aqui consigo fazer uma retomada. Na verdade, na música não pode ter preconceito. Todo mundo consegue. Consigo trabalhar assim. Com esse esqueleto.</p> <p>m. (...) Na EI é importante de fazer um momento de escuta do que as crianças conhecem, do que eles gostam. Trazem um cd, um instrumento. Eu valorizo isso.</p> <p>o. (...) Tem bastante repertório. Até vou dizer que é difícil inserir um repertório novo. Eles pedem “A bicicleta”, do Palavra Cantada. Não é Xuxa e Patati Patatá. As crianças tem</p>	<p>com o que eles aprendem. E com o que eles são.</p> <p>j. (...)Dependendo da maturidade, da idade, esse momento dura 1 minuto. Maturidade, aliás. Não é da idade.</p> <p>l. (...)Quem me ensinou foi a Y e muito já me salvou esse esquema. Tem vezes que proponho algo que eles acham um horror, e daí eu tenho que tirar alguma coisa do bolso. Às vezes o aluno me superou, e tive que ir mais além.</p> <p>n. (...)Tem turmas que são muito musicais. Tem turmas que não preciso planejar. Eu puxo uma música e eles já vão pedindo outra.</p> <p>p. (...) Esses programas gratuitos muito me frustram, porque estão sempre vazios.</p> <p>r. (...)Já tentei levar espetáculos na Escola, mas sempre é muito caro. E quando é de graça, tem entraves pedagógicos, as vezes não fecha o calendário. Isso ainda é uma conquista que tenho que conseguir. Numa escola menor que trabalho há 12 anos, se eu chegar e disser “Nós vamos</p>
--	---	--

	<p><i>acesso. Ouvem coisas boas e eu incentivo. Dou dicas: “Vão assistir a Orquestra de brinquedos do Yanto Laitano”, por exemplo. Porto alegre há 90 anos tem uma Banda Municipal que se apresenta gratuitamente. Estavam se apresentando há dois domingos, na Redenção, estava vazio.</i></p> <p><i>q. (...) E quando a gente vai numa Adriana Calcanhoto que é caro, por exemplo, atrolhado de gente. Tem vários músicos na banda que foram nossos colegas. Meu primo toca na banda. É lindo.</i></p> <p><i>s. (...) Retomando. O que é eficaz: eles se ouvirem, se apresentarem uns para os outros, se colocar no lugar de líder, frente ao grupo. Principalmente numa das escolas, as crianças não gostam muito de se apresentar. Vivência coletiva. Corpo que brinca, que poetiza que emite som. Fazer junto com. Isso é eficaz. Agora, é difícil, também, que improvisem. Quanto mais velhos, menos improvisam. Eles imitam os artistas, mas não improvisam.</i></p>	<p><i>pra lá”, nós vamos. É sem pestanejar. Isso, em escola particular é muito complicado.</i></p> <p><i>u. (...)O que me leva a ter essa visão é o retorno deles. Imediato. Se um jogo deu certo, ele volta na aula seguinte. Dia a dia a gente vai construindo juntos.</i></p>
<p><b>5. Como é o retorno dos estudantes, pais e demais educadores que trabalham com essa criança?</b></p>	<p><i>a. Com as crianças, todo os dias tenho feedback. Na escola L, tenho retorno dos pais. A gente se encontra nos corredores, os pais me dão ingresso para shows e eu</i></p>	<p><i>b. (...) É bem legal. Mas se algo acontecer de errado ou quando não estão gostando, daí eu tenho reunião. Me chamam. A coordenação.</i></p>

<p><b>Consegues ter um feedback sobre teu trabalho?</b></p>	<p><i>adoro. É tudo informal. Em datas comemorativas, em comemorações, os pais elogiam. As professoras titulares dão retorno: ah, as crianças estavam cantando tal música.</i></p> <p><i>c. (...) Não tenho momentos de falar e ouvir o que está acontecendo, se está indo bem, ou não, etc. Tive um momento desses em 3 anos. Só. Eu tenho que encaminhar de 15 em 15 dias meu planejamento. Isso dá um respaldo. Sabem o que eu estou fazendo, me questionam, elogiam.</i></p> <p><i>e. (...) Na outra escola, fui chamada várias vezes. Mas sempre pra retomar. Um dia me disseram que não podia pegar as crianças pelo braço. Não pode tocar nas crianças. Perguntei: “mas estou sendo agressiva? ”. Não é essa questão.</i></p> <p><i>g. (...) Nessa escola é a direção que me chama. A coordenação pede o planejamento, mas acho que nem olham.</i></p> <p><i>i. Às vezes questionam umas propostas. Como “O fantasma da ópera”, que é muito show. Mas alguns alunos disseram, em casa que não conseguiam dormir porque estavam com medo. Daí fui questionada, argumentei e tive que tirar. Coloquei “O carnaval dos animais”, que é mais infantil, ok.</i></p>	<p><i>d. (...) Mas não querem que toque. Pra mim foi a coisa mais frustrante. Tenho que só usar a voz. Está sendo desafiador. Falta o toque.</i></p> <p><i>f. (...) Os pais, alguns mais próximos, vem sempre falar, pedir dicas, dar retornos. Isso é muito legal.</i></p> <p><i>h. (...) Mas eu estou numa fase de reconstruir, renovar. Estou satisfeita, mas falta alguma coisa. Às vezes me frustro.</i></p>
---	---	---

<p><b>6. Que aspectos não podem faltar numa aula de música na educação infantil?</b></p>	<p>a. <i>Primeiro tu tem que aprender que o corpo é instrumento musical por excelência e descobrir as possibilidades que teu corpo pode oferecer. Não fui eu quem disse isso. Mas repito sempre. Isso é essencial. Fundamental. Tanto através da expressão de uma história cantada, ou na execução ou no brincar.</i></p> <p>c. (...) <i>Então, na aula, não podem faltar 4 coisas. Não pode faltar esse corpo que canta e que pode produzir sons. Tem que ter um momento de respiração, momento de fazer sons guturais. Hoje eu posso dizer que a criança não canta, ela só ouve até os dois anos, mais ou menos. Então ela ouve, te observa. Com dois anos ela já canta.</i></p> <p>e. (...) <i>Não pode faltar um repertório que eles se identifiquem, mas que ao mesmo tempo seja construtivo. Tenha uma qualidade musical sonora. Teve o caso do Funk do Xixi, que a Ivete Sangalo canta com o Saulo, da Banda Eva. As crianças amam. Só que a escola veio questionar: tu tá trazendo funk pra aula? E eu respondi que se eu posso trazer Tim Maia, que é funk, porque não outros? Eu não consegui me fazer entender. As coordenações sempre dizem que as crianças amam as minhas aulas. Começam assim. Mas é um discurso meio irritante, porque sempre tem um “mas”. Tem também “O sapo não lava o</i></p>	<p>b. (...) <i>É esse corpo que brinca, age e transforma.</i></p> <p>d. (...) <i>Eles não são estimulados a emitir sons, cantar, ser espontâneos. Falta essa espontaneidade. Eu preciso dessa espontaneidade.</i></p> <p>f. (...) <i>Mas é o que te digo: a direção acredita em mim, no meu trabalho.</i></p> <p>h. (...) <i>Mas pra mim: eu preciso de um ambiente amplo, sem cadeiras, com instrumentos musicais a disposição, com um aparelho de som bom, microfone, com um telão e queria um armário com livros e uma discoteca pra mim. Isso é o meu sonho dourado. Tu tá perguntando, tô te dizendo o que seria o ideal mesmo. E amar o que faz. Eu só posso te dizer que isso faz a diferença. Um aluno traz uma ideia e tu acolhe aquilo e faz acontecer o negócio. Isso é maravilhoso.</i></p>
--	--	---

	<p><i>pé”, que foi gravado como funk, no cd “Músicas daqui, ritmos do mundo”. Uma vez fizemos uma festa na E, de final de ano, com ritmos diferentes. Tocamos “Superfantástico” numa versão do N. E ficou lindo. As crianças adoraram e os pais também.</i></p> <p><i>g. (...) Eu não vou cantar “Camaro amarelo”, nem nada que tenha palavrão. Retomando, então, o que não pode faltar numa aula: o corpo, como instrumento musical por excelência, a respiração, o cantar e emitir sons, a espontaneidade, o repertório. A espontaneidade seria a improvisação e o repertório seria a composição. Isso na criança. Eu acho que também é importante que o professor tenha uma formação pedagógica. Ele precisa saber da didática. Não adianta ser um bom instrumentista. Tem que saber dar aula. Tem que ser eclético. Que trabalhe o repertório brasileiro e de outras culturas, porque a música é uma linguagem universal. Se alguém gostar da nossa aula, vai conseguir ensinar.</i></p>	
--	--	--

Fonte: Ramos (2015).

Quadro 4 - Entrevistado "Villa Lobos"

Questão	Aspectos objetivos/descritivos	Aspectos subjetivos
<b>1. Fale sobre sua trajetória profissional</b>	<i>a. Eu fiz magistério. No ensino médio eu resolvi que</i>	<i>b. (...)Mas aí, durante o primeiro ano de faculdade eu</i>

<p><b>(formação, experiências profissionais anteriores e ocupação atual).</b></p>	<p><i>queria ser professora. Como eu já estudava piano desde os 7 anos de idade, eu já tinha essa ideia de ser professora de música. Daí eu fui direto, fui pra faculdade de Música. Com dezoito anos já dava aula de piano. Quando entrei na faculdade o conservatório onde eu estudava me pediu para dar aulas de piano e ali já senti a necessidade de um preparo pra isso. Eu estudava na A e fazia um curso que se chamava Licenciatura em Educação artística – Habilitação Música. Hoje em dia já é licenciatura em Música, mas é por causa dessas leis que vão mudando. Mas era faculdade de Música.</i></p> <p><i>c. (...) Tinha uma professora que trabalhava com isso, eu assisti uma aula e depois ela me convidou pra ser bolsista dela e comecei a trabalhar.</i></p> <p><i>e. (...) ...pedi pra assistir e fui há umas 3 aulas até que ela me chamou e disse: olha, consegui uma bolsa do CNPQ pra ti, pra ti me acompanhar na pesquisa. Eu nem sabia que aquele grupo era uma pesquisa. A faculdade toda eu tive bolsa de iniciação científica. Dessa professora eu passei pra professora B e fazia pesquisa na didática do piano. Daí eu trabalhei em Canoas, na C com piano e musicalização</i></p>	<p><i>me interessei e comecei a trabalhar com grupinho de musicalização infantil.</i></p> <p><i>d.(...) Logo que entrei na faculdade eu tive essa sorte. De encontrar essa professora que tinha um grupo de extensão com crianças. Eu fiquei muito curiosa e ...(...)</i></p> <p><i>f. (...) Quando eu entrei no D eu estava em licença interesse porque tinha ganhado minha filha e resolvi largar o estado porque vi que não era negócio ficar no estado. A partir daí eu tive uma longa trajetória no particular.</i></p> <p><i>h. (...) E tive sorte de ser pra Educação Infantil, pois era o que eu queria. Eu tive a chance de começar o projeto no município. Até foi muito engraçado porque cheguei na escola e me perguntaram: e berçário, dá pra dar aula? E eu respondi: claro que dá, dou aula em berçário há anos.</i></p> <p><i>j. (...)Mas nem me dei conta, porque pra mim era normal, mas pra eles a música era a partir do Maternal. Aí todos foram começando, tateando, aprendendo. Foi super legal.</i></p>
---	--	---

	<p><i>infantil. Eu tinha feito um concurso e trabalhei um ano e pouco com primeira série e aí eu já tava formada, tinha feito concurso pra música e fui chamada no estado. Era 1999 e fui até 2005 no D. g.(...) Paralelo a isso eu dava aulas de piano e às vezes algumas escolas pequeninhas me pedia pra fazer projetos. Uma vez fiquei 2 meses numa escolinha para ensaiar e fazer o encerramento do ano e no ano seguinte eu não quis continuar. Saí dali e trabalhei em escolas pequenas. Trabalhei na E , que é da F, e daí me chamaram aqui no G e estou aqui há mais de oito anos. Há 3 anos e meio estou também no município.</i></p> <p><i>i. (...) Daí organizaram meu horário e passaram uns meses e fui na SMED e me apresentaram a uma coordenadora de Educação Infantil que me perguntou: Ah, tu que é a Lisandra, né? Bah, tu colocastes os professores de Música da rede tudo a prova. E eu perguntei: porque? Então ela disse: é que tu disseste que dava pra dar aula de música pro berçário e eles estão tendo que dar aula pros bebês.</i></p> <p><i>i. (...) A rede municipal é muito legal, eles promovem</i></p>	<p><i>l. (...) É uma realidade totalmente diferente e é legal porque a gente faz um balanço entre os dois. Acho que é isso.</i></p> <p><i>n. (...)E aí a gente vai desenvolvendo o nosso jeito de dar aula. E como é importante a música para os bebês. Já existem pesquisas de como é importante a música nos 3 primeiros anos de vida. Além da questão musical, estimula toda a outra parte, mas enfim. Aos poucos as pessoas vão conhecendo e ampliando.</i></p>
--	---	---

	<p><i> cursos e encontros. To participando de um que é uma vez por mês. A gente encontra outros professores de música e troca experiências.</i></p> <p><i> k. (...) Mas o que mais pesou na formação foi a possibilidade da pesquisa, tanto que ali que eu defini o que eu iria fazer. Eu já dei cursos em Porto Alegre e no interior, pra professores, mas o que eu gosto é de trabalhar com crianças.</i></p> <p><i> m. (...) Mas depois fiquei só na Educação infantil. La eu aprendi muito, comecei a trabalhar com bebês. Na época não tinha aula para os bebês. Tinha do Maternal e Maternal I. Mas eu ia até o berçário, visitar os bebês. Dava uma escapadinha e dava uma tocadinha pra eles. Depois começamos no BII e depois, mais tarde BI. Daí fui me especializando e fiz muitos cursos com a H que já faleceu. Sempre fiz muito curso e sigo fazendo. Neste ano fiz um sobre as tecnologias na educação, no pós-graduação da música.</i></p>	
<p><b>2. Como você vê a criança que chega, hoje, na escola? Quais as principais características desta criança?</b></p>	<p><i> a. Eu vou te dizer assim que quem trabalha há muito tempo com educação percebe que as crianças chegam cada vez mais</i></p>	<p><i> b. (...) No município, carentes de um lado e aqui no particular, carentes de atenção.</i></p>

	<p><i>agitadas na escola. E aparecem mais questões de carência.</i></p> <p><i>c. (...) Chegam muito egocêntricos, porque os pais estão meio perdidos. Por falta de tempo de dar atenção, dão tudo, tudo. Eu percebo isso. O que me chama atenção de um tempo pra cá: cada vez mais crianças com questões emocionais, e algumas questões com diagnóstico. Autistas, aumentou muito o número.</i></p> <p><i>e. (...) Hiperatividade. Crianças com questões bem serias. Crianças que precisam de acompanhamento, de medicação. Antes eu tinha um aluno na escola, dois, com essas questões. Hoje é um por turma, ou mais.</i></p>	<p><i>d. (...)Eu não sei se escondiam os autistas em casa, antes. Ou se tá aumentando os casos.</i></p> <p><i>f. (...)A gente que já trabalha há tempo consegue perceber, lá no Berçário, a criança que vai dar o que falar a vida escolar inteira. Graças a Deus as vezes a gente se engana. Alguns vão mudando, se ajustando. Mas muitos casos que a gente toma um tempão resolvendo questões, manejando. As vezes uma conversa ou um colo resolve, mas as vezes não. É um envolvimento muito nosso. E cada ano a demanda é maior.</i></p>
<p><b>3. Como é o espaço físico no qual desenvolves as aulas? Que materiais tens à disposição na escola?</b></p>	<p><i>a. Bahhh... aqui eu tenho um espaço muito bom. Vou te mostrar aqui, que eu tenho fotos. Os bem pequenos eu dou aula na sala de aula. A partir do Nível 1 (1 ano de idade) eles começam a vir no salãozinho. As vezes no primeiro semestre não. Depende da turma. A gente tem esse salãozinho que tem tabuão, que tem espelhos, é grande, um espaço maravilhoso.</i></p> <p><i>c. (...) Vou te mostrar aqui as fotos, olha. Aqui eu faço atividade com os papéis dos ovos de Páscoa. Eles amam. Todo ano eu faço. Passa a</i></p>	<p><i>b. (...)Aqui eu tenho um espaço que não tenho no município (risos). Nada é perfeito.</i></p> <p><i>d. (...)Esse trabalho é bem legal. São duas turmas que eu tenho assim. É um espaço privilegiado.</i></p> <p><i>f. (...) É uma realidade que tem que escolher o que usar. Porque tem tudo.</i></p> <p><i>h. (...)Tem que ter muito material. Ainda mais com</i></p>

	<p><i>Páscoa e as crianças já começam a perguntar da atividade com os papéis. Lá temos piano, um armário grande, olha. Tenho bastante instrumentos. Tenho piano e violão que eu toco. Depois temos muita coisa de percussão. Tem xilofone, metalofone, tamborzinhos, pandeiros, maracas, black-black, platinelas, castanholas, ovinhos, tem bastante coisa. Eu uso bastante coisa assim: copo, potinhos de iogurte, sucata. Eu tenho uma turma que é de turno inverso que é tipo oficina. Com estes eu construo instrumentos, a gente inventa um monte de coisa. É um salão grande, sem cadeiras, bem bom. Aqui tu vê uma bateria que os alunos inventaram com garrafas, garrafinhas e garrafões.</i></p> <p><i>e.(...) Além deste espaço, a escola tem um estúdio de música que a gente montou, eu e o outro professor de música, há uns 5 anos. Tem um teclado bem bom, tem bateria, piano. Já gravamos músicas pra festa de final de ano e ficou tão bom que o pessoal perguntou se a gente tinha ido a um estúdio gravar. Mas o salãozinho é muito bom. Tem surdos, tem instrumentos bem variados. Estes espaços são prioridade para aula de música. Mas os outros professores também podem usar. No final da tarde o salãozinho é usado</i></p>	<p><i>criança. É o concreto. A curiosidade deles é sempre saber o que tem na minha sacola. As vezes com potinho de yacult e eu disse que aquele seria o brinquedo da imaginação.</i></p> <p><i>j. (...) Então as vezes, essas crianças que tem tudo, se encantam com propostas simples.</i></p>
--	--	---

	<p><i>pra aula de ballet e jazz. Fora isso, quando dá alguma colisão de horários, a gente conversa e acerta pra um usar um espaço e o outro, outro. No estúdio, o professor I treina bandas. Isso aqui é outra coisa: o ipad a escola que nos deu. E assim, cada professor tem seu. Eu ganhei uma caixa com bluetooth, então, quando surge uma coisa, na hora a gente pesquisa no ipad, no youtube e emparelha com a caixa. As crianças ouvem e ouvem bem. Há pouco tempo não tinha isso. Tinha um aparelhinho de som que eu queria colocar um Beethoven, que precisa um pouco mais de volume, e mal dava pra ouvir. Agora com a caixa, ficou ótimo. É uma caixa que lê pen drive, bluetooth e rádio. Tem um aplicativo que é o exotify. Tu digita o nome da música e ele procura. Daí a gente ouve na caixa. Mas uso bastante também o youtube. E assim... quem é o Villa-Lobos? Eles perguntam. Pega o iPad procura e pimba, mostra ali. Tem wi-fi em toda a escola. E se eu quiser telão, tem salas com a aple tv. Daí eu reservo.</i></p> <p><i>g. (...) E assim...eu trago materiais, também. Agora mesmo eu deixei no armário um monte de materiais antes de vir aqui te receber.</i></p>	
--	---	--

	<p><i>i. (...) Se for um avião, pode? Pode, eles diziam. Daí eu colocava a música do avião e eles saiam com o potinho pela sala. Se for carro, sabonete, sapo, pode? Eles pediram pra levar pra casa e os pais vieram me contar que aquele potinho estava na mochila porque era precioso. Eles diziam para os pais que aquele era um brinquedo da imaginação. O potinho não precisa receber algo pra por dentro, para virar um instrumento. O potinho já é algo, por si só. As vezes dou dois potinhos e a gente sai criando formas de fazer som, batendo no chão, um potinho no outro, na parede, na mão.</i></p> <p><i>k. (...) Claro que temos os momentos com os instrumentos e isso é rico. Tenho um xilofone grande, lindo que eles adoram tocar. Em outros momentos já criamos, por exemplo um caxixi de garrafinha, eles colaram figurinhas, tocaram na aula e pediram pra levar. É outra proposta. Cada vez eu uso mais sucata. Uso aquelas bombonas de água, grandes. E tenho espaço pra guardar.</i></p>	
<p><b>4. Conte algumas das propostas, aplicadas por você em classes de educação infantil, que considera eficazes no que diz respeito à aprendizagem musical? O que te leva a ter essa visão?</b></p>	<p><i>a. Nos últimos anos tem sido legal o retorno quando trabalho compositores.</i></p> <p><i>c. (...) Mas de uns anos pra cá a gente tem escolhido alguém para dar uma ênfase. Então quando teve o centenário do</i></p>	<p><i>b. (...) Como a música é muito ampla as vezes a gente fica se perguntando o que eu tenho que dar prioridade, né?</i></p>

	<p>nascimento do Vinicius as crianças gostaram disso. Eu tinha uma latinha com o rosto do Vinicius e dentro tinha algo que lembrava cada uma das músicas que a gente aprendeu e as crianças adoravam. No outro ano, quando comecei a falar do Doryval Caymi eles diziam: é o Vinicius. Daí eu explicava que não, que aquele era outro. Aí teve o Lupicínio Rodrigues que tava fazendo centenário também. E foi indo. O retorno é legal porque daí depois eu misturava as canções e as crianças já reconheciam.</p> <p>e. (...) Assim como eles vão conhecendo os artistas plásticos, eu incentivo os compositores e as professoras de turma incentivam muito isso. Esse ano estou falando bastante sobre o Villa-Lobos. E aí é bem legal. Outro dia uma mãe me disse que perguntou pra sua filha se ela estava gostando do Nível 4 e ela respondeu que sim, porque quando estava no nível 3 não conhecia o Villa-Lobos. Eu me lembro que há uns anos atrás eu trabalhei com o Villa-Lobos na Educação Infantil e a gente estava preparando uma festa e estava num ensaio quando começou a tocar a Bachiana nº5 do Villa-Lobos e as crianças ouvindo aquilo e eu perguntei se sabiam quem tinha feito a Música e completei: foi o mesmo que</p>	<p>d. (...)E vinha retorno dos pais que diziam: eu não acredito que minha filha conhece Felicidade, que era uma canção que eu cantava desde criança. Então...isso é cultura. É saber alguma coisa. Não precisa saber tudo de todos os compositores, mas alguma coisa. Isso já vem de anos.</p> <p>f. (...)Deixa eu ver tua pergunta de novo pra não fugir muito. Mas eu acho assim, a gente não pode subestimar as crianças.</p> <p>h. (...) É importante primeiro ouvir, pra depois ver. Porque é preciso educar o ouvido, porque a visão impera na nossa sociedade. Querem ver primeiro. Quando a gente era pequeno a gente ouvia o disquinho e imaginava. Hoje tem que ter o visual. Mas eu tento estimular o ouvir.</p> <p>j. (...)Então é bem importante o ouvir, apreciar, fazer música, tocar, cantar e criar que é o mais difícil de tudo, mas eu sempre tento que eles tentem criar uma rima nova, por exemplo. Tem um monte de coisa.</p>
--	--	---

	<p><i>fez o Trenzinho do Caipira. E as crianças começaram a dizer: é o Villa-Lobos. Kleiton e Kledyr também trabalho. Eu tenho dado ênfase aos brasileiros. Aumentar essa bagagem.</i></p> <p><i>g. (...) Eu gosto de usar os termos corretos. Baqueta é baqueta não é pausinho. Os nomes certos dos instrumentos. Eu gosto de esconder os instrumentos pra que tentem descobrir pelo som. As vezes o pequeninhos lá do nível 1 já sabem. Não é uma cobrança.</i></p> <p><i>i. (...) Eu procuro trabalhar parâmetros do som: a intensidade, a altura, o timbre, a duração. Andamento, ritmo. Isso vem num crescendo. Eles vão aprendendo a acompanhar as canções. Nessa semana será o dia do folclore e dei ênfase nas canções folclóricas. Ênfase às brincadeiras cantadas. Toquei algumas melodias para eles reconhecerem. Comecei a aula com a apreciação de uma ciranda do Villa-Lobos, o “Zangou-se o cravo com a rosa”, na qual tem “o cravo brigou com a rosa”, dentro dela. Eu disse pra eles que o Villa-Lobos fez uma música para piano e escondeu uma canção folclórica dentro. E aí eles pararam pra ouvir.</i></p>	<p><i>l. (...)E percebo que dá retorno, que os olhinhos estão brilhando.</i></p> <p><i>n. (...)Eu fui num aniversário e a animadora do aniversario estava fazendo uma brincadeira de voz que fui eu quem inventei. Eu nunca quis isso. Nunca me interessei. Quem sabe um mestrado daqui há um tempo. Agora com os filhos crescidos, quem sabe.</i></p>
--	---	--

	<p><i>k. (...) Eu tô te contando algumas que deram certo e que eu gosto de trabalhar com eles.</i></p> <p><i>m. (...) Dificilmente eu repito de um ano para o outro. As vezes a ideia é a mesma, mas surgem outros elementos que já dão uma nova cara pra atividade. Cada vez sai diferente. E vem cada vez mais ideias das crianças. Eu ia falar o seguinte: lá no município elas dizem muito que eu tenho que escrever sobre isso. Tem várias brincadeiras que fui eu quem inventei. Precisa registrar.</i></p>	
<p><b>5. Como é o retorno dos estudantes, pais e demais educadores que trabalham com essa criança? Consegues ter um feedback sobre teu trabalho?</b></p>	<p><i>a. Não é sempre. Mas surgem assim, alguns pais que me encontram e falam das coisas que os filhos aprenderam. Hoje mesmo uma colega me disse que perguntou pro filho o que teve na aula de música. Ele tem 3 anos. Contou que ouviu uma música do Villa-Lobos e depois brincou da Linda rosa juvenil e que ele foi o rei.</i></p> <p><i>c. (...) Eu trabalho da Educação Infantil até o primeiro ano e meu colega do segundo ao quinto ano. Então a gente faz um trabalho que tenha uma continuidade. Eu tento entregar os alunos pra ele com algumas habilidades bem trabalhadas.</i></p> <p><i>e. (...) Os pais, as professoras sempre dão feedbacks. Então eu não me sinto sozinha. É grande a parceria. E muitos alunos fazem aula de</i></p>	<p><i>b. (...)Então é assim, desde bem pequenos eles verbalizam e contam as experiências.</i></p> <p><i>d. (...)Meu colega me dá um retorno que é bem legal. E depois no quarto e quinto ano eles tocam a flauta e tocam bem diretinho.</i></p> <p><i>f. (...)Mas eu sei que ela confia no meu trabalho. Ela está sempre atenta. Ela gosta de escolher junto a música para a apresentação de dia dos pais, das mães. Nunca é surpresa pra ela. A gente conversa. Ela sugere, eu sugiro.</i></p> <p><i>h. (...) É rica essa parceria.</i></p>

	<p><i>instrumento no contra turno. Sinal que é algo que está interessando. A escola, logo que comecei, eu fui chamada pra receber um feedback, com a coordenadora, dizendo que gostou da aula que observou, deu retorno. Mas depois nunca mais.</i></p> <p><i>g. (...) Ela tem um acervo de cds. Ela compra, se interessa. As vezes compra antes de mim.</i></p>	
<p><b>6. Que aspectos não podem faltar numa aula de música na educação infantil?</b></p>	<p><i>a. É muita coisa... mas acho que é esse tripé: ouvir, interpretar, criar. As crianças tem que ouvir, apreciar; tem que ser interpretes, cantar, tocar, fazer música; criar.</i></p> <p><i>c. (...) Durante a faculdade pesquisei o Swanwick, o espiral do desenvolvimento musical, e já lá aparecia isso. Depois fui lendo outros autores. Tanto que o nosso plano não é por objetivo, é por experiências essenciais na educação infantil e na hora de montar a gente tentou enfatizar isso. E depois, conforme a idade, ela vai ampliando seus conhecimentos musicais.</i></p> <p><i>e. (...) Inicio a aula com minhas ideias e ela vai tomar o rumo que as crianças vão dando.</i></p>	<p><i>b. (...) Eu já disse e repito. Criar é o mais difícil, mas eu me puxo para que eles contribuam e criem.</i></p> <p><i>d. (...)E o professor tem que estar muito atento, ter sensibilidade pra ver o que os alunos estão querendo. Tem que ter flexibilidade. Tem que perceber quando tem que mudar o rumo da prosa.</i></p> <p><i>f. (...) Às vezes a gente pensa que no início da carreira a gente precisava ter mais experiências. Não que eu ache que estou no fim. Mas eu teria feito muitas coisas diferentes. Porque o tempo nos dá maior tranquilidade, flexibilidade, etc. Agora em julho, eu passei dias maravilhosos com a minha família, mas, no primeiro dia de aula, eu percebi que estava com muitas saudades</i></p>

		<i>das crianças. É o que eu gosto, amo fazer.</i>
--	--	---

Fonte: Ramos (2015).

Quadro 5 - Entrevistado "Lobos"

Questão	Aspectos objetivos/descritivos	Aspectos subjetivos
<b>1. Fale sobre sua trajetória profissional (formação, experiências profissionais anteriores e ocupação atual).</b>	<p><i>b. (...) Eu tocava violão clássico há dois anos no Conservatório Palestrina, e eu tinha um professor muito bom, muito tranquilo, que nós conversávamos sobre muitas coisas. Eu já tocava violão popular.</i></p> <p><i>d. (...) Então eu comecei a tocar violão clássico com 10 anos de idade. Quando eu tinha 12 anos esse professor me disse que trabalhava com crianças e queria me mostrar o trabalho, um dia. E aí comecei a fazer outras coisas também. Eu fiz teatro desde os 9 anos e isso também me ajudou bastante. Quando eu tinha por volta de 15 anos ele me levou numa escolinha de Educação Infantil, que é a A, que fica na Zona sul.</i></p> <p><i>f. (...) E aí, nesse dia ele me disse que além de tudo, ele era musicoterapeuta já, e me perguntou se eu não queria trabalhar nesse ramo, nessa modalidade. Eu disse que claro que sim. Ele me disse que ia ficar mais um ano e meio aqui em Porto Alegre e depois ele viajaria para a Itália e queria me preparar pra ser o sucessor dele.</i></p>	<p><i>a. Eu caí nesse ramo, na verdade, por coincidências da vida. Mas na verdade, eu não acredito em coincidência. O que é pra ser, é pra ser.</i></p> <p><i>c. (...) Eu tinha um dom desde cedo.</i></p> <p><i>e. (...) E daí ele me mostrou o trabalho dele, que era excepcional. Ele trabalhava com crianças e eu não conhecia esse lado.</i></p> <p><i>g. (...) Eu aceitei, nossa, com muito orgulho, e fui atrás de cursos. Nesse 1 ano e meio eu fiz Psicologia infantil, teatro, literatura infantil. Cursos de duração de 8 meses, outros de 3 meses. Fiz oficina de fantoches e tudo o que eu achava importante para me equipar pra trabalhar nesse ramo. Toquei em muitas bandas. O ser músico possibilita essas ferramentas. Sempre que tinha algum curso eu participava. Eu acho superimportante. Claro que tem uns cursos muito ruins, que não te acrescentam nada, mas eu acredito que</i></p>

	<p><i>h. (...) Depois desse 1 ano e meio ele realmente foi e me deixou com essa escola. Eu fui aprendendo com ele e comecei a fazer sozinho. Eu também fazia mágicas, trabalhava com isso também, e usava tudo isso nas aulas. Logo em seguida comecei na escola B, que é uma escola dentro do C, no Menino Deus, e depois não parei mais. As escolas só foram aumentando. Quando tinha 18 anos fiz Relações Públicas, na D, e quando eu tava no meio do curso surgiu a oportunidade de viajar pra São Paulo pra fazer musicoterapia. Eu tranquei a faculdade e fui. Fiquei 1 ano e um pouquinho e voltei pra Porto Alegre. Nesse 1 ano e meio fiz muitas coisas lá em São Paulo, enquanto fazia musicoterapia.</i></p> <p><i>j. (...) Não era graduação. Era apenas um curso oferecido pela E. Fiquei lá, ia a Campos do Jordão e voltava. E assim eu ficava. Quando voltei pra cá eu queria buscar mais sobre a musicoterapia e comecei a trabalhar numa escola que foi muito boa pra mim, que abriu meus caminhos, que se chama F. É uma escola na zona norte que também oferecia musicoterapia. Depois eu fiz Magistério pra me especializar. Eu já era formado em violão clássico nessa época. E continuei</i></p>	<p><i>sempre há alguma coisa que tu consegues abstrair. E os cursos te oferecem ferramentas.</i></p> <p><i>i. (...) Meu pai queria me matar, né (risos).</i></p> <p><i>k. (...) As crianças adoravam. E aprendiam muito bem e rapidamente. E daí eu vi o poder da música. Comecei a pensar e aplicar a musicoterapia. Que as pessoas acham que é só pra hospitais e a gente consegue aplicar dentro de escolas.</i></p> <p><i>m. (...) E é daí que eu tiro meu sustento e a minha felicidade tá toda baseada nisso (risos), no mundo musical.</i></p>
--	---	---

	<p><i>minha história musical, tocando em bandas também.</i></p> <p><i>Toquei em bandas desde gaudérias, rock, reggae, pagode, muita MPB. Sempre no violão, mas também comecei a aprender outros instrumentos como guitarra, cavaquinho, baixo, ...</i></p> <p><i>l. (...) Busquei cursos de percussão, bateria. Comecei a lecionar violão para grupos e particular. Aí não parei mais. A minha faculdade de RP e os meus cursos acabei pagando com o dinheiro que eu ganhava trabalhando. Como comecei muito cedo, comecei a pagar. O dinheiro provinha das atividades trabalhistas. Daí eu vi que RP não era a minha. Faltando dois semestres pra me formar eu parei. Só que eu parei porque, quando fui pra São Paulo eu tinha 3 escolas, quando voltei eu já tinha 8 escolas. Nesse meio tempo o boca-a-boca já tinha me conseguido mais escolas. O que eu gostava, de fato era isso. Então eu não parei mais. Com essa história de fazer mágica, de trabalhar muito o lúdico, a propaganda foi muito boa. E comecei a trabalhar em escolas do Município, quando tinha uma coisa chamada Orçamento Participativo, que é o OP, que as escolas ganhavam uma verba extra pra te contratar, em projetos musicais. Eu abri uma</i></p>	
--	--	--

	<p><i>empresa musical pra trabalhar com isso. Comecei a trabalhar com recreações musicais pra festas e aniversários. E essa questão de entreter o público com música, eu já tinha muito na minha experiência, de cantar e tocar em bandas. Houve um ano que eu tinha 23 escolas. Eu tinha que dar conta de tudo isso e ainda eu fazia um trabalho voluntário, numa obra social. Fui amigo da escola, onde lecionei gratuitamente numa escola estadual, que foi uma experiência que deu muito certo. Essas crianças aumentaram suas notas. Fizeram uma pesquisa lá, depois de um tempo, da diretora e vice-diretora, e chegaram à conclusão que as crianças aumentaram em 20% suas notas, em relação aos anos anteriores. Isso foi uma coisa maravilhosa. E isso em média, porquê tu pega crianças que não estudavam nada e melhoraram um pouco e crianças que já escutavam e melhoraram muito.</i></p> <p><i>n. (...) Hoje tenho 12 escolas, trabalho com violão, oficina de violão e oficinas de violão</i></p> <p><i>Eu faço isso sozinho. Tudo sozinho. Outra coisa também que não falei. Como eu tinha musicoterapia, magistério e era formado no Liceu, que é uma coisa que não existe mais hoje, que era um conservatório que te</i></p>	
--	--	--

	<p><i>habilitava a entrar na faculdade sem ter que fazer a prova de seleção que tu tem que fazer pra entrar na música, aquele teste bem técnico mesmo. Isso me deu a condição de trabalhar em escolas particulares. Agora, com a nova lei, eu acabei entrando na faculdade e estou concluindo a Licenciatura em Música, no G.</i></p>	
<p><b>2. Como você vê a criança que chega, hoje, na escola? Quais as principais características desta criança?</b></p>	<p><i>b. (...) Quando eu comecei a lecionar com 15 anos, há 22 anos eu leciono, eu peguei crianças que não tinham um computador a sua frente, que não tinham um celular a disposição, que não eram tão aficionadas em programas que não são educativos, que tinham outra vivência, que tinham pais que dedicavam mais tempo a elas.</i></p> <p><i>d. (...) Mas ampliando essa visão, eu me lembro que lá no início eu peguei crianças que pediam licença pra entrar em aula, pediam por favor, diziam obrigada, bom dia, boa tarde. Hoje em dia as crianças não têm mais esses pequenos hábitos, que são, pra mim, de fundamental importância pro convívio social.</i></p> <p><i>A gente pega crianças sem noção espacial, com problemas psicológicos.</i></p> <p><i>f. (...) Então a gente vê a criança chegando carente de aprendizagens que antigamente tinha-se na</i></p>	<p><i>a. Nossa (pausa). Essa pergunta é muito interessante. Ela é interessante demais. Porque que eu cheguei a essa conclusão? No decorrer dos anos as crianças foram mudando.</i></p> <p><i>c. (...) Hoje a gente pega crianças muito perdidas. Sem referência musical nenhuma, falando especificamente da música.</i></p> <p><i>e. (...) Ao meu ver essa nossa rotina corrida, de trabalhar muito, a gente chega em casa, o pai e a mãe, cansados e acabam não dizendo o não. Tu passa um tempão longe e tu não quer dizer não pro teu filho no curto tempo que tu tem com ele. E aí que a gente peca, às vezes. O grande dilema acho que é esse: como criar seus filhos de uma maneira digamos “correta”, que ao meu ver não existe uma maneira correta, mas enfim, de uma maneira tranquila, com uma vida tão corrida. Então a</i></p>

	<p><i>vida. A gente não tem que ensinar a intensidade do som, a amplitude do som, mas primeiro ensinando o Be a Bá. Ensinando o bom dia, a sentar na cadeira que as vezes é complicado pra uma criança que não para. Temos que trabalhar com a rotina. Tanto na educação infantil quanto nas séries iniciais.</i></p> <p><i>h. (...) Atualmente eu trabalho com Educação Infantil, Séries Iniciais, e nas oficinas de violão eu trabalho desde 5 anos de idade, eu ensino violão pra crianças de 5 anos de idade (risos). Eu tenho um método criado por mim que é bem pra essa criança. Dá muito certo. E trabalho também com adolescentes. Então a gente vê tudo isso que eu falei. As principais características é a agitação, a questão da dificuldade de foco, e para isso o educador tem que ter cartas na manga. E a gente vê como é importante ensinar música pra essas crianças. A gente tem que ensinar a volta à calma, por exemplo, entre muitos fundamentos que até por causa de tempo não vou me aprofundar. Fazer uma roda, sentar numa roda, fazer uma roda cantada, explicar como funciona.</i></p> <p><i>i. (...) Cada escola tem sua realidade. No H é um período de 50 minutos. Em escolas</i></p>	<p><i>gente pega crianças perdidas. Muito perdidas. O papel do educador ele é cada vez de maior responsabilidade. O educador musical não vai ensinar somente os conteúdos musicais. Ele ensina e educa ao mesmo tempo. Aquilo que antes vinha da família, hoje está embutido dentro da função do professor.</i></p> <p><i>g. (...) Que é o que eu vejo. Que é bem complicado.</i></p> <p><i>h. (...)Esse tempo é precioso, porque a gente sabe que a aula de música é de tempo curto, um período semanal.</i></p> <p><i>j. (...)Graças a Deus eu nunca precisei deixar currículo em nenhuma escola. O meu trabalho, que faço com muito amor, é valorizado e indicado. É um pré-requisito: amar o que faz. Então a gente tem que se valorizar, fazer esse tempo, mesmo que curto, render. Mas não é só o ensinar, ensinar, ensinar. É preciso ouvir. Porque, voltando um pouquinho, a criança está carente de ser escutada e às vezes o emprestar o ouvido a essa criança é uma atividade que vai te render muitos frutos depois.</i></p>
--	---	--

	<p><i>pequenas, tenho 40, 30, 20 minutos em algumas. A realidade é a que as escolas não têm muita verba para a música, então a gente tem que fazer chover no tempo que a gente tem. Agora que se está valorizando mais.</i></p> <p><i>Hoje eu trabalho em 3 escolas grandes. Eu tenho o H, o I, trabalho também no J, que é uma escola da rede K. De escola grande é isso, as outras são escolinhas, que a gente chama. De Educação Infantil.</i></p>	
<p><b>3. Como é o espaço físico no qual desenvolves as aulas? Que materiais tens à disposição na escola?</b></p>	<p><i>a. Esse é um ponto interessantíssimo também. Logo no início da minha trajetória eu comecei a perceber que as escolas não tinham instrumentos musicais, então eu comecei a comprar. Eu tenho umas 10 maletas, aquelas mochilas grandes, cheias de instrumentos musicais. Eu tenho tecladinhos, com um som bom, tenho xilofones, tambores, clavas, pequenos violões com cordas adequadas, maracas, meias luas, triângulos, bah... uma infinidade. Eu, nas escolas de Educação Infantil, eu levo meus instrumentos. As escolinhas não possuem sala para a música nem materiais. Então eu vou de sala em sala e levo minhas coisas. Nas escolas grandes, digamos assim, é um pouco diferente. No H, eu tenho uma sala de</i></p>	<p><i>b. (...)O grande problema é que eu tenho mais 3 colegas que tem outras turmas.</i></p> <p><i>(...)A gente vai combinando. A gente tem uma relação muito boa. Um dos colegas foi meu aluno, eu formei-o e coloquei ele nessa área e hoje é meu colega. Tu vê... é uma realidade bem diferente das escolas grandes pras de Educação Infantil.</i></p> <p><i>d. (...)A gente se empenha em fazer um bom trabalho justamente pra mostrar o efeito que esse trabalho dá, pra que as pessoas possam ver e valorizar.</i></p> <p><i>f. (...) Às vezes precisa que alguém venha de fora, um pai, um cliente reclamar. Só</i></p>

	<p><i>música, no I e no J também. São ambientes diferentes.</i></p> <p><i>c. (...) No I, eu disponho de uma sala com piano, teclado, amplificador, porém eu não tenho instrumentos. Eu levo os meus. Levo duas maletas, porque pego turmas de 20, 30 crianças e tenho que ter instrumentos para todos. Quando vou trabalhar um instrumento específico, por exemplo, um tambor, eu tenho que ter 30 iguais. Já no H eu tenho uma sala muito completa. Tem projetor, piano, teclado, amplificadores, microfones, muitos instrumentos. Tenho uma sala que me oferece tudo isso. No H eu trabalho com Educação Infantil e Séries Iniciais. Pras turmas de séries iniciais eu tenho essa sala toda semana, porém pra educação Infantil eu não tenho. E aí tenho uma outra salinha onde tem alguns instrumentos, teclado, amplificadores, quadro branco grande muito bom que eu utilizo. E tenho uma outra sala onde não tem absolutamente nada.</i></p> <p><i>e. (...) Nessas pequenas eu passo de sala em sala, levo todo o material. Isso em alguns momentos é muito ruim. Tu estás com violão, amplificador, uma mala de instrumentos e vai indo de sala de sala. As vezes são 8 turmas. Além disso tem</i></p>	<p><i>funciona assim. O professor é maravilhoso, reconhecido, mas só funciona de fato quando o cliente reclama.</i></p>
--	---	---

	<p><i>horário de lanche, janta, pátio.</i></p> <p><i>No J tenho uma sala de Música com poucos instrumentos. Antigamente eu tinha uma sala boa, com projetor. Como mudou a rede que mantém a escola nós perdemos isso. Vou ter que galgar todo o espaço outra vez.</i></p> <p><i>g. (...) O espaço, os instrumentos, a afinação do piano, por exemplo. Isso é uma briga de todos os professores de Música que conheço. Em todas as escolas que eu vou, afinar o piano é uma coisa que não é dada a devida importância pelos gestores. No H a gente consegue afinar o piano de 3 em 3 anos, isso a gente pedindo sempre. Isso que é uma escola que tem recursos. Imagina a dificuldade em escolas menores.</i></p>	
<p><b>4. Conte algumas das propostas, aplicadas por você em classes de educação infantil, que consideras eficazes no que diz respeito à aprendizagem musical? O que te leva a ter essa visão?</b></p>	<p><i>a. A primeira coisa assim, todas as minhas propostas são referentes à ludicidade. Pra ti conseguir trabalhar na Educação Infantil, tu tem que ter muitas cartas na manga, precisa estar disposto a trabalhar muito com o corpo, porque não adianta, a criança aprende com o corpo. O profissional que tentar dar aula com as crianças sentadas não vai conseguir. A criança precisa experimentar com o corpo. Isso é comprovadíssimo. Eu gosto muito da proposta do</i></p>	<p><i>b. (...) A educação musical precisa sair da esfera professor-músico tocando um instrumento e as crianças paradas, sentadas. É preciso estar aberto às novas propostas e saber que essas crianças que nos chegam, extremamente carentes de experiências corporais precisam entender o que estão fazendo. E linguagem musical provém do seu corpo. Acho que é isso.</i></p>

	<p><i>Dalcroze, né. Ele foi um cara que falou muito disso: do trabalho corporal. Também gosto muito do Suzuki, que trabalha a questão do ouvir. Mas eu acho que se a gente não conseguir mostrar pra criança que a questão motora dela vai ser fundamental para o aprendizado musical, a gente não vai chegar a nenhum lugar. É obvio que vou trabalhar com os instrumentos musicais, mas muito com o corpo. Os sentidos que a criança tem que ter: o sentido auditivo, o sentido motor, rítmico, o cantar. A gente precisa que a criança se organize corporalmente pra tudo isso. Pro cantar, vai aprender a usar o diafragma, a respiração.</i></p> <p><i>c. (...) Eu até falei dos pensadores que gosto e tem também o Villa-Lobos que admiro muito. Pra mim foi uma pessoa muito julgada por parecer estar a serviço de um governo e pra mim isso não é verdade. Ele se preocupou a ensinar muitas pessoas com sua proposta musical. Infelizmente caiu por causa de politicagem.</i></p> <p><i>Eu busco o manossolfa, o Dó móvel. E acredito que tu tem que trabalhar com o lúdico. Também gosto de desenhar, fiz curso de desenho também. E a gente tem que ensinar o abstrato por meio do concreto. Eu faço muitos desenhos. Eu falei antes do</i></p>	<p><i>d. (...) (pausa) Bom, deixa eu ver, o que me leva a ter essa visão, que é a segunda parte da pergunta. Quando eu era pequenininho, eu tive uma professora de Jardim que tocava piano. Eu acho que isso foi muito bom pra mim. A gente sentava em roda, ela no piano. Ela não era professora de música. Era da turma, mas tocava piano. O nome dela era L e infelizmente hoje está no céu, mas ela abriu esse meu caminho. A partir disso, eu acho, que fui buscar esse caminho. Nada é por acaso. Nada é por acaso.</i></p> <p><i>f. (...) Plantei uma sementinha e ela deu frutos. A minha intenção quando dou aula não é que as crianças virem músicos, mas que tenham essa experiência e que levem isso pra sempre. E depois com a musicoterapia a gente aprende isso, trabalhar o corpo, a escuta, e trabalhar a música pra dentro de si, para sua vida, como uma maneira de criar bons hábitos, atitudes. Isso é importante. Acho que é isso.</i></p>
--	--	--

	<p><i>quadro por isso. Eu vou desenhando para ensinar e trabalhar os conceitos musicais e a memorização.</i></p> <p><i>e. (...)Se eu imaginar que há 22 anos atrás eu dei aula pra uma criança no jardim, hoje ela vai ter 28 anos, eu encontro e vários deles hoje são músicos, professores de música. Acabei de citar um, que é o M, que foi meu aluno e hoje é meu colega. E muitos outros estão no ramo, estão na N.</i></p>	
<p><b>5. Como é o retorno dos estudantes, pais e demais educadores que trabalham com essa criança? Consegues ter um feedback sobre teu trabalho?</b></p>	<p><i>b. (...) Os pais me contam que seu filho ensinou uma música que não conhecia, que ensinou o que é uma partitura, quem é Gilberto Gil, a cantar Toquinho e Vinicius. Beatles também acho importante trabalhar. Até pra gente ensinar e sair um pouquinho desse contexto atual. Claro que toda experiência musical é válida, mas tem que cuidar muito conteúdo dessa música, da letra. O mercado está vendido para músicas com teor de baixo calão, que não é adequado pra criança.</i></p> <p><i>d. (...) A mídia faz com que ela saia repetindo a internet possibilita isso. Que tu escutes de tudo. Nem sempre o mais adequado pra criança. Mas assim, o retorno dos pais é muito positivo. As professoras também. Eu tento fazer um trabalho aliado às professoras da turma. A gente tem que aliar o que eles estão trabalhando aos nossos</i></p>	<p><i>a. Eu sempre tenho retornos. Graças à Deus, sempre feedbacks positivos. E isso faz eu acreditar no meu trabalho. Eu não trabalho para os outros. Eu trabalho para minha satisfação pessoal e isso só acontece se eu conseguir formar educandos, alunos que tenham esse aprendizado. Que falem de uma maneira correta dessas aprendizagens. Se a gente fala com a criança de uma maneira lúdica, carismática, carinhosa, ela vai passar a diante.</i></p> <p><i>c. (...)Nossa, quanta música a gente vê que traz uma experiência ruim pra criança. Uma coisa que não é o que a gente quer.</i></p> <p><i>e. (...)Eu foco no aprendizado. A criança vai aprender e vai mostrar o que</i></p>

	<p><i>conteúdos musicais. Se eu quero trabalhar a duração do som, por exemplo, eu vejo o que a professora tá trabalhando e vamos lá. Vou trabalhar uma letra bacana, um ritmo diferente, um instrumento novo. Todas as professoras me trazem também um retorno positivo.</i></p> <p><i>Nas escolas grandes, eu tenho reuniões semanais, hora paga. Nessas reuniões acontecem os feedbacks. Eu tenho hora de planejamento, que é uma coisa muito boa. Nas escolas de educação infantil, na maioria, não tenho reuniões semanais, as vezes nem semestrais. Os feedbacks acontecem nesses momentos de reunião, geralmente. Nas datas festivas tenho vários feedbacks. Eu participo das datas festivas em todas as escolas. Mas eu não fico só nisso. Eu faço um trabalho anual, e não visando uma apresentação. Então, chega a data festiva e dá tudo muito certo e os feedbacks são maravilhosos.</i></p> <p><i>f. (...) As famílias me pedem: meu filho está cantando tal música, tu podes me passar. Claro. Isso é muito legal. Eu criei muitas músicas pra ensinar várias coisas: respiração, a fala, o ritmo. São vários tipos de música sobre coisas bem específicas.</i></p>	<p><i>aprendeu. As crianças me imitam em casa. E os pais trazem isso como retorno positivo sobre uma palavra, um conceito, uma brincadeira.</i></p>
<p><b>6. Que aspectos não podem faltar numa aula de música na educação infantil?</b></p>	<p><i>a. Isso eu já respondi um pouco, mas vou destacar o que acho mais importante.</i></p>	<p><i>b. (...)Também não pode faltar paciência. Tu precisas carinho com essa criança. E</i></p>

	<p><i>Corpo. Se tu não trabalhar com o corpo, abandona a Educação Infantil. Isso é extremamente importante.</i></p> <p><i>Outra coisa, a gente precisa esquecer a maneira formal de dar aula. Antigamente, nos conservatórios, se trabalhava muito sentado e o professor na frente. Não é assim que a gente tem que trabalhar. A gente tem que trabalhar com dinâmicas muito diferentes. Essas dinâmicas mostram pra criança do que ela é capaz, das maneiras diferentes de enxergar essas propostas, enxergar seu aprendizado e ter visões diferentes do mundo.</i></p> <p><i>Procurar trabalhar não só na sala de aula, mas em espaços diferentes. Mostrar pra criança como fazer música em espaços diferentes. Não pode faltar numa aula de Música de Educação infantil a questão escuta musical. Não pode faltar nunca. A criança precisa aprender a ouvir. A maneira como tu vais ensinar ela a ouvir é que vai definir o que ela vai aprender.</i></p> <p><i>c. (...) Tu tens que ter um bom planejamento. Se tu não tem, tu não vais conseguir. Tu tens que saber o que e como tu vai ensinar. E é obvio que, muito mais importante que saber dar aula é saber improvisar. Porque em nenhuma turma a aula vai ser igual. E quando</i></p>	<p><i>uma coisa importante é exatamente compreender essa criança. Elas vêm com diferenças muito grandes entre uma e outra. E isso é uma coisa que acho que não falei. São as diferenças psicológicas, de criação, físicas. Tu precisas tentar compreender pra poder ensinar. Graças à Deus eu planejo minhas aulas pensando nas minhas turmas e tenho tido resultados maravilhosos.</i></p> <p><i>d. (...)Tem que ter feeling. As vezes tu não vais conseguir fazer aquilo que tu planejou, mas tu vais ter que dar um balão pra depois chegar lá. Tu precisas saber ler a tua turma.</i></p> <p><i>f. (...)E ensinar é isso: colocar o teu tempero pra que ela aprenda o que tu de fato tens que ensinar.</i></p> <p><i>h. (...) Eu vejo que, na faculdade, tem pessoas quase se formando que ainda não compreenderam isso. Porque não tiveram a vivencia necessária. Quando vai se dar conta, a gente não sabe. Mas vai ter que buscar suas vivências e aprender.</i></p> <p><i>j. (...)Se tu para de ler é como se tu enferrujasse.</i></p>
--	--	--

	<p><i>tu captar a necessidade de dar uma volta, de buscar uma outra coisa, tu tens que ir por esse caminho.</i></p> <p><i>e. (...) Não pode faltar também o canto. Através do canto a criança sabe que ela tem uma voz. Tu vais ensinar a letra, sobre o que ela fala. Se a criança não entender isso, tu não vais conseguir ensinar. O teu trabalho não é eficiente. E hoje casualmente trabalhei o Hino da Escola no H, porque é aniversário da escola. Eu tenho quinhentas mil coisas pra trabalhar e paro tudo pra trabalhar o hino. (risos). E o hino é totalmente abstrato. Mas é preciso que tu mostre o significado. Ele fala assim, no início: “Salve a escola que nos recebe ornada com belos ideais”. Como é que uma criança de maternal vai cantar um hino desses sem compreender o que está cantando? Então tu ensina pra ela que “ornada” é “cheia de” e tu simplifica, mostrando uma maneira tranquila de cantar. Pra isso tu vais ter que te virar: tu vai fazer desenho, brincadeiras, então o professor tem que usar todos os artifícios pra que ela possa aprender.</i></p> <p><i>g. (...) Tu vais ensinar a melodia, o ritmo. Tem que ter uma certa afinação. A criança, na música, precisa trabalhar os dois hemisférios do cérebro, o direito e o esquerdo, de uma maneira</i></p>	<p><i>l. (...) Tu vai aprendendo os atalhos pra ensinar, com a maneira certa de falar. Tu tem que ter um charme pra falar. Tu vais falar alto, que é o agudo ou o baixo, que é o grave. Ou tu vai falar forte ou mais fraco. Tem que aprender a se expressar. Verbal, corporal, facial. Como músico, como professor. E a criança quando aprende a se expressar ela vai ter a chave pra se comunicar. A gente também prepara a criança a se comunicar. Eu acho que é isso.</i></p>
--	--	---

	<p><i>tão complexa. Lendo, interpretando, cantando e contando os tempos. Isso é muito importante e hoje os educadores não compreendem.</i></p> <p><i>i. (...) Uma coisa interessante é que muitas pessoas que fazem a faculdade tem o conhecimento musical, mas não tem o conhecimento da aprendizagem e de como vão ensinar. E é isso que o pedagogo tem. Que eu fui buscar no magistério, a psicologia me ensinou muito isso. Fiquei 8 meses fazendo curso de psicologia infantil, de como a criança aprende. Isso começou a me mostrar de que maneira eu poderia ensinar. Outra coisa fundamental pra um ser humano que ensina é ler. Até acho que eu falei de tanta coisa da minha formação mas acabei não dizendo que o que mais me trouxe conhecimento foi a leitura. Nossa, eu li tanto na minha vida, e continuo lendo muito.</i></p> <p><i>k. (...) Nessas improvisações que eu faço, muito veio da leitura. A comunicação que eu estudei na faculdade também me ajudou bastante.</i></p>	
--	--	--

Fonte: Ramos (2015).

Quadro 6 - Entrevistado "Doug"

Questão	Aspectos objetivos/descritivos	Aspectos subjetivos
<b>1. Fale sobre sua trajetória profissional</b>	<i>a. Eu comecei a tocar violão com 15 anos. Sempre gostei</i>	<i>b. (...) Tentei muitos cursos e nunca deu certo. Fiz</i>

<p><b>(formação, experiências profissionais anteriores e ocupação atual).</b></p>	<p><i>de música, nas aulas de música, na escola, eu gostava de cantar, não tinha problema de me expor. Com 15 anos, então, comecei a fazer aula particular de violão, sempre gostei de experimentar outros instrumentos também. Com 18, 19 anos eu comecei a pensar o que eu ia fazer na faculdade.</i></p> <p><i>c. (...) Entrei com uns 20 anos no curso de extensão da A pra aprofundar meus conhecimentos em teoria e com 21 eu entrei na faculdade de música do B. Na época eu trabalhava com teatro, como técnico, trabalhava também como compositor, fazendo festivais.</i></p> <p><i>e. (...) Comecei a dar aulas pra ganhar dinheiro, pois é difícil tu te sustentar como performer e tal. Comecei dando aula de instrumento em conservatório, particular. Em grupos, em oficinas também. Comecei a me arriscar.</i></p> <p><i>g. (...) Ao mesmo tempo, tu tem que devolver pra instituição escola o que ela espera de ti. Então com 20 anos eu comecei a trabalhar e com 25 anos eu me formei e comecei a trabalhar firme na escola regular, assim, com muitas turmas, que é completamente diferente. Uma coisa é tu ter uma, duas, três turmas por semana e</i></p>	<p><i>administração, publicidade, cursos técnicos e acabei assumindo a coisa de fazer música.</i></p> <p><i>d. (...) No início eu não dava muita bola pra palavra licenciatura que tinha antes do nome da faculdade: Licenciatura em Música. Eu queria saber mais da música do que da licenciatura.</i></p> <p><i>f. (...) Na medida em que a faculdade foi evoluindo, foram aparecendo oportunidades e comecei a descobrir esse lado educador. Isso foi natural. Hoje eu me realizo dando aulas.</i></p> <p><i>h. (...) É um arriscar porque te tira da tua zona de conforto, porque a faculdade não dá conta de te fornecer ferramentas, e nem tem que dar porque é uma coisa muito tua, tu é que tem que construir. Seria muito bom se a formação acadêmica desse conta de uma formação geral de professor. Mas nunca vai dar. Tu tem que ter disposição e vocação também, porque pra um músico, estar dentro de uma escola é muito castrador. Tu tem que ter a vocação, a paciência, a tolerância pra poder estar dentro desses espaços e ainda assim</i></p>
---	--	---

	<p><i>outra é tu ter vinte de vários níveis diferentes, vários planejamentos diferentes, dar conta dos compromissos de escola como planejamento, reuniões, horários. E logo em seguida entrei na C e me pós graduei em Música, ensino e expressão.</i></p> <p><i>i. (...) Depois disso, me formei e na faculdade e na pós a gente estuda os métodos ativos, no ensino de música, porém é muito superficial porquê muito pouca gente tem a capacidade, não é a capacidade, talvez o conhecimento, ou melhor o embasamento pra falar sobre o método ativo ou pra propor abordagens desses pesquisadores como Suzuki, Dalcroze, Kodály, Willems, Orff. A gente tem poucas pessoas com essa competência e... (pausa).</i></p> <p><i>k. (...) Então a partir da abordagem corporal do E, que virou depois uma dissertação de mestrado do F, de 2013, eu aprendi assim a contemplar ou a tentar contemplar todo mundo. Foi um divisor de águas. Comecei então a trabalhar com percussão corporal, com vários públicos, com dança, bailarinos, atores e comecei a ver a importância da integração das áreas. A gente não deve segmentar</i></p>	<p><i>trabalhar com aquilo que tu acredita ser importante.</i></p> <p><i>j. (...) Daí foi muito mais significativo pra mim, fazer um curso de especialização paralelo ao meu trabalho. Podia estar colocando em prática diariamente tudo o que eu via lá no curso. Apesar de ser um curso acadêmico ele está bastante baseado na prática. A reflexão vem depois da prática, que eu acredito que seja o caminho mais correto.</i></p> <p><i>l. (...)Enfim... comecei a descobrir esses métodos e em 2010 conheci o D do grupo E e foi uma virada artística e pedagógica. Porque a forma como eles trabalham na questão de oficinas, ensinar a fazer música com o corpo e tudo o mais, é sensacional. Aquilo mudou minha vida porque realmente tu te permite a trabalhar a partir da possibilidade e não da limitação e o ensino de música ainda, por mais que a gente tenha educadores modernos, tenha um ensino menos ortodoxo, ainda é baseado na limitação e não na potencialidade. A gente tira muito os que tem dificuldade, sem querer, querendo, e privilegia ainda os mais aptos, e as abordagens ativas do século XX elas não são assim, elas privilegiam o que o aluno tem pra dar.</i></p>
--	--	--

	<p><i>porque a criança é um ser total. Ela vai se compartimentando na medida em que vai crescendo, da forma que a gente ensina e que a sociedade ocidental orienta.</i></p> <p><i>m. (...) Acho que os pais, por exemplo, deveriam ir pra escola junto dos filhos. Eu sinto essa necessidade e a escola as vezes não fazem isso por medo de perder o cliente. Os pais precisam ser educados e acreditar na escola, pra que recebam a educação que precisam receber. Então o pai precisa saber receber uma avaliação de Música, por exemplo, com uma marcação de não atingiu algum objetivo. Isso não é um problema, o filho dele não tem um defeito. As reuniões de pais poderiam servir pra isso. A escola particular está muito nas mãos dos pais e isso dificulta muito a nossa área da Música e também no geral, pois eles têm uma expectativa que é completamente equivocada do que é importante e o que não é importante de ser trabalhado.</i></p> <p><i>o. (...) Eu tenho um irmão de 6 anos e eu sou uma referência bem forte pra ele, quase paterna, porque eu tenho idade pra ser pai dele, e ele já foi meu aluno na educação infantil. De vez em</i></p>	<p><i>n. (...) Pra criança, não tem divisão entre a música, a dança, a brincadeira. Foi muito legal tudo isso. Mas foi uma transformação minha vida como artista, que foi uma reorganização da forma de ensinar. Eu tive que me refazer pra a partir daí ver que algumas coisas que eu fazia em sala de aula não tinha a menor importância. Eu vejo que tudo tá interligado. Mas isso nem sempre é bem visto. Eu acho que às vezes um pai ou algum outro educador não entendem as propostas mais amplas.</i></p> <p><i>p. (...) Eu acho que tive a sorte de ser muito indisciplinado. Nunca me enquadrei em aulas de Música tradicionais. Eu nunca entraria na A, por exemplo. Então quando entrei no B, apesar ser uma faculdade um pouco mais fraca, tanto no aspecto pedagógico quanto musical, pelo menos na época que eu fiz o curso, eu entrei estudando com professores que queriam trabalhar diferente do jeito como aprenderam, não negando a sua formação, mas menos ortodoxo, saindo daquele modelo de professor sentado, contando compasso e batendo com a régua. Eu aprendi a fazer diferente. A</i></p>
--	---	---

	<p>quando minha mãe vem e diz uma coisa tipo: ah, naquela escola eu não vou botar porque as crianças saem do primeiro ano sem saber ler. Daí eu tenho que relembrar qual é o papel da escola, o que é mais importante. A sociedade ainda tem uma expectativa quanto a linguagem oral, escrita e lógico-matemática. Só que isso é uma parte. Pra isso a criança precisa desenvolver uma inteligência emocional, aprender a resolver seus conflitos, entre outras coisas. Eu as vezes brinco que 'apesar do professor, a criança acaba aprendendo'. Então assim, a criança mais cedo ou mais tarde vai aprender a escrever, a ler, a contar. Não quer dizer que o professor não seja importante nesse processo. Sem ter uma orientação adequada ela não vai aprender a dividir, a esperar, não vai aprender o código social que a gente está vivendo, isso ela não aprende sozinha. Porque precisa do outro, do grupo, do professor. Mas um aprendizado técnico ela aprende. Claro que com o professor vai ser mais fácil.</p> <p>Bom, enfim... Voltando pra minha história. Hoje eu trabalho no colégio G, tenho 13 turmas de Educação Infantil, Nível A e B, de 4 a 6 anos. A gente chega a</p>	<p>tentar ser mais criativo no ensino de Música. Eu nunca conseguiria trabalhar com perfil de conservatório, pois é tipo formula de bolo.</p> <p>r. (...)E outra coisa, no final do dia, o professor cansado, não dá pra mentir. Vai dar aula igual, mas não vai ser a mesma coisa. Na minha opinião, eu não posso ter mais turmas do que eu tenho hoje. Senão vou perder qualidade no trabalho. Desse jeito já perco um pouco, num dia que dou 8 aulas, por exemplo. Nos últimos períodos é difícil sair do piloto automático. O ideal seria um turno por dia. A gente trabalha bastante. E às vezes as pessoas acham que porque é no colégio particular é mais fácil, que a gente tem os materiais e a estrutura ideais.</p> <p>t. (...) Não é dinheiro. É onde querem botar o dinheiro. A escola particular bota, em primeiro lugar, na vitrine.</p> <p>v. (...)Ás vezes é um coitadismo para os professores do estado trabalharem que nem a cara deles. Claro que tu tem que insistir, não desanimar. Se eu pedi 10 xilofones e me deram 2, ano que vem peço</p>
--	---	--

	<p>receber crianças com 3 anos. Tenho mais 5 turmas de Teoria musical na escola de Artes, que não é do currículo, é extraclasse. Eu não gosto muito do nome Teoria, porque ela implica que as pessoas tenham uma expectativa que vão aprender a fazer bolinhas na partitura. Eu trabalho também, aos sábados, na Livraria H, com oficinas de Música para crianças. Trabalho também com formação de professores, há uns 4 anos. Trabalho também com a preparação vocal de atores. Sou compositor e tenho um espetáculo musical que é pra crianças que alia a música e a poesia. Neste momento comecei a trabalhar num livro de atividades com o I, que é esse poeta com quem trabalho. A gente está começando a fazer esse livro. Vai ser em cima de poemas curtos. Pra funcionar como brincadeira. Texto muito longos funcionam como canção, mas pra um trabalho mais pedagógico, é legal que sejam mais curtos, Haicais, poemas. Acho que é isso. Ah, muito importante da minha formação. Estou vindo dos EUA, onde fiz uma formação em Orff. É a única certificação reconhecida no mundo. Ninguém pode dizer que trabalha Orff Schulwerk se não tiver essa certificação. Nem eu por enquanto, porque fiz só o nível 1 e são 3 níveis, em 3 anos seguidos.</p>	<p>mais 10 e assim vou indo até ter o que seria o ideal. E tem a questão de prioridade. Eu acho que uns dois mil por ano, daria pra ir organizando um acervo legal. Mas tu pede e não pode ganhar.</p> <p>x. (...) Daí foi interessante porque em 3 anos eu não ganhei nada e quando eu saí, entrou um professor novo e, claro, professor novo, energia nova, e eu fiquei feliz. Porque investiram. Hoje eu tenho uma boa relação com a escola, eles contratam meus espetáculos, já me indicaram pro K, por exemplo. Quando vou lá me mostram a sala de música, como está legal.</p> <p>z.(...)Por exemplo, a escola L, na zona sul de Porto Alegre, eu colocaria meu filho pra estudar lá, com certeza. O meu único medo são as companhias. Não são todas as crianças, mas alguns já roubam, vendem drogas. Não são a maioria. Mas alguns são. Esse é o problema. O L tem sala temática igual ao C, trabalhava por projeto, salas decoras com frases iguais ao C. Então eu acho que não existe essa questão. Essas escolas boas, o mau professor naturalmente cai fora. Ele é excluído. Ou se auto exclui. Chegando lá,</p>
--	---	--

	<p><i>Foram 64 horas em duas semanas de imersão. Foi tudo muito intenso. Eram 200 educadores musicais do mundo todo e também só pode entrar depois de uma análise curricular. Então é como eu falei antes. Pra ti dizer que trabalha uma abordagem – porque Orff não é um método, é uma abordagem – tu tem que buscar isso. Tu não pode ler um livro e dizer que trabalha Orff. A gente, quando não conhece a fundo, simplifica muito as coisas.</i></p> <p><i>q. (...) Trabalhar em escola é repensar, sempre a prática. Se tu der 5 aulas iguais num dia, tem algo errado contigo. Eu lembro que quando fiz meu trabalho do pós eu me dei conta que tinha a fala ‘o grupo é heterogêneo, o grupo é heterogêneo’, porque trabalhei com adultos, em diferentes profissões e idades, e chegou uma hora que minha orientadora me disse ‘qual grupo não é heterogêneo?’. Tem muitos contrastes. Todo grupo é heterogêneo. Tu pode planejar 5 aulas iguais mas vai ser diferente, sempre.</i></p> <p><i>s. (...) E não é assim. As vezes algumas escolas públicas têm mais do que as particulares. Não é uma questão de dinheiro e sim de valorização. De saber onde vai aplicar o dinheiro. Por</i></p>	<p><i>quando vê que não pode levar na flauta, ele cai fora. Porque quem tá lá dominando são as pessoas do bem, que querem trabalhar, não deixam o mau professor de estabelecer. Agora, por exemplo, o estado tá em greve e essa escola está atendendo meio turno. Eles não deixam de atender a criança.</i></p>
--	--	---

	<p><i>exemplo, a escola onde eu trabalho levanta a bandeira da sustentabilidade. E lá na escola tu vais ver cartazes fazendo toda a propaganda que esta escola trabalha de maneira sustentável e tu vai ver e o lixo da escola não é separado. Vai tudo pro mesmo lugar. A escola é uma empresa e tem o marketing da empresa. Mas tu consegue perceber quando o projeto é profundo na instituição. Mesmo que não tenha coleta seletiva no bairro, por exemplo, se uma escola grande consegue que a empresa de energia elétrica aumente a potência do bairro pra segurar a quantidade de ar condicionado que tem na escola, ela não tem poder de influência pra que a coleta seletiva chega ali? É chegar lá e dizer: olha aqui, nós somos de uma escola que trabalha com a sustentabilidade e precisamos que o caminhão da coleta seletiva passe lá na escola. Então, tu vê que é uma questão de interesse. Eu estou há 3 anos nessa escola, eu ganhei mil reais de instrumento nestes 3 anos. Isso não é nada. Eu pedi 10 xilofones, eu ganhei 2. Eu não faço nada com 2 xilofones numa turma de 20.</i></p> <p><i>u. (...) E a prefeitura, o estado, apesar de aparentemente participar de uma engrenagem quebrada, sem dentes, digamos assim, eu tenho colegas que</i></p>	
--	---	--

	<p><i>trabalham no estado e tem instrumentos. Eles pedem e chega. Demora, mas chega. Tem verba pra isso e tem auditoria. Então eles têm que prestar contas. Então, é uma mentira quem acha que a escola particular tem mais a única coisa que tem de diferente é que as crianças não têm tantos problemas de negligencia entre aspas, a maioria e também que tu ganha bem, na data certa, tu tem tuas férias. Mas também hoje em dia se tu comparar com a prefeitura ou com as escolas federais, nem digo estado porque no estado tá difícil, mas se tu comparar a hora/ aula do particular com essas públicas elas se equivalem. Então é uma generalização burra, pra mim.</i></p> <p><i>w. (...) De novo, é questão de prioridade. Daí num evento de dia dos pais tu tem cinco mil pra torrar em lembrancinha, balões, cooffe, e bá blá blá pra uma coisa que é, na minha opinião, menos importante do que um material que tu precisa ao longo do ano. Então se gasta muito dinheiro em coisas superficiais e pouco para o teu trabalho em sala de aula. E a maioria das escolas é assim. Eu tenho relatos de colegas de, sei lá, acho que posso te dizer 3 escolas que não trabalham desse jeito. E</i></p>	
--	--	--

	<p><i>nem sempre são as mais ricas. Por exemplo, eu trabalhei no J por 3 anos e na época que eu saí eu tava bem desencantado com a música na escola. Eu não queria mais trabalhar no currículo. Eu tava cansado de planejar pra 7 níveis diferentes, 3 turmas cada. Acho que tinha que ter outro professor pra dividir. Então eu tava cansado, era jovem, um pouco imaturo e não fiz questão de estar bem no último ano e fui demitido. E vou te dizer que foi uma satisfação pra mim ser demitido. Eu queria. Aquilo foi bom, naquele momento. Mas depois de um tempo eu soube que a escola comprou muitos instrumentos novos. Fez um investimento maciço em instrumentos.</i></p> <p><i>y. (...) Mas tem umas 3 ou 4 escolas que eu poderia citar, não sei se o J é um desses, mas que tenho colegas que relatam de como é investido em Música. Então, resumindo, o importante é a gente desmistificar a diferença entre escola pública e particular, porque na pública, por incrível que pareça, a falta de recursos te permite fazer projetos mais profundos. Eu trabalhei em 2012 num projeto financiado pela Tang, em 5 escolas do estado do Rio Grande do Sul. Era um projeto nacional, que visava o marketing, o lucro, claro, mas como os professores que estavam na</i></p>	
--	---	--

	<p><i>ponta do projeto eram educadores de verdade, a gente fez o possível pra tornar essa experiência significativa para as crianças. Das 5 que eu trabalhei, 3 faziam um trabalho maravilhoso e 2 de negligencia extrema. Então eu percebi que são os profissionais que fazem a diferença. Mesmo que tenha um currículo que seja igual para as escolas, cada um faz do seu jeito.</i></p>	
<p><b>2. Como você vê a criança que chega, hoje, na escola? Quais as principais características desta criança?</b></p>	<p><i>a. A criança cada vez chega mais nova. A escola onde trabalho recebia a partir de 4, agora com 3, né? É uma criança cada vez mais tem limitações.</i></p> <p><i>c. (...) Chega com trocas na fala, chega sem saber ir sozinha ao banheiro, muito mais mimada, com bico, mamadeira, sabe/ a adaptação é muito mais demorada, contrastando com o tempo destinado a adaptação. A escola oferece um tempo menor de adaptação e precisariam mais. Mas os pais exigem, eles não querem ficar um tempão acompanhando as crianças na adaptação. Então a meninada chega com problemas de limites. Não é maturidade, a gente sabe. A gente respeita o tempo de cada um. Eu tenho relato de criança com 4 anos de idade que dorme as 2 da manhã e acorda as 11h. Falta limite. E também hoje, com o</i></p>	<p><i>b. (...) A criança que chegava há seis anos atrás era muito mais autônoma do que a que chega agora.</i></p> <p><i>d. (...) Eles têm muitos brinquedos. Mas é uma criança que cada vez sabe menos brincar. Ela não sabe brincar. Se tu olhar o recreio, elas não brincam, elas correm é a única coisa que fazem.</i></p> <p><i>f. (...) A criança tem mais poder, o pai tem mais poder e o professor tem menos autonomia. Então tu tem que ter jogo de cintura pra poder lidar com essa situação política.</i></p> <p><i>h. (...) Dá pra fazer sim. Mas a escola brasileira tá indo pelo ralo. Eu vejo pelo mundo, os professores mostrando seus vídeos com</i></p>

	<p><i>domínio da tecnologia extremo, eles têm acesso a muitos desses equipamentos, e brinquedos.</i></p> <p><i>e. (...) Elas não conseguem se organizar pra brincar. É ótimo correr, é ótimo chutar bola. Mas tu não vê a criança parando pra brincar de esconder, organizar a brincadeira. E ela tem condições disso. Então a criança não sabe brincar, ela tem muito estímulo, ela tem um raciocínio lógico desenvolvido mas não tem a inteligência emocional desenvolvida. Ela não pode ser contrariada. E a escola cobra do professor cada vez mais flexibilidade na forma de lidar com essas crianças. Exige muito a diversão, que a aula tem que ser divertida, né? Que querem ver as crianças querendo voltar para a aula entusiasmadas, só que o discurso é esse. Cada vez o professor abre mão de mais coisa e cada vez a criança se empodera mais dentro da instituição.</i></p> <p><i>g. (...) Então é assim que a criança chega na escola. Agitação, também. Muita criança medicada. Criança que nem precisa ser medicada, sendo medicada e outras que precisam de remédio ou de atendimento, sem ter. os pais não admitem esse 'defeito' do filho. Não é um defeito. É uma</i></p>	<p><i>as crianças. E não to falando de criança robô. To falando de crianças com construção de regras. A aula tem que ser divertida, tem, mas aprender é muito divertido. Se tu pode ter convicção da tua forma de trabalhar, talvez no início possa parecer que não é divertido, mas no final eles vão achar demais.</i></p>
--	---	--

	<p><i>dificuldade. Cada um tem suas dificuldades. Há 5, 6 anos atrás eu tinha um caso, dois de crianças com muita dificuldade, com surtos, com violência. Total, em 400 alunos. Hoje em dia, tu tem 3,4 por turma. Então tu tem 3,4 alunos que surtam, que batem nos colegas, que vão te mandar ... sabe, né? Que vão dizer: eu que mando aqui; eu quero tocar agora o instrumento. E eu já cheguei ao cúmulo das minhas coordenadoras sugerirem que eu desse aula fora da sala de aula porque os instrumentos estimulavam demais as crianças. E elas tocavam na hora errada. Então, para que elas não tivessem a tentação de tocar na hora errada, eu que desse aula em outro lugar. Era uma aula que elas iam tocar os instrumentos, mas não na hora que queriam. Eu entendo que dá vontade de tocar e respeito, mas preciso do respaldo da escola para que eu possa trabalhar. É um enquadramento social, entende. Tu nem sempre pode tudo. É uma construção. E eu volto a repetir: eu to vindo de um curso que tinha educadores de 15/20 países diferentes e dá pra fazer e não é no Japão. É na Colômbia, na Argentina. São lugares que a gente menospreza. O Brasil se acha o centro da América do Sul, ou os gaúchos ou até me</i></p>	
--	---	--

	<p><i>São Paulo, dentro do próprio Brasil.</i></p> <p><i>i. (...) Eu consegui dar uma aula na semana passada que eu falei assim: a gente vai fazer brincadeira nos últimos 10 minutos, mas a gente tem que participar da atividade do início. Vamos? E eles disseram: Vamos. Nos últimos 10 minutos eu perguntei: vocês querem brincadeira. E um respondeu: não professor, isso tá divertido. E outros: é tá muito legal fazer isso.</i></p>	
<p><b>3. Como é o espaço físico no qual desenvolves as aulas? Que materiais tens à disposição na escola?</b></p>	<p><i>a. O espaço físico que eu tenho é uma sala de 6x6. É uma sala legal, tem um espelho.</i></p> <p><i>c. (...) Tenho instrumentos velhos de percussão de som indeterminado, sucateados. No primeiro ano que entrei me deram alguns instrumentos pra completar, porque como trabalho com 20 alunos eu calculo que eu tenho que ter no mínimo 10 pra eu poder trabalhar. Daí posso fazer que 10 toquem, os outros ouçam ou partilhar os instrumentos. Ou usar dois tipos de instrumentos. Os instrumentos, hoje, estão ultrapassados. As peles afrouxam. Tu pode até esquentar uma vela e tentar dar uma arrumada. Mas não tem durabilidade. E não são apropriados. Tenho piano que nunca é afinado. Tenho um teclado que é muito bom.</i></p>	<p><i>b. (...) Quando eu cheguei lá achei a a sala maravilhosa, hoje eu já acho que poderia ser maior, porque são 20 crianças.</i></p> <p><i>d. (...) Tenho computador e lousa interativa e isso é excelente. Isso é um dos pontos positivos.</i></p> <p><i>f. (...)Eu pedi os bomwakers que são instrumentos de bom custo benefício. Não é o ideal. Mas o timbre é bom, intensidade fraca. E assim, bandinha rítmica, não dá. Custa caro e não presta.</i></p> <p><i>h. (...)Eu fiz uma oficina com a M e perguntei pra ela o que ela achava sobre isso. E ela ficou braba comigo. Ela disse que era culpa dos professores não ter instrumentos apropriados e eu disse que na minha opinião não tinha instrumentos a venda que fossem bons.</i></p>

	<p>e. (...) <i>Uso vários softwares com eles. E o espelho. Que é outro ponto. O piano nunca é afinado. O violão está todo quebrado e não é concertado. Eu tenho um bombo leguero que tá destruído e nunca é concertado. Mas assim, eu consigo fazer. Eu tenho caxixis, tenho blocos, os instrumentos resistentes estão durando. Mas por exemplo eu tenho 4 xilofones, eu precisaria 10.</i></p> <p>g. (...) <i>Os instrumentos que se vende para criança tem uma intensidade muito forte. Alguns resistem, mas na maioria não resistem. Eu que fui para os EUA agora, lá tem instrumentos bons. No Brasil também, é só pesquisar.</i></p> <p>i. (...) <i>Mas assim, além disso, eu tenho materiais lúdicos como dados, brinquedos, eu gosto de trabalhar com tecidos, bolinhas de ping-pong coloridas que eu pedi, eu trabalho com objetos.</i></p> <p>k. (...) <i>A única coisa que às vezes eu levo é um instrumento diferente que eu quero mostrar pra eles. Outro dia eu levei uma flauta de embolo pra eles e não deixei tocar porque é boca, né? Mas se eu levar, tenho que deixar experimentar, senão não tem graça. O que não é de sopro, eu empresto. Na escola de artes, que é no contra turno, tenho menos</i></p>	<p>j. (...) <i>E eu não levo os meus materiais para a escola. Eu acho que eu não mereço isso. Um instrumento que eu trabalho pra comprar, pra usar nas minhas oficinas, eu não vou levar pra ser estragado.</i></p> <p>l. (...) <i>E a instituição não vê bem eu trabalhar em dois segmentos diferentes da escola. Não gosta. Tentaram várias vezes me tirar da escola de arte e criar situações para que eu não assuma. Pra dificultar minha vida lá. As reuniões são no mesmo dia. A escola não vê com bons olhos. E tu tem que ficar te dividindo e a culpa acaba sendo tua.</i></p>
--	---	---

	<p><i>instrumentos, mas na proporção de investimento eu recebi mais que na educação infantil, porque eles tem essa coisa que é cada centro de custo faz seu orçamento. E eu não posso, de forma alguma, pegar os instrumentos da Educação Infantil e levar para a escola de artes. E vice-versa.</i></p> <p><i>m. (...) Ah... e tem uma coisa que eu quero dizer pra fechar sobre o espaço físico da minha escola e de todas as escolas onde eu trabalhei. A escola acaba tendo aquela estrutura prisional. Isso é meio que um clichê, mas é assim. E a sala de Música ela é um ambiente que não pode ficar num lugar de ruído. E sempre fica em lugares com muita poluição sonora, sem tratamento acústico. Normalmente as janelas dão para onde é o recreio e isso é horrível. Não pode ter competição sonora. Lá na escola tem um projeto novo da Educação Infantil que eu gostaria muito de olhar o projeto da sala de música, que dizem que é maravilhoso, mas a minha chefe perguntou o que eu queria olhar. E eu disse que podia ser uma sala igual à que eu tenho hoje. Eu troco todos os meus instrumentos, tudo, pra um lugar silencioso. Isso é o mais importante. Vem em primeiro lugar. Em segundo lugar, quando tu vai ver os materiais eles não podem ter intensidade forte. Os ganzás</i></p>	
--	---	--

	<p><i>que eu tenho, eu não uso. Eu prefiro usar os ganzás que fiz com garrafa pet e miçanga, que é mais fraco. Um dos grandes defeitos dos instrumentos é a intensidade sonora. Porque a criança já chega gritando. Muitas crianças têm dificuldade se usar adequadamente a voz e daí o instrumento é mais forte ainda. Essa é a facilidade de trabalhar com os bomwakers.</i></p>	
<p><b>4. Conte algumas das propostas, aplicadas por você em classes de educação infantil, que considera eficazes no que diz respeito à aprendizagem musical? O que te leva a ter essa visão?</b></p>	<p><i>a. Assim, ó. As atividades que mais dão certo é quando eu consigo ter um projeto longo. E não é repetitivo. Lá na escola onde trabalho, eu tento articular com as professoras das turmas, com os projetos em andamento.</i></p> <p><i>c. (...) Eu gosto muito de trabalhar com as canções do 'Lenga la lenga'. Eu gosto de trabalhar com esse livro da Viviane Beineke e não é o livro em si que dá certo, mas eu tenho respaldo da escola e posso trabalhar um mês, dois. Então as crianças ganham um cd pra ouvir na aula, pra se apropriarem do repertório. Tu vê que o projeto deu certo quando tu vê as crianças cantando fora da aula de música. Se tu vê elas cantando, trazendo ideias, por exemplo. Também dá pra articular com outras áreas. Por exemplo, na aula de informática dá pra usar o software, a professora da turma vai ter o CD, e por aí vai. E é legal porque o</i></p>	<p><i>b. (...) Mas não tem uma continuidade. Muda muito. Muita informação diferente chegando e as crianças não retêm nada.</i></p> <p><i>d. (...) Agora pensando em outras propostas aplicadas por mim, eu posso dizer que tem uma coisa que pra mim é o mais difícil na aula de Música, que é o professor fazer uma aula, que é de uma hora, hora relógio, conseguir estruturar uma hora de aula sobre a mesma coisa. É fácil planejar uma hora de aula, picando atividades. E até não tem problema isso. Mas eu acho que o legal é tu conseguir fazer uma aula sobre o mesmo conteúdo, mesmo objetivo.</i></p>

	<p><i>'Lenga la lenga' é um trabalho que traz uma pesquisa de repertório de domínio público, na N. Tem várias músicas. Tem arranjos pra flautas, percussão com copos, percussão melódica. Cada música eles sugerem uma brincadeira diferente que tu pode seguir ou criar uma coisa nova e também brincadeiras de jogos de mãos. Vem o livro, o software e o cd. Eles ouvem, cantam, tocam, inventam novas brincadeiras.</i></p> <p><i>e. (...) As melhores aulas são aquelas que tu consegue encadear uma coisa na outra. Tu tá tratando do mesmo tema, sem dar nome aos bois, e as crianças estão ali, brincando, se divertindo e aprendendo. Vencendo desafios. Quando tu trabalha um monte de atividades sem ter a ver uma com a outra, claro que tu tá desenvolvendo competências com as crianças, mas o mais legal é quando consegue desencadear. Agora tem uma coisa chata é que o Ecade que tá fiscalizando mais. Então uma coisa que eu fazia que dava muito certo era gravar um cd com o repertório que eu ia trabalhar durante dois meses e dava para as professoras ouvirem, colocar pras crianças. Agora, não sei se é verdade, tá mais em cima e a gente não pode ter CDs gravados nas salas. Só pen drive. E a maioria dos sons</i></p>	
--	---	--

	<p><i>não tem pen drive. Eu acho que é isso. Uma aula bem-sucedida pra mim é uma aula que eu consiga articular uma atividade de movimento, uma reflexão das crianças a partir daquilo. Tipo: “ah, profe, então quando eu digo ‘viva eu, viva tu’, eu posso bater com palmas?”. E também deixar as crianças trazerem contribuições, ideias. E que tudo seja muito fluído.</i></p>	
<p><b>5. Como é o retorno dos estudantes, pais e demais educadores que trabalham com essa criança? Consegues ter um feedback sobre teu trabalho?</b></p>	<p><i>a. Eu tenho retorno informal dos professores que às vezes vem te dizer: ‘ah, foi tão legal aquela aula, que eles ficaram cantando’. Por exemplo.</i></p> <p><i>c. (...) E quando tu vê que é uma aula que deu certo, que foi legal, as crianças dão retorno. A minha aula se chama ‘Música e movimento’. Então eu tenho essa liberdade de brincar de ‘elefante colorido’, de ‘ovo podre’, de uma brincadeira de regras.</i></p> <p><i>e. ...) Dos pais é quando eles vêm te abordar: ‘ah, tu cantou uma música desse jeito, como é, e tal’. A gente participa de reunião de pais no início do ano, só. A gente troca ideias nos conselhos de classe e quando as avaliações são entregues para os pais, os especializados ficam à disposição, pra conversar. Mas normalmente não vem pai falar com a gente. As vezes quando tenho um elogio eu peço pra professora pra falar com esse</i></p>	<p><i>b. (...)Uma forma muito clássica de retorno é o abraço. Quando tu chega e ganha aquele abraço.</i></p> <p><i>d. (...)O retorno é na sutileza. É no pátio, é no corredor. Dos alunos, né? Eles cantando, trazendo ideias.</i></p> <p><i>f. (...)Na minha opinião é um pouco contraditório porque a escola valoriza a qualidade da educação, mas ela te cobra porque tu marcou 40 por cento dessa turma com dificuldade nas atitudes. Daí é sempre contigo: o que tu não ta fazendo pra que isso melhore.</i></p>

	<p><i>pai, pra contar e tal. Ou se tem uma dificuldade grande. E a escola te dá um retorno no primeiro semestre. A gente tem dois objetivos: um sócio afetivo e um específico. E a gente marca se não atingiu ou não. Eles te dão um gráfico de como cada turma foi.</i></p> <p><i>g. (...)E a escola me avalia no final do ano. No último dia de aula, as coordenadoras te chamam e fazem uma avaliação do ano, o que foi legal e o que não foi. E a gente tem instrumentos de avaliação que a gente preenche em relação aos serviços, marcar satisfatório ou não e pode escrever também. E quando se tem um grande evento, durante o ano, festa junina, por exemplo, se faz uma avaliação do que foi legal e do que não foi.</i></p>	
<p><b>6. Que aspectos não podem faltar numa aula de música na educação infantil?</b></p>	<p><i>a. A Música (risos), antes de tudo, né? Acho que a ludicidade e assim ó, eu digo ludicidade e não diversão.</i></p> <p><i>c. (...) Tem que ter ludicidade, a música antes de tudo. Tem que ter objetivo do professor muito claro. Tu tem que saber onde tu quer chegar. E tem que oportunizar que a criança se coloque nessa aula. Que ela se aproprie do espaço, dos materiais. Ela tem que ter tomada de decisão, fazer escolhas. Uma coisa que acho muito legal que teve nesse curso foi que um professor contou que numa</i></p>	<p><i>b. (...)As vezes a gente tem essa coisa da diversão pela diversão. Então eu tento trabalhar com eles por exemplo, brincar não é bagunça. Brincar é legal, bagunça é qualquer coisa, é todo mundo se atirando, ninguém se entende. A brincadeira, mesmo sendo divertida, tem uma organização. Então é isso.</i></p> <p><i>d. (...)O diálogo não significa acatar toda opinião dada. É uma conversa. Mas o professor é soberano na sala de aula, ele sabe onde quer chegar. Não dá pra acatar tudo o que for dito.</i></p>

	<p>aula perguntou: <i>alguém tem alguma opinião? E um aluno respondeu: eu acho que a gente podia usar o pandeiro. O professor respondeu: obrigada pela tua ideia, mas a gente não vai usar porque eu achei melhor a ideia de usar o chocalho. Isso não significa que tu não tá ouvindo, que tu tá menosprezando, mas que outra ideia foi melhor naquele momento.</i></p> <p><i>e. (...) Um chega e diz: vamos fazer o relaxamento com piano? O professor diz: Vamos. E outro diz: ah, mas eu queria relaxamento com bolinhas. O professor responde que numa outra aula podemos fazer com as bolinhas, mas hoje foi escolhido o piano. Bom, mas outra coisa que não pode faltar, de jeito nenhum é o corpo. A criança é muito corporal. Experimentar diferentes ritmos, andamentos, sons usando o corpo é muito importante. E também a questão do repertório.</i></p> <p><i>g. (...) Não significa que tu não vai cantar a música do 'Frozen', se eles pedirem. Mas tem que ter um repertório diferente. Tu é o responsável pela ampliação desse repertório.</i></p> <p><i>i. (...) A gente tem que fazer uma educação do ouvido. A gente precisa de referências pra poder apreciar a arte. E</i></p>	<p><i>Nem sempre as ideias dão certo pra aquele momento.</i></p> <p><i>f. (...) O professor tem que saber qual é o repertório adequado. Antes eu não achava isso importante. Eu achava que tinha que fazer o que as crianças queriam e conheciam. Mas a aula de música tem que ampliar o repertório do aluno.</i></p> <p><i>h. (...) As pedagogas, na grande maioria, têm uma cultura muito rasa, muito lugar comum. A arte trabalha Romero Brito, porque é colorido. Então todo mundo trabalha Romero Brito, sabe? Mas na aula de Música, o professor de Música foi quem estudou um pouquinho mais. Tu tem que mostrar músicas diferentes. Da mesma forma que o paladar tem que ser educado, nosso ouvido também. Porque tu come facilmente um doce. Tu tem que passar por um outro processo pra experimentar um temperinho diferente, até pra tu poder dizer que não gostou. Eu, por exemplo, a primeira vez que ouvi jazz eu não gostei. Alguns anos depois, quando ouvi eu lembrei: bah, mas agora faz muito mais sentido pra mim. Eu gosto mais desse tipo de jazz. Então é um pouquinho disso. E o legal é o seguinte: não significa que eu, professor de música, vá numa festa e dance funk até o chão. Eu acho muito</i></p>
--	--	--

	<p>a aula de música cria essas referências. Elas têm as referências midiáticas e de internet. Então é muito importante.</p> <p>k. (...) Na escola, ninguém questiona o professor de Educação Física porque não dá futebol toda aula. Muito pelo contrário. Todo mundo fala: 'tu não pode dar só futebol, em que trabalhar outras coisas'.</p> <p>l. (...) Tenho percebido ultimamente que a gente tem dois tipos de repertório da infância: tem o que foi criado pedagogicamente e tem o que foi pensado esteticamente pra chegar na criança. Eu vou te explicar porque. A 'Arca de Noé', do Vinicius de Moraes, é um disco pra criança, pra ela ouvir. Dificilmente tu vais usar uma música na aula de música pra desenvolver algum aspecto musical. 'Conversa de bicho', da O é um CD pedagógico. É diferente. Porque ele tem algumas características que favorecem a aprendizagem as letras são curtas, claras. Não tô nem falando de melodia.</p> <p>n. (...) Pra apreciação, não necessariamente precisa ser infantil Dorival Caymi é super leve, tem um frescor. Eu por exemplo tenho um show que é o "Cantos de linho e de lã". A gente musicou 13 poemas. Eu</p>	<p>divertido. É a função social da Música. Eu adoro ir a churrasco e cantar música ruim. É muito mais divertido. Às vezes, churrasco de músico é um saco, porque querem ficar tocando só o que julgam bom e tal. É muito divertido tocar Wando, Fábio Junior. É o momento.</p> <p>j. (...) A música midiática é o futebol da aula de música. A música que passa na TV. Tu tem que oferecer outros caminhos.</p> <p>m. (...) Então tem essas duas categorias: as músicas mais pra apreciação e pra o trabalho didático, que não deixa de ser divertido. As duas tem sua função e valem.</p>
--	--	--

	<p><i>sempre quis fazer um trabalho paralelo de atividades e jogos musicais. Então depois de um ano em cartaz eu percebi que não tenho atividades o suficiente para fazer um livro com essas músicas. Eu tenho que fazer outras músicas pra educação musical. Pra apreciação musical, elas se prestam. O P, poderia reduzir todo o material em duas caixas. Eles fizeram várias pra vender. Acho que é isso.</i></p>	
<p><b>Mais alguma coisa que tu queiras dizer, pra gente encerrar?</b></p>	<p><i>b. (...)A escola privada tem tudo pra nos ajudar num trabalho profundo de música. Mas a gente tem um problema de prioridades. É que nem o Brasil: tem tudo pra ser um grande país, mas falta saber das prioridades, de quem está lá. E na escola, temos problemas de gestão.</i></p> <p><i>d. (...) Mas tem mais duas coisas que eu quero dizer. A questão do repertório. Tu pode trabalhar qualquer tipo de música. Claro que não vai trabalhar música que fale palavrão. Mas se tu toca jazz, tu tem que tocar pra eles. O importante é como fazer em sala de aula.</i></p> <p><i>f. (...) E eu vim dessa viagem e vi exemplos que dão certo. As crianças tocando, de forma complexa. Não é de uma hora pra outra. Um tijolinho de cada vez. O músico não é um técnico. É um cara sensível. Mas tudo é</i></p>	<p><i>a. Eu acho importante dizer que nessa conversa tu podes ter percebido uma fala minha meio desanimada, talvez fatalista, mas eu quero dizer que acredito na escola, eu gosto de dar aula, eu sou muito feliz com meu trabalho, mas eu fico triste em ver que poderia ser muito melhor do que é. Poderia ser mais descomplicado.</i></p> <p><i>c. (...) Poderia ser muito mais divertido pro professor. Isso é uma coisa legal. Esse é um aspecto que não pode faltar numa aula de Música da educação Infantil: tu tem que se divertir. Se tu não tá divertindo, tem algo errado. Se não é bom pra ti, não é bom para os teus alunos. E por conta dos conflitos institucionais, as vezes tu não ta bem, na aula. E aí não vai.</i></p> <p><i>e. (...) Eu vejo os professores nos cursos de formação</i></p>

	<i>uma construção. Acho que é isso.</i>	<i>muito preocupados com o joguinho, preocupados em anotar a regra daquela brincadeira. E isso importa pouco. E também acho importante do professor de música ser músico. Não pode largar de tocar pra dar aula. Ele tem que fazer as duas coisas. Eu conheço poucos professores que viraram professor de música porque amam ensinar. A maioria virou professor de música porque amam a música. Ensinar veio depois. Cativou eles, assim como me cativou, me completa.</i>
--	---	--

Fonte: Ramos (2015).

### 5.3. AS FALAS RECORRENTES

Desta forma, após transcrever literalmente o que os sujeitos da pesquisa expressaram, organizamos os dados coletados da seguinte forma: a cada pergunta, um quadro com o que de recorrente apareceu nas falas de cada um dos entrevistados.

**Pergunta 1:** *Fale sobre sua trajetória profissional (formação, experiências profissionais anteriores, ocupação atual).*

Quadro 7 - Trajetória profissional dos entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>Aspectos recorrentes</b>
<i>Paul</i>	<p><i>(...) Antes de optar por ser professor, fazer licenciatura em música, andei por outras faculdades.</i></p> <p><i>(...)Desde 12 anos de idade toquei, tive banda. Sempre fui músico.</i></p> <p><i>(...)E eu fui pra lá na verdade sem muita ideia se eu queria realmente ser professor ou não.</i></p> <p><i>(...)E o terceiro estágio geralmente é em ambientes fora da escola e eu optei por fazer numa creche que eu tava atuando no momento e ali começou o meu foco principal que é a Educação Infantil (...)</i></p> <p><i>(...) Continuei minha formação, no curso de pós-graduação na Y, no ano seguinte.</i></p>
<i>Elis</i>	<i>(...) Cresci convivendo com a arte.</i>

	<p>(...)E eu escolhi fazer Publicidade e propaganda.</p> <p>(...) Fiz magistério.</p> <p>(...)estou acabando o último semestre da Licenciatura em Música.</p> <p>(...) O que movia era a Música vinculada à educação Infantil, (...)</p>
Villa-lobos	<p>(...) Eu fiz magistério.</p> <p>(...) Como eu já estudava piano desde os 7 anos de idade (...)</p> <p>(...)Eu estudava na A e fazia um curso que se chamava Licenciatura em Educação artística – Habilitação Música.</p> <p>(...) Mas depois fiquei só na Educação infantil. Lá eu aprendi muito, comecei a trabalhar com bebês.</p>
Lobos	<p>(...) Eu caí nesse ramo, na verdade, por coincidências da vida.</p> <p>(...) eu comecei a tocar violão clássico com 10 anos de idade.</p> <p>(...) Toquei em muitas bandas. O ser músico possibilita essas ferramentas.</p> <p>(...) Fiz Relações Públicas</p> <p>(...) Depois eu fiz Magistério pra me especializar.</p> <p>(...) estou concluindo a Licenciatura em Música</p> <p>(...) Hoje tenho 12 escolas, trabalho com violão, oficina de violão e oficinas de violão.</p> <p>(...) E é daí que eu tiro meu sustento e a minha felicidade tá toda baseada nisso</p>
Doug	<p>(...) Tentei muitos cursos e nunca deu certo.</p> <p>(...) Eu comecei a tocar violão com 15 anos.</p> <p>(...) No início eu não dava muita bola pra palavra licenciatura que tinha antes do nome da faculdade: Licenciatura em Música.</p> <p>(...) ...me pós graduei em Música,</p> <p>(...) Pra criança, não tem divisão entre a música, a dança, a brincadeira. Foi muito legal tudo isso. Mas foi uma transformação minha vida como artista, que foi uma reorganização da forma de ensinar.</p>

Fonte: Ramos (2015).

Nesta primeira questão, que propunha a reflexão sobre a formação dos entrevistados, destacamos as falas acima que nos ajudam a traçar o perfil destes 5 professores atuantes em classes de EI, em 8 escolas da Rede Privada da cidade de Porto Alegre:

#### **Quanto à ligação musical:**

- Todos verbalizaram que desde jovens tocavam instrumentos
- Frequentavam ambientes de aprendizagens artísticas
- Esta afinidade os levou aos caminhos da licenciatura em Música.

### Quanto à formação:

- Quatro (4) dos entrevistados (5) disseram ter buscado outros cursos antes de se dedicarem exclusivamente à Música.
- Três (3) dos participantes da pesquisa são licenciados em Música.
- Dois(2) estão terminando o curso.
- Destes 3 licenciados, 2 são também especialistas em Educação Musical.

A ligação com a Educação Infantil veio por meio da prática, em todos os entrevistados. Todos são atuantes, hoje, como professores de Música da Educação Infantil, mas também trabalham com AI, aulas particulares e oficinas musicais.

*Pergunta 2: Como você vê a criança que chega, hoje, na escola? Quais as principais características desta criança?*

**Nesta questão, destacamos as seguintes falas dos entrevistados:**

Quadro 8 - Características das crianças que chegam na escola

<b>Entrevistado</b>	<b>Aspectos recorrentes</b>
<i>Paul</i>	<p>(...) <i>Eles são mais agitados.</i></p> <p>(...) <i>Na EI tem um reforço que é a auxiliar e a professora que ficam comigo na sala.</i></p> <p>(...) <i>A gente consegue perceber que existem muitas famílias desestruturadas ou despreparadas para lidar com seus filhos e delegam pra escola a responsabilidade.</i></p> <p>(...) <i>A criança pequena é mais tranquila até. Tu dá aquela 'chamada' e já se acalmam, se acalmam e os maiores parece que não adianta.</i></p>
<i>Elis</i>	<p>(...) <i>Essa criança é muito informada. Além disso ela é informatizada.</i></p> <p>(...) <i>Ela é o que a família é. Ela simplesmente reproduz em questões corporais, musicais e de atitude.</i></p> <p>(...) <i>Ela é individualista, não sabe brincar.</i></p>

	<p>(...) Não socializa. Tem medo de se relacionar, de se expressar. É uma criança que viaja muito.</p> <p>(...) Mas ao mesmo tempo, gostam de brincar com coisa simples. Eles dão valor, de acordo com a proposta que o educador traz.</p> <p>(...) Hoje cada vez mais difícil ouvir.</p>
Villa-lobos	<p>(...) As crianças chegam cada vez mais agitadas na escola. E aparecem mais questões de carência.</p> <p>(...) Chegam muito egocêntricos, porque os pais estão meio perdidos. Por falta de tempo de dar atenção, dão tudo, tudo.</p> <p>(...) Autistas, aumentou muito o número.</p> <p>(...) Hiperatividade. Crianças com questões bem serias.</p>
Lobos	<p>(...) No decorrer dos anos as crianças foram mudando.</p> <p>(...) Hoje a gente pega crianças muito perdidas. Sem referência musical nenhuma,</p> <p>(...) A gente pega crianças sem noção espacial, com problemas psicológicos.</p> <p>(...) Ao meu ver essa nossa rotina corrida, de trabalhar muito, a gente chega em casa, o pai e a mãe, cansados e acabam não dizendo o não.</p> <p>(...) Aquilo que antes vinha da família, hoje está embutido dentro da função do professor.</p> <p>(...) É preciso ouvir. Porque, voltando um pouquinho, a criança está carente de ser escutada e às vezes o emprestar o ouvido a essa criança é uma atividade que vai te render muitos frutos depois.</p>
Doug	<p>(...) A criança que chegava há seis anos atrás era muito mais autônoma do que a que chega agora.</p> <p>(...) Então a meninada chega com problemas de limites.</p> <p>(...) Eu tenho relato de criança com 4 anos de idade que dorme as 2 da manhã e acorda as 11h. Falta limite.</p> <p>(...) Mas é uma criança que cada vez sabe menos brincar.</p> <p>(...) Agitação, também. Muita criança medicada.</p>

Fonte: Ramos (2015).

Propondo refletir sobre a criança, suas características e anseios ao chegar à Escola, na segunda questão os professores trouxeram suas percepções relacionadas à prática na EI:

- A característica da agitação aparece em 3, dos 5 entrevistados;
- Aparecem também referências quanto ao aumento de crianças com diagnósticos de hiperatividade, autismo ou outras denominações de distúrbios físicos e/ou emocionais;

- As famílias são citadas, por todos, como papel importante na formação da criança e, quando ausentes ou sem posicionamentos firmes quanto aos limites, acabam delegando à Escola e seus professores a responsabilidade de educar;
- A falta de autonomia e de saber brincar também aparecem com recorrência na percepção dos professores..

**Pergunta 3:** *Como é o espaço físico no qual desenvolves as aulas? Que materiais tens à disposição na escola?*

Cada um dos entrevistados relatou os locais onde desenvolvem as aulas e verbalizou suas expectativas quanto aos materiais e espaços adequados para a prática pedagógico-musicais. Vejamos as falas destacadas:

Quadro 9 - Aulas, materiais e espaços adequados para a prática pedagógico-musical

<b>Entrevistado</b>	<b>Aspectos recorrentes</b>
<i>Paul</i>	<p>(...) Dou aula num auditório grande onde tem projetor, se quiser buscar um recurso da internet ou colocar um dvd, tenho ali à disposição.</p> <p>(...) Dou aula geralmente em cima de um palco, mas se precisar de um espaço maior posso descer e ocupar todo o auditório, ou eventualmente levar as crianças pra rua...</p> <p>(...) Tem muita coisa danificada, como tambor, pandeiro quebrado, de percussão, que é o que mais tem. Tem também um piano que não está cem por cento afinado, mas é um recurso</p> <p>(...) Questão de material, tenho bastante coisa, mas sempre tem o que melhorar, rever, manutenção.</p> <p>(...) O professor investir no próprio material também é importante.</p>
<i>Elis</i>	<p>(...) Espaços amplos, sem cadeiras, onde eu pudesse fazer barulho a Y chama de “barulhar”.</p> <p>(...) No colégio L eu tenho uma sala com um piano, um armário com instrumentos musicais caindo aos pedaços.</p>

	<p>(...) <i>Tenho aparelho de som. Se eu quero um livro ou cd, a coordenação e a biblioteca me apoiam nessa compra.</i></p> <p>(...) <i>Mas em relação aos instrumentos musicais eu tenho que dizer que durante estes 12 anos de carreira eu nunca tive apoio, que alguém chegasse e e dissesse “vamos lá comprar”, “do que tu precisa?”.</i></p> <p>(...) <i>Na outra escola, no M, eles me deram um auditório, mas não tenho prioridade nenhuma. Porque é o único espaço fechado e aparelhado que tem. Lá tem data show, internet, posso baixar as coisas que eles querem. Isso é bem bom.</i></p> <p>(...) <i>Nessa escola, no auditório, não tenho armário. Tenho poucos instrumentos, ou quase nada.</i></p> <p>(...) <i>E eu levo meu próprio violão.</i></p> <p>(...) <i>Eu construo com as crianças instrumentos musicais pra ficar na escola. Mesmo a gente sabendo que são instrumentos que não vão durar muito, no máximo 6 meses.</i></p> <p>(...) <i>Muitos materiais eu trago.</i></p>
Villa-lobos	<p>(...) <i>Aqui eu tenho um espaço muito bom.</i></p> <p>(...) <i>A gente tem esse salãozinho que tem tabuão, que tem espelhos, é grande, um espaço maravilhoso.</i></p> <p>(...) <i>Tenho bastante instrumentos. Tenho piano e violão que eu toco. Depois temos muita coisa de percussão.</i></p> <p>(...) <i>Tem que ter muito material. Ainda mais com criança. É o concreto. A curiosidade deles é sempre saber o que tem na minha sacola.</i></p> <p>(...) <i>Então as vezes, essas crianças que tem tudo, se encantam com propostas simples.</i></p> <p>(...) <i>Além deste espaço, a escola tem um estúdio de música</i></p> <p>(...) <i>Tem um teclado bem bom, tem bateria, piano.</i></p> <p>(...) <i>Estes espaços são prioridade para aula de música.</i></p> <p>(...) <i>Isso aqui é outra coisa: o ipad a escola que nos deu.</i></p> <p>(...) <i>Eu ganhei uma caixa com bluetooth, então, quando surge uma coisa, na hora a gente pesquisa no ipad, no youtube e emparelha com a caixa. As crianças ouvem e ouvem bem.</i></p> <p>(...) <i>E assim...eu trago materiais, também.</i></p> <p>(...) <i>Cada vez eu uso mais sucata.</i></p>

Lobos	<p>(...) <i>Eu tenho umas 10 maletas, aquelas mochilas grandes, cheias de instrumentos musicais.</i></p> <p>(...) <i>No I, eu disponho de uma sala com piano, teclado, amplificador, porém eu não tenho instrumentos. Eu levo os meus.</i></p> <p>(...) <i>Já no H eu tenho uma sala muito completa. Tem projetor, piano, teclado, amplificadores, microfones, muitos instrumentos.</i></p> <p>(...) <i>No J tenho uma sala de Música com poucos instrumentos. Antigamente eu tinha uma sala boa, com projetor. Como mudou a rede que mantém a escola nós perdemos isso. Vou ter que galgar todo o espaço outra vez.</i></p> <p>(...) <i>O espaço, os instrumentos, a afinação do piano, por exemplo. Isso é uma briga de todos os professores de Música que conheço.</i></p>
Doug	<p>(...) <i>O espaço físico que eu tenho é uma sala de 6x6. É uma sala legal, tem um espelho.</i></p> <p>(...) <i>Tenho instrumentos velhos de percussão de som indeterminado, sucateados.</i></p> <p>(...) <i>Tenho computador e lousa interativa e isso é excelente. Isso é um dos pontos positivos.</i></p> <p>(...) <i>Tenho piano que nunca é afinado. Tenho um teclado que é muito bom.</i></p> <p>(...) <i>E eu não levo os meus materiais para a escola. Eu acho que eu não mereço isso. Um instrumento que eu trabalho pra comprar, pra usar nas minhas oficinas, eu não vou levar pra ser estragado.</i></p> <p>(...) <i>Mas assim, além disso, eu tenho materiais lúdicos como dados, brinquedos, eu gosto de trabalhar com tecidos, bolinhas de ping-pong coloridas que eu pedi, eu trabalho com objetos.</i></p> <p>(...) <i>E a sala de Música ela é um ambiente que não pode ficar num lugar de ruído. E sempre fica em lugares com muita poluição sonora, sem tratamento acústico.</i></p>

Fonte: Ramos (2015).

Nas 8 escolas em que os professores entrevistados atuam, existe uma sala de Música ou auditório para suas aulas. Em uma delas o espaço é dividido com outras atividades escolares, fazendo com que o professor utilize uma sala de aula para suas práticas. Em todas as escolas há instrumentos musicais, mas na maioria estão em estado de má conservação. O piano, nas escolas

onde tem, é afinado esporadicamente. E todos os professores relataram que investem em materiais, seja na compra de instrumentos ou na confecção com sucata.

**Pergunta 4:** *Conte algumas das propostas, aplicadas por você em classes de educação infantil, que consideras eficazes no que diz respeito à aprendizagem musical? O que te leva a ter essa visão?*

A partir desta questão, os professores trouxeram alguns exemplos de suas práticas pedagógico-musicais. Abaixo, as falas que foram recorrentes:

Quadro 10 - Práticas pedagógico-musicais dos professores

<b>Entrevistado</b>	<b>Aspectos recorrentes</b>
<i>Paul</i>	<p>(...) <i>Questão de parâmetros sonoros que é uma coisa que a gente trabalha bastante na educação infantil.</i></p> <p>(...) <i>Também tem jogo da memória dos instrumentos, mas pra ganhar o ponto tem que achar o par e dizer o nome do instrumento.</i></p> <p>(...) <i>Tenho uns sinos coloridos que também já usei pra fazer a relação de graves e agudos e também organizar uma sequência de sons.</i></p> <p>(...) <i>De tocar uma música na flauta e eles tentam identificar pela melodia que música é.</i></p> <p>(...) <i>Às vezes tu planeja uma coisa e a aula caminha pra outro lado.</i></p> <p>(...) <i>...essas brincadeiras que falam os nomes das notas e falam de forma ascendente, crescente as notas, onde começam a identificar e tem que se movimentar com o corpo, indo pra onde está o nome da nota ou fazendo com a mão as alturas.</i></p> <p>(...) <i>...foco mais no nível 5 (5 anos) trabalho e foco mais nos instrumentos e famílias dos instrumentos.</i></p> <p>(...) <i>Também tem atividades com o corpo. Muita atividade com o corpo.</i></p> <p>(...) <i>Jogo do eco. Eu faço um ritmo e eles tem que repetir.</i></p> <p>(...) <i>Trabalho bastante com canto, repertório, festividades que fazem parte do calendário escolar</i></p>
<i>Elis</i>	<p>(...) <i>Eu trabalho, na minha proposta musical, assim: primeiro eu trabalho a respiração.</i></p> <p>(...) <i>No segundo momento, tem uma surpresa, seja um apito de madeira, um plastibolha, um brinquedo, uma coisa só. Desse elemento vou desencadear a aula.</i></p> <p>(...) <i>O corpo como instrumento musical por excelência.</i></p> <p>(...) <i>Teve muitas vezes que eu vinha com uma intenção e no meio da aula tenho que saber que tenho que mudar.</i></p> <p>(...) <i>Às vezes essa apreciação é uma hora do conto, conto uma história.</i></p>

	<p>(...)Na EI é importante de fazer um momento de escuta do que as crianças conhecem, do que eles gostam. Trazem um cd, um instrumento. Eu valorizo isso.</p> <p>(...)Tem bastante repertório. Até vou dizer que é difícil inserir um repertório novo.</p> <p>(...)Corpo que brinca, que poetiza que emite som. Fazer junto com. Isso é eficaz.</p> <p>(...)O que me leva a ter essa visão é o retorno deles. Imediato. Se um jogo deu certo, ele volta na aula seguinte. Dia a dia a gente vai construindo juntos.</p>
Villa-lobos	<p>(...)Nos últimos anos tem sido legal o retorno quando trabalho compositores.</p> <p>(...)É importante primeiro ouvir, pra depois ver. Porque é preciso educar o ouvido, porque a visão impera na nossa sociedade.</p> <p>(...)Então é bem importante o ouvir, apreciar, fazer música, tocar, cantar e criar que é o mais difícil de tudo, mas eu sempre tento que eles tentem criar uma rima nova, por exemplo.</p> <p>(...)Eu gosto de esconder os instrumentos pra que tentem descobrir pelo som. As vezes o pequenininhos lá do nível I já sabem.</p> <p>(...)Eu procuro trabalhar parâmetros do som: a intensidade, a altura, o timbre, a duração. Andamento, ritmo. Isso vem num crescendo. Eles vão aprendendo a acompanhar as canções.</p> <p>(...)Comecei a aula com a apreciação de uma ciranda do Villa-Lobos, o “Zangou-se o cravo com a rosa”, na qual tem “o cravo brigou com a rosa”, dentro dela. Eu disse pra eles que o Villa-Lobos fez uma música para piano e escondeu uma canção folclórica dentro.</p> <p>(...)Cada vez sai diferente. E vem cada vez mais ideias das crianças.</p>
Lobos	<p>(...)A primeira coisa assim, todas as minhas propostas são referentes à ludicidade.</p> <p>(...)A educação musical precisa sair da esfera professor-músico tocando um instrumento e as crianças paradas, sentadas. É preciso estar aberto às novas propostas e saber que essas crianças que nos chegam, extremamente carentes de experiências corporais precisam entender o que estão fazendo. E linguagem musical provém do seu corpo.</p> <p>(...)A gente precisa que a criança se organize corporalmente pra tudo isso. Pro cantar, vai aprender a usar o diafragma, a respiração.</p> <p>(...)E a gente tem que ensinar o abstrato por meio do concreto.</p> <p>(...)A minha intenção quando dou aula não é que as crianças virem músicos, mas que tenham essa experiência e que levem isso pra sempre.</p>
Doug	<p>(...)As atividades que mais dão certo é quando eu consigo ter um projeto longo.</p> <p>(...)Tu vê que o projeto deu certo quando tu vê as crianças cantando fora da aula de música. Se tu vê elas cantando, trazendo ideias, por exemplo.</p> <p>(...)É legal porque o ‘Lenga la lenga’ é um trabalho que traz uma pesquisa de repertório de domínio público...</p> <p>(...)Cada música eles sugerem uma brincadeira diferente que tu pode seguir ou criar uma coisa nova e também brincadeiras de jogos de mãos.</p>

	<p><i>(...)As melhores aulas são aquelas que tu consegue encadear uma coisa na outra. Tu tá tratando do mesmo tema, sem dar nome aos bois, e as crianças estão ali, brincando, se divertindo e aprendendo. Vencendo desafios.</i></p> <p><i>(...)E também deixar as crianças trazerem contribuições, ideias.</i></p>
--	--

Fonte: Ramos (2015).

- Quando fiz esta pergunta, os entrevistados se mostraram empolgados ao relatar suas experiências com Música na EI. Cada um, do seu jeito, trouxe aspectos que consideramos fundamentais para uma aula de Música de qualidade. O primeiro aspecto que aparece é: O trabalho com os Parâmetros sonoros (timbre, altura, intensidade e duração), em dois dos 5 entrevistados.
- A exploração e classificação dos instrumentos também é um ponto importante, destacado por 3 professores.
- O corpo, aparece, em todos os respondentes, como instrumento musical, no trabalho com a voz, nos jogos de mãos e também como algo a ser trabalhado no que diz respeito a organização espacial.
- A importância do trabalho com a respiração aparece, explicitamente, em 2 dos entrevistados, como fundamental para o trabalho com a educação musical.
- O caráter lúdico também é citado como fator desencadeador das propostas, seja por meio de uma história, de jogos, de um objeto escondido, de uma nova brincadeira, por todos os entrevistados.
- A educação do ouvido para que, além de ouvir as crianças possam apreciar, é aspecto destacado por 2 professores.
- O protagonismo das crianças, termo bastante usado na atualidade quando se fala em Educação Infantil, aparece nos relatos de todos os professores que contam como estão abertos a ouvir as ideias e contribuições das crianças e, muitas vezes, mudar seus planejamentos em virtude dessa escuta.

**Pergunta 5:** *Como é o retorno dos estudantes, pais e demais educadores que trabalham com essa criança? Consegues ter um feedback sobre teu trabalho?*

**A partir desta questão, os professores trouxeram alguns exemplos de suas práticas pedagógico-musicais. Abaixo, as falas que foram recorrentes:**

Quadro 11 - Feedback do trabalho dos professores entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>Aspectos recorrentes</b>
<i>Paul</i>	<p>(...)Mas um dia chegou um pai e perguntou: tu que é o professor de música? Sim, sou eu. Queria te dar os parabéns pelo teu trabalho.</p> <p>(...)Tenho tido retornos positivos. Acontecem queixas, mas até comigo não aconteceu muito.</p> <p>(...)Também lembro de uma mãe que me contou que levou o filho num concerto e ele já tinha noção até da diferença entre um contrabaixo e um violoncelo.</p> <p>(...)Teve uma situação de queixa sobre repertório, que as crianças pediram pra colocar uma música e um menino chegou em casa e comentou sobre a música e o pai achou que não era apropriada.</p> <p>(...)La no colégio a gente tem um retorno da coordenação. Sempre tem pontos a melhorar, claro.</p> <p>(...)Por exemplo nesse último feedback as questões que apareceram não foram tanto de críticas de minha pratica com as crianças, mas em relação ao grupo de trabalho.</p>
<i>Elis</i>	<p>(...)Com as crianças, todo os dias tenho feedback. Na escola L, tenho retorno dos pais.</p> <p>(...)É tudo informal. Em datas comemorativas, em comemorações, os pais elogiam.</p> <p>(...)As professoras titulares dão retorno: ah, as crianças estavam cantando tal música.</p> <p>(...)Mas se algo acontecer de errado ou quando não estão gostando, daí eu tenho reunião. Me chamam. A coordenação.</p> <p>(...)Não tenho momentos de falar e ouvir o que está acontecendo, se está indo bem, ou não, etc. Tive um momento desses em 3 anos.</p> <p>(...)Na outra escola, fui chamada várias vezes. Mas sempre pra retomar.</p> <p>(...)Os pais, alguns mais próximos, vem sempre falar, pedir dicas, dar retornos. Isso é muito legal.</p> <p>(...)Nessa escola é a direção que me chama.</p>
<i>Villa-lobos</i>	<p>(...)Não é sempre. Mas surgem assim, alguns pais que me encontram e falam das coisas que os filhos aprenderam.</p> <p>(...)Meu colega me dá um retorno que é bem legal. E depois no quarto e quinto ano eles tocam a flauta e tocam bem diretinho.</p> <p>(...)Os pais, as professoras sempre dão feedbacks. Então eu não me sinto sozinha. É grande a parceria.</p> <p>(...)A escola, logo que comecei, eu fui chamada pra receber um feedback, com a coordenadora, dizendo que gostou da aula que observou, deu retorno. Mas depois nunca mais.</p> <p>(...)Mas eu sei que ela confia no meu trabalho. Ela está sempre atenta.</p>

<i>Lobos</i>	<p><i>(...)Os pais me contam que seu filho ensinou uma música que não conhecia, que ensinou o que é uma partitura, quem é Gilberto Gil, a cantar Toquinho e Vinicius.</i></p> <p><i>(...)Eu sempre tenho retornos. Graças à Deus, sempre feedbacks positivos.</i></p> <p><i>(...)Mas assim, o retorno dos pais é muito positivo. As professoras também. Eu tento fazer um trabalho aliado às professoras da turma.</i></p> <p><i>(...)As crianças me imitam em casa. E os pais trazem isso como retorno positivo sobre uma palavra, um conceito, uma brincadeira.</i></p> <p><i>(...)Nas escolas grandes, eu tenho reuniões semanais, hora paga. Nessas reuniões acontecem os feedbacks.</i></p>
<i>Doug</i>	<p><i>(...)Eu tenho retorno informal dos professores que às vezes vem te dizer: 'ah, foi tão legal aquela aula, que eles ficaram cantando'.</i></p> <p><i>(...)E quando tu vê que é uma aula que deu certo, que foi legal, as crianças dão retorno.</i></p> <p><i>(...)O retorno é na sutileza. É no pátio, é no corredor. Dos alunos, né? Eles cantando, trazendo ideias.</i></p> <p><i>(...)Dos pais é quando eles vêm te abordar: 'ah, tu cantou uma música desse jeito, como é, e tal'.</i></p> <p><i>(...)A gente participa de reunião de pais no início do ano, só.</i></p> <p><i>(...)...quando as avaliações são entregues para os pais, os especializados ficam à disposição, pra conversar. Mas normalmente não vem pai falar com a gente.</i></p> <p><i>(...)E a escola me avalia no final do ano. No último dia de aula, as coordenadoras te chamam e fazem uma avaliação do ano, o que foi legal e o que não foi.</i></p> <p><i>(...)E quando se tem um grande evento, durante o ano, festa junina, por exemplo, se faz uma avaliação do que foi legal e do que não foi.</i></p>

Fonte: Ramos (2015).

Quanto ao retorno recebido pelos professores:

- 3 dos 5 entrevistados destacou o retorno direto das crianças, por meio de verbalizações e gestos de afetividade.
- No que diz respeito às instituições de ensino, 4 professores disseram ter retornos frequentes das coordenações e/ou direções.
- Quanto às professoras regentes de turma, os 5 afirmaram terem feedbacks informais, porém frequentes, quando elogiam uma atividade ou quando os alunos estão cantando uma música nova em aula.

- No que diz respeito às famílias, todos afirmaram receberem retornos informais, nos corredores da escola ou datas comemorativas da escola, quando os pais contam que seu (sua) filho (a) cantou tal música, ou que sabia identificar um instrumento, entre outros.

**Pergunta 6:** *Que aspectos não podem faltar numa aula de música na educação infantil?*

Nesta última pergunta, convidei os entrevistados a destacarem os principais aspectos que precisam estar presentes nas aulas de Música, na etapa da EI. Acabaram retomando alguns pontos já mencionados anteriormente, em outras perguntas, e lembrando de outros.

Destacamos, a seguir, os aspectos que apareceram em mais de uma entrevista:

Quadro 12 - Principais aspectos que precisam estar presentes nas aulas de Música

<b>Entrevistado</b>	<b>Aspectos recorrentes</b>
<i>Paul</i>	<p>(...)Vejo que o canto é fundamental.</p> <p>(...)Tem também a coordenação rítmica.</p> <p>(...)Exercitarem isso, explorarem o corpo como recurso rítmico.</p> <p>(...)Brincadeiras, jogos em grupo.</p> <p>(...)A questão do movimento.</p> <p>(...)Mas imprescindível pra mim é que eles cantem trabalhem melodia, ritmo, aprendam sobre os instrumentos. a relação de sons, timbres, instrumentos.</p>
<i>Elis</i>	<p>(...)Primeiro tu tem que aprender que o corpo é instrumento musical por excelência e descobrir as possibilidades que teu corpo pode oferecer.</p> <p>(... )Não pode faltar esse corpo que canta e que pode produzir sons.</p> <p>(...) Eles não são estimulados a emitir sons, cantar, ser espontâneos. Falta essa espontaneidade. Eu preciso dessa espontaneidade.</p> <p>(...) E amar o que faz. Eu só posso te dizer que isso faz a diferença. Um aluno traz uma ideia e tu acolhe aquilo e faz acontecer o negócio. Isso é maravilhoso.</p> <p>(...) Não pode faltar um repertório que eles se identifiquem, mas que ao mesmo tempo seja construtivo. Tenha uma qualidade musical sonora.</p> <p>(...)... a respiração, o cantar e emitir sons, a espontaneidade, o repertório.</p> <p>(...) Eu acho que também é importante que o professor tenha uma formação pedagógica. Ele precisa saber da didática. Não adianta ser um bom instrumentista. Tem que saber dar aula. Tem que ser eclético.</p>

	<i>Que trabalhe o repertório brasileiro e de outras culturas, porque a música é uma linguagem universal.</i>
<i>Villa-lobos</i>	<p><i>(...) As crianças tem que ouvir, apreciar; tem que ser interpretes, cantar, tocar, fazer música; criar.</i></p> <p><i>(...) Eu já disse e repito. Criar é o mais difícil, mas eu me puxo para que eles contribuam e criem.</i></p> <p><i>(...) E o professor tem que estar muito atento, ter sensibilidade pra ver o que os alunos estão querendo. Tem que ter flexibilidade. Tem que perceber quando tem que mudar o rumo da prosa.</i></p> <p><i>(...) Início a aula com minhas ideias e ela vai tomar o rumo que as crianças vão dando.</i></p>
<i>Lobos</i>	<p><i>(...) Corpo. Se tu não trabalhar com o corpo, abandona a Educação Infantil. Isso é extremamente importante.</i></p> <p><i>(...)A gente tem que trabalhar com dinâmicas muito diferentes. Essas dinâmicas mostram pra criança do que ela é capaz, das maneiras diferentes de enxergar essas propostas, enxergar seu aprendizado e ter visões diferentes do mundo.</i></p> <p><i>(...)Não pode faltar numa aula de Música de Educação infantil a questão escuta musical.</i></p> <p><i>(...)Também não pode faltar paciência. Tu precisas carinho com essa criança.</i></p> <p><i>(...)Tu tens que ter um bom planejamento. Se tu não tem, tu não vais conseguir. Tu tens que saber o que e como tu vai ensinar.</i></p> <p><i>(...)Tem que ter feeling. As vezes tu não vais conseguir fazer aquilo que tu planejou, mas tu vais ter que dar um balão pra depois chegar lá.</i></p> <p><i>(...)Não pode faltar também o canto. Através do canto a criança sabe que ela tem uma voz.</i></p> <p><i>(...)Tu vais ensinar a melodia, o ritmo.</i></p> <p><i>(...)Uma coisa interessante é que muitas pessoas que fazem a faculdade tem o conhecimento musical, mas não tem o conhecimento da aprendizagem e de como vão ensinar.</i></p> <p><i>(...)Outra coisa fundamental pra um ser humano que ensina é ler.</i></p>
<i>Doug</i>	<p><i>(...)Tem que ter ludicidade, a música antes de tudo.</i></p> <p><i>(...)Tem que ter objetivo do professor muito claro. Tu tem que saber onde tu quer chegar.</i></p> <p><i>(...)E tem que oportunizar que a criança se coloque nessa aula. Que ela se aproprie do espaço, dos materiais. Ela tem que ter tomada de decisão, fazer escolhas.</i></p> <p><i>(...)A brincadeira, mesmo sendo divertida, tem uma organização.</i></p> <p><i>(...)O professor tem que saber qual é o repertório adequado. Antes eu não achava isso importante. Eu achava que tinha que fazer o que as crianças queriam e conheciam. Mas a aula de música tem que ampliar o repertório do aluno.</i></p> <p><i>(...)Bom, mas outra coisa que não pode faltar, de jeito nenhum é o corpo. A criança é muito corporal. Experimentar diferentes ritmos, andamentos, sons usando o corpo é muito importante.</i></p> <p><i>(...)A gente tem que fazer uma educação do ouvido. A gente precisa de referências pra poder apreciar a arte.</i></p>

Fonte: Ramos (2015).

Durante as entrevistas, deixei o roteiro impresso sobre a mesa, para que os respondentes pudessem acompanhar o andamento das mesmas. Quando chegamos nessa pergunta, percebi por meio das expressões faciais dos entrevistados que o tempo estava realmente se esgotando, pois, tanto na entrevista que durou menos de uma hora quanto na que durou mais de duas horas, cada um falou, do seu jeito, sobre tudo o que julgava importante, uns mais detalhadamente, outros sucintamente. E essa é uma das características de pesquisas com pessoas: a diversidade dos dados que iremos encontrar, pois cada ser carrega em si sua história, crenças e expectativas. Assim, quando chegamos a esta questão, todos foram breves, mesmo os que se dedicaram a falar minuciosamente sobre outros aspectos, em outras perguntas.

Assim, destacamos que:

- O canto apareceu em todas as entrevistas, como fundamental para uma boa aula de Música.
- O corpo, enquanto produtor de sonoridades e reproduzidor de ritmos e andamentos, da mesma forma, foi mencionado como condição para uma aprendizagem significativa.
- O caráter lúdico também aparece, como em questões anteriores.
- A escuta musical também foi descrita como importante para essa aula: mais do que ouvir, sugere uma apreciação, ou seja, buscar na memória outras vivências que ajudem a compreender aquela melodia, letra de música, aquelas sonoridades.
- A questão da ampliação de repertório, partindo do que as crianças trazem, indo em busca de novas experiências musicais.
- No que diz respeito ao professor, 3 professores destacam a questão do planejamento como importante, mas o saber ‘improvisar’ de igual forma, para que as contribuições dos estudantes possam ser ouvidas, apreciadas e acolhidas, na medida do possível.

A partir destas análises, que procuraram reduzir os dados ao que se mostrou recorrente, partimos para a categorização dos achados como estratégia metodológica de organizar os dados por semelhança. As palavras e ou expressões foram quantificadas de acordo com a frequência que apareceram nas entrevistas. Como foram 5 entrevistados que trabalham em 8 escolas, em algumas questões apareceram números superiores a 5, visto que cada professor falou da(s) escola(s) em que atua. Lembramos aqui que um professor atua em 3 escolas, outro em 2 e os outros três em uma, cada um.

Abaixo, seguem as categorias que destacamos das falas dos entrevistados:

Quadro 13 - Categorização dos achados

Formação e experiências profissionais	Estudo de instrumento na infância e/ou adolescência: 5 Cursos anteriores (em outras áreas): 4 Questionamentos quanto ao ser professor: 4 Licenciatura em música: 5 Afinidade com a EI: 5 Especialização: 2 Magistério: 3
Características da criança da EI	Agitação: 3 Função da família delegada à escola: 2 Famílias desestruturadas/Falta de limite /: 5 Informada/Informatizada: 2 Egocêntricas/Individualista: 2 Falta de experiências do brincar: 2 Casos de autismo/hiperatividade/problemas emocionais: 3
Espaço físico e recursos para a aula de Música	Auditório/ sala ampla: 8 Projektor/internet: 5 Ter piano/teclado: 6 Falta de afinação do piano: 4 Instrumentos em má conservação: 3 Professor investe/leva instrumentos e materiais: 4 Confecção de instrumentos com as crianças: 2 Aparelho de som/caixa/amplificador: 3
Propostas musicais eficazes, segundo os professores	Parâmetros sonoros: 2 Trabalho com jogos/brincadeiras: 3 Instrumentos musicais: 2 Identificação de melodias/sons de instrumentos (pelo ouvir): 2 Planejamento passível de alterações, conforme ideias vindas das crianças: 5 Movimentação corporal: 3 Ampliação de repertório: 2 Canto: 4 Trabalho com a respiração: 2 Surpresa/ludicidade: 3 Apreciação/ouvir: 3
Feedback	Informal/pais e familiares: 5 Retornos positivos: 2 Retornos negativos: 2 Retorno das crianças: 3 Outros professores: 5 Institucional: 5
Aspectos fundamentais para a aula de Música	Canto: 3 Trabalho com o corpo: 5 Brincadeiras/jogos: 4 Acolher as ideias das crianças: 3 Ampliação de repertório: 2

	Formação pedagógica do professor: 2 Escuta/apreciação: 2
--	---

Fonte: Ramos (2015).

Após a preparação do roteiro, o contato com os educadores musicais, realização das entrevistas, a gravação das mesmas, a leitura (e releitura) do que foi expresso, da classificação em aspectos objetivos/descritivos subjetivos, a análise de cada pergunta e das respostas dos entrevistados, chegamos a este quadro, que nos aponta os principais aspectos da investigação. Quer dizer, como se pode observar, vários das palavras e/ou expressões se repetem, ao menos em dois dos entrevistados.

Se classificarmos quantitativamente, teríamos, em ordem decrescente, em primeiro lugar, a menção de todos os entrevistados de que as 8 escolas em que trabalham possuem um auditório ou sala ampla para a prática musical. Nesse aspecto, percebemos que os entrevistados ressaltaram a importância de terem à disposição, um espaço amplo para que possam desenvolver as aulas de Música, na EI. Que, prioriza o trabalho com os seguintes aspectos:

- Com o corpo (aparece em destaque em mais de uma pergunta, em todas as entrevistas e para isso é fundamental um espaço amplo);
- Com a ludicidade (também foi elencado como prioridade por todos os entrevistados, seja relacionado à jogos e brincadeiras, contação de histórias, surpresas, apreciação, entre outros – também justifica a necessidade do espaço mencionado);
- Com a ampliação do repertório (aparece, assim nomeada, em 2 dos respondentes, mas entremeadado nas falas, todos os entrevistados destacam que é preciso ouvir músicas de diferentes gêneros e épocas da História Mundial – para se deslocar, para ouvir, para brincar com a música, mais uma vez o espaço é fundamental);
- Com o canto (nesse aspecto também se destacou que para cantar, o corpo todo precisa aquecer, movimentar-se, “sentir” as sonoridades vocais possíveis);
- Com instrumentos musicais e aparelhos tecnológicos (na maioria das escolas há piano e/ou teclado e instrumentos de percussão e estes precisam de espaço para serem organizados para as práticas, bem como telão, internet à disposição, ipad ou computador);
- Com a respiração (fundamental para o canto, necessita ser trabalhada a partir da consciência corporal, que, por sua vez, serão mais eficazes em locais apropriados).

Como vimos, as palavras e/ou expressões de repetem, se complementam e comunicam entre si, o que nos permite refletir que todos os entrevistados, mesmo que cada um com características marcantes e únicas, pensam da mesma forma no que diz respeito às propostas e aos espaços (e materiais) necessários para práticas pedagógico-musicais eficazes.

Destacamos, ainda, que, no que diz respeito à visão dos professores entrevistados quanto à criança que chega, na atualidade, às escolas, todos apontaram a agitação e/ou caos diagnosticados de hiperatividade e autismo, como um dos fatores constatado por eles e motivo de investimento em propostas que envolvam, que canalizem essa ‘agitação’ e/ou falta de atenção, para aprendizagens musicais corporais e, ao mesmo tempo, consigam propor momentos de apreciação, de escuta, de ouvir-se e ao outro.

Quanto aos feedbacks, vimos que os profissionais tem tido retornos das Instituições (na maioria das escolas), dos colegas (professores titulares e/ou da Música), dos familiares (informalmente, citado em todos os casos) e das crianças (em sala de aula, por meio da fala, de gestos e/ou expressões de afeto).

Sobre a formação, todos os entrevistados são licenciados ou estão terminando o curso de Licenciatura em Música (um em Artes – habilitação Musical) e destacaram a importância de estar sempre em busca de cursos na área específica ou afins. Todos também citaram sua afinidade com a Música, desde pequenos e a aproximação do magistério na idade adulta (apenas um dos entrevistados escolheu a Licenciatura em Música na primeira experiência acadêmica).

Assim, ficou evidente o perfil destes profissionais, ligados à Música como arte e como proposição pedagógica, que investem em formação e em propostas cada vez mais desafiadoras para as crianças da EI. Nos deram subsídios para refletir sobre como as crianças aprendem Música e do que elas necessitam para desenvolver suas habilidades relacionadas à essa linguagem expressiva.

*(...) E assim chegar e partir*

*São só dois lados*

*Da mesma viagem*

*O trem que chega*

*É o mesmo trem da partida*

*A hora do encontro*

*É também despedida*

*A plataforma dessa estação*

*É a vida desse meu lugar (...)*

(Encontros e despedidas

Milton Nascimento)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo final que encerra didaticamente esta dissertação, retomamos o propósito desta investigação e os objetivos que estabelecemos. Podemos dizer que, a partir das leituras prévias, das entrevistas e análises das mesmas, encontramos respostas para os questionamentos

iniciais, que poderão nortear nossos caminhos futuros. Mas neste momento, peço licença para chamar a atenção e lembrar que antes de cada capítulo, um recorte de uma música foi citado como epígrafe. Como uma forma de homenagem à MPB, escolhi algumas das canções que embalsaram minha vida, que, desde pequena, tinha uma ligação com a Música, enquanto arte, enquanto expressão.

Antes da Introdução, que contou como iniciou essa pesquisa, trouxe as palavras de Gonzaguinha que fala da criança e da possibilidade de reflexão sobre o que fazemos e o que mais tarde será o eco desses feitos: *Ontem um menino que brincava me falou/ Que hoje é semente do amanhã/ Para não ter medo que esse tempo vá passar/ Não se desespere, nem pare de sonhar (...)*. A simplicidade das palavras infantis se fez minha fiel companheira. Iniciar uma pesquisa, encontrar um tema significativo e ao mesmo tempo que tivesse relevância, traçar os objetivos, definir e contatar os entrevistados, realizar as entrevistas, analisá-las não foram tarefas fáceis. É preciso acreditar e sonhar. E foi assim que a caminhada foi seguindo adiante.

No capítulo 2 que conta a história da minha vida relacionada à Música, à formação e atividade profissional, escolhi Milton Nascimento para reafirmar que, a todo instante, a criança que há dentro de mim se faz presente, para que a curiosidade e espontaneidade não se percam: *Há um menino, há um moleque/Morando sempre no meu coração/Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão (...)*. História de vida da professora que ora se faz pesquisadora.

Seguindo a jornada, escolhi os versos de George Israel e Paula Toller (*band líder* do Kid Abelha, musa inspiradora de minha adolescência) para ajudar a pensarmos nos detalhes dessa pesquisa. Tudo precisava ser pensado, observado, refletido, como quem ouve os sons presentes em lugares impensados: (...). *Vamos falar mais baixo/ Vamos parar pra escutar o bum-bum do tambor/ Um abacateiro em flor (...)*. A força da sonoridade do tambor, como algo facilmente ouvido e a sutileza de ouvir uma flor desabrochando (será possível?) nos ajudou apensar sobre as questões que moveram essa investigação e a problemática que perseguiríamos, traçando, assim, os caminhos, pensando em todos os aspectos que pudessem nos auxiliar nessa empreitada.

No quarto capítulo, buscamos na literatura sobre o tema e na história da Música na escola, no Brasil, o embasamento teórico para essa pesquisa. Os versos de Gonzaguinha (sim, novamente ele, um dos compositores que mais admiro), traz a brincadeira de roda como possibilidade de trabalho em conjunto, como partilhamento, resgate da história: *Como se fora*

*brincadeira de roda, memória/ Jogo do trabalho na dança das mãos macias/ O suor dos corpos na canção da vida, história/O suor da vida no calor de irmãos, magia (...).*

A metodologia descrita no capítulo 5 traçou as metas e apontou os caminhos para em seguida mostrar o material coletado e analisá-lo. Almir Sater e Renato Teixeira compuseram a canção Tocando em frente, que me serviu de alicerce para não perder o rumo da pesquisa: *Ando devagar porque já tive pressa/ E levo esse sorriso porque já chorei demais/ Cada um de nós compõe a sua história/ E cada ser em si carrega o dom de ser capaz/ E ser feliz(...)*. Seguir em frente e escrever a própria história... A cada entrevista, a cada escrita, a cada reflexão, a cada sugestão por parte de minhas orientadoras, vinham muitos questionamentos e junto uma certeza: estou compondo (e recompondo) minha história como professora de Música, pesquisadora, estudante, mulher, mãe, filha, ser social que quer fazer algo para ajudar o mundo a ser melhor. E, se neste momento tenho a possibilidade de refletir sobre a Educação Musical na EI, sei que posso contribuir para que outros também o façam.

Chegamos aqui como alguém que recém desceu do trem (ou, quem sabe, como alguém que está partindo para outras viagens), nessa estação que é a vida. Na voz de Maria Rita, essa composição de Milton Nascimento (ele, novamente) nos convida a refletir que nossa vida é feita de escolhas e que um mesmo momento pode representar várias (e diferentes) possibilidades. (...). *A hora do encontro/ É também despedida/ A plataforma dessa estação/ É a vida desse meu lugar (...)*.

Recorte musical realizado (eu precisava escrever sobre esses significados para mim), passamos a destacar o que encontramos nessa investigação, que buscava saber *como acontecem as aprendizagens musicais, em 8 Escolas Regulares da Rede Privada de Porto Alegre, na etapa da Educação Infantil, na perspectiva do professor?*.

A cada questão respondida pelos professores entrevistados, destacamos o que de recorrente e significativo apareceu, no que diz respeito à proximidade da pergunta de pesquisa.

Iniciamos convidando os entrevistados a contarem sobre sua formação e observamos que quanto à ligação destes com a Música, todos disseram tocar algum instrumento, desde crianças ou jovens e que frequentavam escolas e ambientes que influenciaram em suas aprendizagens musicais. Verificamos, assim, que a totalidade dos nossos sujeitos de pesquisa referiram sua ligação com a Música mesmo antes de pensarem em suas formações e trajetórias profissionais. Ao contrário, quatro (4) dos cinco (5) entrevistados verbalizaram que buscaram outros cursos antes de se dedicarem à Licenciatura em Música, ou seja, o fazer musical estava ligado à cultura, a uma demanda de ordem pessoal que, num primeiro momento, não foi

identificada como possibilidade de carreira. Vimos que todos se graduaram (3 completaram e 2 estão concluindo) em cursos de Licenciatura ligados à Música. Começaram a trabalhar dando aulas particulares de instrumento e/ou em escolas de EI mais por oportunidade do que por escolha e ao longo de suas trajetórias de identificaram com o trabalho como professores na faixa etária dos 0 aos 6 anos, tendo essa como sua principal área de atuação. Assim, traçamos o perfil de um educador musical que é, ao mesmo tempo, músico e professor, que busca continuamente sua formação e que se identifica com a etapa da EI.

Em seguida, pedimos que cada um dissesse como vê a criança que chega, na atualidade, na escola, quais as características que a definem. A questão da agitação apareceu, na maioria (3) das entrevistas, de maneira explícita. Falaram sobre como essa característica acaba influenciando em seus planejamentos e afazeres docentes. A falta de limite dos pais, em relação aos seus filhos, apareceu em todas as respostas, e, em consequência, essa criança chega a escola carente de regras, organização e limites. Referiram, também, na maioria, que o aumento de estudantes diagnosticados e, em alguns casos, medicados, é grande e que também precisam de um olhar especial. E essa criança, além dessas características, traz a questão de não ser autônoma no que diz respeito ao saber brincar e dividir espaços, brinquedos e atenções como importante fator para que sejam planejadas situações de aprendizagem lúdicas, que propiciem o brincar coletivo, o respeito, o cumprimento de regras.

Logo a seguir, convidamos os professores a contar como são os espaços que ocupam para desenvolver as atividades, que materiais têm à disposição, recursos, entre outros. Aqui, os cinco (5) entrevistados afirmaram que, nas oito (8) escolas em que lecionam tem salas amplas e/ou auditórios a sua disposição, embora, em alguns casos, tenham que dividir esses espaços com outros profissionais. Na maioria das escolas está presente o recurso de internet, data show e telão, o que foi citado como facilitador de buscar referências musicais na hora em que aparece um questionamento, uma curiosidade ou para trazer clipes previamente selecionados. Os instrumentos musicais, principalmente os de percussão, fazem parte do acervo, mas, na maioria das escolas, não tem a devida manutenção e/ou substituição necessários. Os professores entrevistados disseram investir em materiais e, na maioria afirmaram levar para as aulas seus recursos particulares como instrumentos, cds, dvds e materiais alternativos. Na maioria das escolas há um (ou mais) pianos, mas, em todas essas ele não tem uma periodicidade de afinação (o ideal seria uma revisão de, ao menos, uma vez no ano).

Quanto às propostas musicais que desenvolvem, em especial as que julgam ser eficazes, todos os entrevistados contaram suas vivências. Os parâmetros sonoros (timbre, altura, duração

e intensidade) foram citados por dois (2) dos entrevistados, que disseram realizar jogos e brincadeiras para que as crianças vivenciem esse conteúdo musical. Apareceu, também, a questão dos instrumentos musicais a nível de exploração, nomeação e classificação em famílias (cordas, sopro e percussão), na maioria dos professores. A importância do corpo apareceu em todas as respostas, no que diz respeito à organização espacial, à coordenação rítmica, à sonoridades corporais. Também foi destacado, pela maioria, que é preciso que haja uma movimentação corporal na aula de Música, pois a criança constrói suas ideias por meio dessa vivência. O trabalho com a voz, cuidados, aquecimento e possibilidades sonoras, apareceu em 2 dos professores, de maneira explícita, mas todos referendaram que o canto não pode faltar. A ludicidade aparece, novamente, nas respostas dos entrevistados como importante fator a ser considerado. As histórias, os jogos e brincadeiras, o desenho, as surpresas, o convite ao faz de contas, são matérias primas do universo infantil e, por isso, não podem ficar de fora das aulas de música planejadas por esses professores.

Na questão que segue, perguntamos como eram os retornos a respeito do trabalho realizado e os entrevistados responderam, na sua totalidade, que os principais feedbacks são dados pelos familiares, informalmente, ao encontrarem os professores em festividades, eventos ou pelos corredores das escolas. O retorno das crianças, em aula, por meio da verbalização ou de gestos de afetividade foi citado pela maioria dos professores, que contou tirar, daí, uma base para saber se está no caminho certo, se as crianças estão apreciando e aprendendo. As instituições de ensino nas quais nossos entrevistados trabalham, dão retornos, na sua maioria, periodicamente e, quando acontece, situações de queixas, por exemplo, os professores são chamados pelas coordenações e/ou direções, para explicarem, refletirem e repensarem suas práticas. Na EI, as professoras regentes e/ou auxiliares acompanham os professores especializados, nas aulas, na maioria dos casos e acabam dando feedbacks sobre atividades que agradaram, músicas que as crianças continuam cantando fora da aula e mesmo sobre conceitos que aprenderam e empregam em situações diversas.

Na última questão, como referi anteriormente, os entrevistados demonstraram que o nosso tempo estava se esgotando. Resgataram algumas falas e destacaram o que não pode faltar em uma aula de Música. A questão do canto, do trabalho com o corpo, da ludicidade (brincadeiras e jogos), apareceram, novamente, pois já haviam sido citadas nas perguntas anteriores. O que aqui aparece de novo é a questão da ampliação de repertório, destacada por dois (2) dos entrevistados como fundamental, para que conheçam outras possibilidades musicais que não somente o folclore ou a música veiculada pela mídia. A importância da escuta,

de educar o ouvido para apreciar, pois é mais do que ouvir: apreciar é procurar o significado, é tentar ouvir que instrumentos estão presentes naquela peça musical, se há vozes, se nos traz sensações, sentimentos de alegria, medo, angústia, euforia. A escuta do professor em relação à criança também é citada por três (3) dos entrevistados, como forma de acolhimento, de respeito às suas ideias, de possibilidade de autoria e protagonismo da criança frente às aprendizagens. A questão da formação e do planejamento do professor também foram citadas, para que o professor possa atuar, com conhecimento e improvisar, sempre que necessário. Em Música, um instrumentista ou um cantor só improvisa quando tem conhecimento aprofundado. Em educação, não deve ser diferente.

Assim, chegamos ao fim dessa pesquisa com respostas ao que buscávamos, mas, além disso, várias outras perguntas para as próximas jornadas. O assunto está longe de se esgotar, pois aqui priorizamos a luz sobre alguns dos aspectos que julgamos relevantes.

A escolha por ouvir os professores foi para que pudéssemos dar voz aos educadores que estão atuando nas classes de EI, no componente curricular relacionado à Música, além de sabermos destas suas concepções sobre a educação musical, a infância, a importância das suas propostas para a criança.

Dessa forma, esperamos ter contribuído para o debate sobre o tema da Educação Musical, na etapa inicial da escolarização do indivíduo, numa época em que muito se fala em exames classificatórios, avaliações institucionais, índices nacionais e internacionais. Nesse contexto, não temos como deixar de mencionar uma pergunta para a qual ainda não temos todas as respostas, mas que merece ser ressaltada como forma de ajudar a refletir: qual o papel da Educação Musical na formação da criança?

## REFERÊNCIAS

AKOSCHKY, Judith et al. **La música em la escuela infantil(0–6)**. Barcelona: Graó, 2008.

AMATO, Rita de Cassia Fucci. **Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de música na educação básica brasileira**. Disponível em: <[http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/12/files/OPUS\\_12\\_Amato.pdf](http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/12/files/OPUS_12_Amato.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2014

BEYER, Esther (Org.). **Ideias em educação musical**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em : <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/noticias>>. Acesso em : 21 jun. 2014

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC,SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e Movimento**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas em fios**: um ensaio sobre música e educação. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

FREIRE, Madalena. **Primavera Madalena**. Porto Alegre : Prefeitura Municipal/Secretaria Municipal de Educação/Divisão de Educação Escola, 1989

GONZAGUINHA. **Nunca pare de sonhar (Sementes do amanhã)**. Interprete: Gonzaguinha. Álbum: Grávido; EMI, 1984.

GONZAGUINHA. **Redescobrir**. Interprete: GONZAGUINHA. Álbum: Coisa Mais Maior de Grande - Pessoa; EMI, 1981.

ISRAEL, George; TOLLER, Paula. **Gilmarley Song**. Interprete : TOLLER, Paula. Álbum : Acústico MTV - Kid Abelha, 2002.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem (Org). **Expressão musical na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MATOS, Silvana Longueira. Los retos educativos en la sociedad del conocimiento : aproximación a las aportaciones desde el ámbito de la educación musical. In :

MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2 ed. rev. Ijuí : Ed. Unijuí, 2011.

MICHAELIS. **Guia prático da nova ortografia**. Disponível em : <<http://michaelis.uol.com.br/novaortografia.php>>. Acesso em : 14 dez 2015.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Bola de meia, bola de gude**. Intérprete: NASCIMENTO, Milton. Álbum: Amigo, 1995.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Encontros e despedidas**. Intérprete: RITA, Maria. Albúm: Maria Rita, 2003.

PECKER, Paula Cavagni. Música na Educação Infantil. In : FARIAS, Cecília Maria Martins (Org). **A educação infantil e seus contextos**.. Porto Alegre, RS: Carta Editora e Comunicação, 2012

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2009.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

TEIXEIRA, Renato; SATER, Almir. Tocando em frente. Intérprete: SATER, Almir. Albúm: Almir Sater Ao Vivo, 1992.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução Daniel Grassi. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

**ANEXO 1****ENTREVISTA****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO

IDADE: \_\_\_\_\_

ANOS DE ATUAÇÃO COMO PROFESSOR (A) DE MÚSICA: \_\_\_\_\_

CODINOME MUSICAL PELO QUAL GOSTARIA DE SER IDENTIFICADO NA PESQUISA (NOME DE UM CANTOR, MÚSICO, EDUCADOR MUSICAL...):

---

1. FALE SOBRE SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL (FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS ANTERIORES, OCUPAÇÃO ATUAL).

2. COMO VOCÊ VÊ A CRIANÇA QUE CHEGA, HOJE, NA ESCOLA? QUAIS AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DESTA CRIANÇA?

3. COMO É O ESPAÇO FÍSICO NO QUAL DESENVOLVES AS AULAS? QUE MATERIAIS TENS À DISPOSIÇÃO NA ESCOLA?

4. CONTE ALGUMAS DAS PROPOSTAS, APLICADAS POR VOCÊ EM CLASSES DE EDUCAÇÃO INFANTIL, QUE CONSIDERAS EFICAZES NO QUE DIZ RESPEITO À APRENDIZAGEM MUSICAL? O QUE TE LEVA A TER ESSA VISÃO?

5. COMO É O RETORNO DOS ESTUDANTES, PAIS E DEMAIS EDUCADORES QUE TRABALHAM COM ESSA CRIANÇA? CONSEGUES TER UM FEED-BACK SOBRE TEU TRABALHO?

6. QUE ASPECTOS NÃO PODEM FALTAR NUMA AULA DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

## ANEXO 2

### Termo de consentimento livre e esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar como colaborador (a) de uma pesquisa sobre *as aprendizagens musicais na Educação Infantil sob a ótica do professor*. Após ser esclarecido (a) sobre as dúvidas e aceitando participar, assine, ao final das duas vias deste documento. Uma ficará com você e a outra ficará com a pesquisadora, Giane Ramos, orientada pela professora doutora Marta Luz Sisson de Castro e coorientada por Maria Inês Côrte Vitória. A pesquisa se intitula: *Aprendizagens Musicais em escolas da rede privada de Porto Alegre: com a palavra o professor* tem como objetivo *investigar como acontecem as aprendizagens musicais, em Escolas Regulares da Rede Privada de Porto Alegre, na etapa da Educação Infantil, na perspectiva do professor*.

As entrevistas serão gravadas em áudio, sem identificação do (a) colaborador (a) ou da Instituição educacional na qual trabalha como professor (a) de Música. Cada entrevistado (a) escolherá o nome de uma personalidade musical (instrumentista, cantor, compositor, educador musical) para fins de identificação e tabulação dos dados. A gravação ficará arquivada, sob a responsabilidade da pesquisadora, com acesso restrito. A pesquisa poderá ser utilizada para apresentação em eventos ou publicações científicas, não pretende trazer riscos nem oferece vantagem ou remuneração financeira. Em caso de dúvidas no decorrer do processo de pesquisa, entre em contato com Giane Ramos pelo e-mail: gica.ramos@hotmail.com ou pelo telefone (51) 99682396.

Eu, \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e mudar minha decisão de participar da pesquisa, se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo e que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

**Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.**

**Nome do (a)colaborador (a):** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**Codinome escolhido:** \_\_\_\_\_

Declaro que expliquei ao (à) participante da pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, a possibilidade de retirar-se da mesma sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

**Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.**

**Giane Ramos** (Pesquisadora Responsável - Mestranda em Educação pela PUC-RS)

**Assinatura:** \_\_\_\_\_